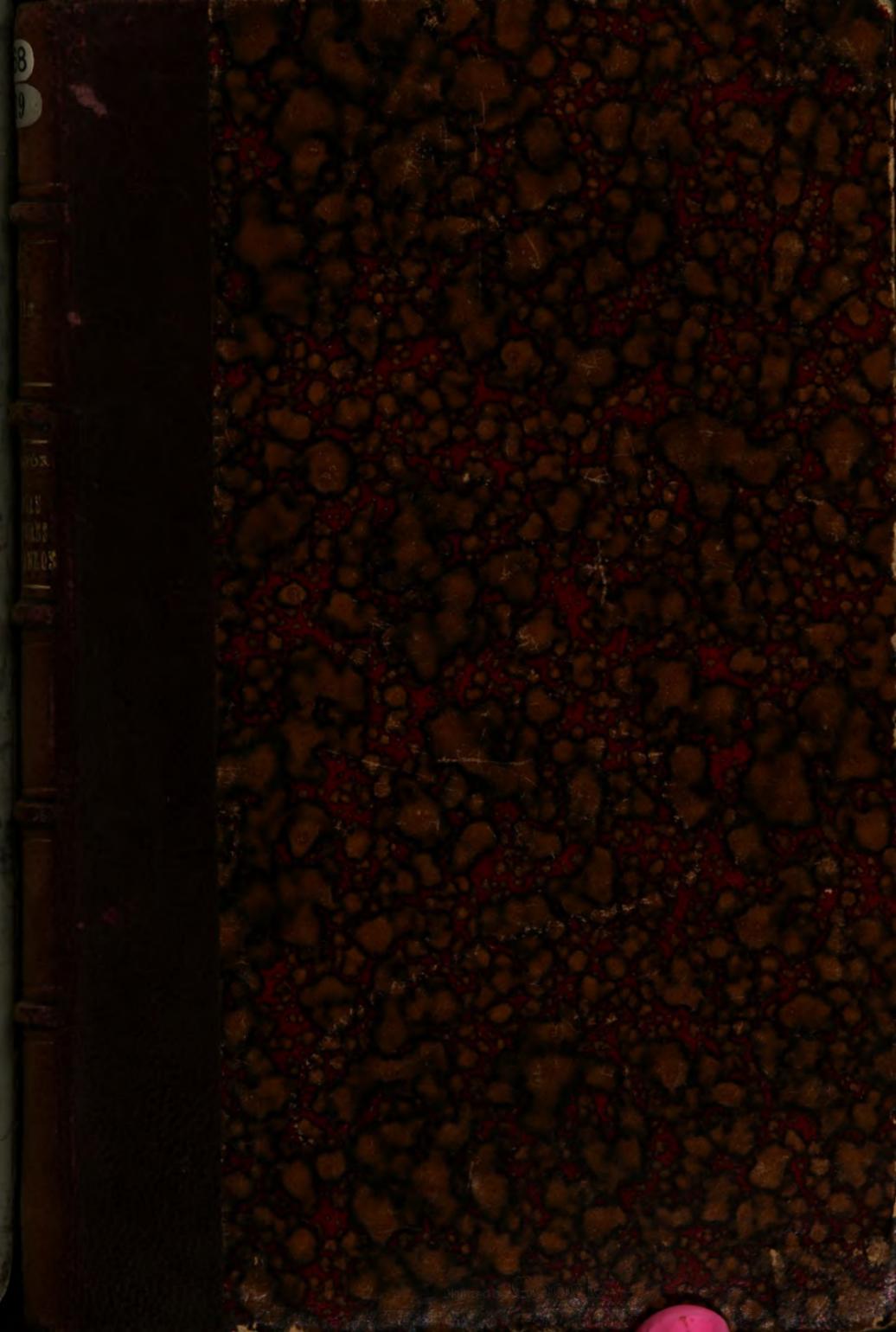


8
9

FOR
THE
LIBRARY



352



ESCF 9

1568 / 9019.

PHANTASIAS

■

ESCRITORES CONTEMPORANEOS

OBRAS DO MESMO AUTHOR

<i>Episodios e narrativas</i> (edição esgotada). 1 vol.....	500
<i>Impressões de viagem</i> (Paris, Londres, Andaluzia). 1 vol.....	500
<i>Vienna e a Exposição</i> . 1 vol.....	600
<i>Duas palavras sobre a Hespanha</i>	200
<i>Da influencia da liberdade da terra sobre a producção da riqueza</i>	200
<i>Phantasias e escriptores contemporaneos</i> . 1 vol.....	500



PHANTASIAS

E

ESCRITORES CONTEMPORANEOS

PELO

Visconde de Benalcantôr

Camillo Castello Branco
Luiseiro Chagas, Thomaz Ribeiro, Julio Diniz
Bulbão Lato, D. Thomaz de Mello

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON

96, Largo dos Clerigos, 98

PORTO

EUGENIO CHARDRON

4, Largo de S. Francisco, 4

BRAGA

1874



PORTO

TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA

62, Rua da Cancellia Velha, 62

1874

Na litteratura, como na natureza, ha campo aberto a uma gradação extensa de creações, desde as que symbolisam a magestade e a grandeza, até ás que vegetam sem ruido nem deslumbramentos, e luzem ephemeras como as phosphorencias das lagôas.

Do mesmo modo ainda que no mundo physico, — aonde as scenas e os aspectos severos das montanhas se alternam a miudo com os outeiros risonhos e os arroios serenos, e aonde, ás vezes, na mesma floresta o pachyderme agigantado passa arrogante por entre myriadas de animalculos, que só as lentes do microscopio descobrem, — assim a par dos livros graves podem germinar, nas mesmes da imaginação e do pensamento, as obras ligeiras.

Esta mesma diversidade de aspectos e de tamanhos servirá talvez a justificar a existencia do presente livro, em que se reuniram algumas d'essas composições do momento, que a onda inquieta das folhas volantes da imprensa quotidiana traz á babugem da maré, mas que o esquecimento do dia seguinte arrasta logo na resaca impetuosa.

Em quanto outros livros, mais solidamente tramados, aspiram a derramar a sciencia e a esparzir jorros de luz sobre os entendimentos, este volume alimenta apenas uma ambição, a de se *deixar lêr*, na phrase conceituosa de Madame de Sevigné a respeito d'um livro seu contemporaneo.

AVENTURAS D'UM POETA NEBULOSO

CARTAS RURAES

I

Valle d'Enxota-Tordos, 12 de dezembro.

Quem podia prevêr, meu amigo, que n'esta al-
dêa obscura e silenciosa, apenas animada a espa-
ços pelos rumores tímidos da maledicencia, espe-
cie d'arpejo de rebeca com surdina, haviam de
echoar as malquerenças que estão perturbando a
republica das letras, ha pouco tranquilla como a
de S. Marino, socegada como a superficie da ri-
beira d'este lugarejo ignorado por todas as aca-
demias de geographia?

Escrevo-lhe d'estas solidões agrestes sonda não
chegam os echos dos bailes e do theatro lyrico;
escrevo-lhe d'estas brenhas onde o *bailarico* e a
cana verde exprimem a coreographia local, e on-
de a musica, que nos deleita, é exclusivamente

ornithologica, tendo por interpretes as tutinegras e os môchos na espessura dos pinheiraes.

Quem me decidiu a reduzir a escripta o episodio occorrido ha poucos dias foi o bom do meu compadre Prudencio, authoridade de *peso* (sem allusão ás proporções de sua rotunda obesidade). Bom é que saiba, que o meu compadre cumula as funcções laboriosas de procurador de causas, de barbeiro e de alveitar com applauso dos respectivos clientes e a contento dos enfermos por quem reparte os desvelos da sua clinica.

E' possivel, porém, que a minha escripta se resinta da commoção d'espírito que produziram as scenas que vou referir-lhe, e que n'ella se reflecta, como n'um espelho inconsciente, o azedume da luta travada entre homens chãos e abonados por occasião das controversias litterarias recentemente levantadas na imprensa.

Para exacerbar as disposições hostis, a principio latentes, mas que depois raiaram em verdadeira conflagração, contribuiu a chegada d'um estudante da universidade, matriculado no primeiro anno de direito, e membro do instituto de Coimbra.

Ganharam as dragonas de marechal ao soldado raso de Minerva um estudo sobre o *absoluto* que parece uma amostra de *sanscrito* (tão arrevesado é) e uma memoria sobre a *eurhythmia* da lingua, traducção nada litteral (diz um calouro de theologia da terra, tambem estudante em Coimbra) em

que tudo foi traduzido, menos o pensamento do author allemão, cujo nome basta pronunciar-se para fazer bôlhas na lingua da gente.

O rapaz até nos trajos pitorescos de jornada, em que se apeou da egoa emprestada pelo escrivão de fazenda — egoa cujo chouto é tão incommodo como uma penhora — revela as tendencias do seu espirito.

Um chapéo esguio de fêltro á Salvador Rosa entre os bandidos; uma caçadeira avivada de vermelho, tendo por alamares fartas borlas de lã; uma cinta de sêda á laia de contrabandista, suspendendo do lado esquerdo um punhal e um rewolver — mas que nas mãos do dono tem a mansidão das pombas —; umas largas botas á Cromwell, e uma capa melodramaticamente embuçada, constituem os toques principaes d'este figurino ambulante.

Diz com entono, que á plastica humana só vai bem o typo dos salteadores de Schiller.

Ás raparigas, de que é padrinho na aldêa, põe invariavelmente o nome de Margaridas, e aos rapazes o de Faustos. Em oitocentos fogos, que tantos são os de Enxota-Tordos, já se contam oito Faustos e dez Margaridas.

Se o sol afogueia os pincaros da serra e projecta seus resplendores sobre a agua da ribeira de ouro, o nosso estudante mostra mau humor, encerra-se em casa, manda fechar portas e janellas, e faz do dia noite.

Sustenta que a intelligencia carece de trevas e de mysterio para se avigorar; que as idéas chovem do interior de uma cabeça, ás escuras, tão abundantes e caprichosas como stalactites penduradas dos reconcavos d'uma caverna; que o pensamento não é uma espiga qualquer para amadurecer aos raios do sol. Chama ao rei da luz vulgaridade astronomica, lustre de festa burgueza, artigo de fundo d'esse jornal immenso e azul, o céu. Não gosta do céu retinto na purpura da aurora matinal; parece-lhe prosaico, grosseiro, sa-loio.

O céu côr de pello de morcego é o seu ideal.

Em philosophia estuda Schelling, Hegel, e Feuerbach. Em poesia nunca conheceu senão o Rosendo. Em historia leu dous capitulos de Michelet, e um de Luiz Blanc. Em religião leu-se a si mesmo.

Mergulha, horas inteiras, nas concepções cavas e fundas, como balde em poço, chamando-lhes « cisternas da idéa. » O padre-cura, pouco evangelico em perdoar offensas ao bom senso, pediu ao nosso germanista, que substituisse a expressão pela de « carvoeiras do pensamento. »

Acordou uma manhã o entusiasta dos céos de breu com duas empôlas n'um braço, rasto de certo de aranhão peçonhento. O nosso homem mostrou-as por toda a parte, afirmando ser obra de vampiro nocturno, dos quaes conta que chupam o



sangue ás creaturas, quer deitadas na cama, quer bem mortas no fundo das sepulturas.

Sabe historias medonhas e intimas de vampiros, como quem os tem de casa. Acredita nos malficios d'estas e outras passarolas, como na propria identidade do *eu*. Em feiticeiras, anãos e koboldos nem fallemos.

Sabe de cór a demonologia do doutor Nicolau Remigio, lendas tetricas de bruxas, de duendes, e de carochas, historias horripilantes de magia, esconjuros, sinas, e artes más do demonio.

Sorriem-lhe os dias nevoentos, as ventanias, os tufões, que torcem e arrancam pela raiz as arvores da encosta. Compraz-se, diz elle, em ser aflagado nas faces pelo Satanaz invisivel da tormenta. Parece ter tido por pai um pé de vento, tal é o affecto filial que lhe consagra. Exulta, quando vê o mar debater-se phrenetico debaixo d'um sudario de brumas (assim se exprime na pompa de sua linguagem).

Embriagam-no as symphonias medonhas da procella, deleita-se com o estrepito das tormentas que se despenham do viso dos montes enfurecidas, mugidôras, loucas. Em questões meteorologicas é francamente *sans-culotte*, jacobino declarado e sem re-folhos. Detesta a escóla ordeira dos astrós que giram serenos nas suas orbitas, e não supporta de fórma nenhuma o equilibrio dos poderes atmos-

phericos, por lhe parecer um reflexo dos equilibrios politicos da constituição ingleza, origem d'esses governos bastardos, filhos sacrilegos do absolutismo illustrado e da democracia bonacheirona que com tudo se contenta, com tanto que lhe mettam nas mãos a cana verde de uma soberania nominal.

A alegria indiscreta, com que festeja os encantos das tempestades, já tem alienado do nosso heroe as sympathias dos lavradores pacatos, que preferem, coitados! céo bonançoso e tempo ameno a quaesquer tempestades mais ou menos sonoras.

O que porém mais contribuiu para indispôr com toda esta gente o pensador novel, foi o desplante com que, no ultimo dia santo, em pleno adro da igreja, depois da missa, altercou com o juiz ordinario, homem de juizo e sinceramente religioso, fulminando a abjecção do culto a Deus, que taxou de humilhação ignobil por ser indigno pretender resuscitar um cadaver, enterrado de ha muito pela razão theorica, concluindo a final, que Deus não passava de um phantasma.

— Phantasma me parece a mim quem lh'o chama. Só quem anda embruxado e tem ajustes com o demo é que profere d'essas heresias! — retorquiu fulo de colera o homem que havia muito não sentira correr-lhe pelas veias o fogo da indignação. — Em vez d'estudarem leis estes meninos — continuou — para aproveitar a si e aos outros, não apren-

dem senão toleimas. Forte lastima! e para isto moem a paciencia dos paes e sugam-lhes as mezadas arranjadas, sabe Deus, com que sacrificios.

Entre os lavradores circumstantes resoava um borborinho desaprovador.

Um d'elles, bem apessoado e largo de hombros, valentão coroadado nos gymnasios da choupa e do varapau, perfilou-se com o estudante, que respondia com posições olympicas de affectado desdem aos gestos bellicosos, e chamou-lhe palhaço das duzias!

As vaias succediam-se em todas as boccas n'um *crescendo* ameaçador. Todos os rostos traduziam exasperação e furor. Crescia embravecida a vaga das chufas; os grupos dos aldeões envolviam n'um circulo tão apertado o garraio tresmalhado das manadas de Feuerbach, que o nosso heroe viu-se forçado a renunciar aos artificios da scena muda. Ensaizando um sorriso entre enfastiado e sarcastico, medindo com olhar insolente a turba-mulda, rompeu com vehemencia n'uma girandola de erudição philosophica:

— Desprézo como devo — exclamou — os insultos asininos, zurrados não contra mim, a quem a dignidade do homem moderno e a consciencia soberana do intellecto suspendem sobre os cocurutos inacessiveis do orgulho, como a tempestade sustem a aguia em cima das nuvens gravidas do raio!

— O homem está assim a modo de doudo. Olá

se está! Aquella cabeça leva dentro tanto juizo, como os alcatruzes rotos da minha nora levam agua — disse, interrompendo o orador, o serio juiz ordinario.

— Alli anda enguiço, quebranto, ou mau olhar, oh sé anda! — disse, meneando gravemente a cabeça o João da Loja, antonomasia que deve á mais sortida mercearia da terra.

— Sim; a independencia do pensamento moderno — continuou o estudante, atropellando as interrupções — tem sido affrontada por muitos ignorantes, como o está sendo agora mesmo por todos vossês. Mas sabeis a quem insultaes? é a Fichte, a Kant, a Gæthe, a Krauze, a Schelling, a Hegel. Que culpa tenho da vossa ignorancia alvar, mentecaptos?

Quem n'este momento olhasse para as boccas dos ouvintes, veria um bando de tubarões boquiabertos, prestes a engulirem o gamenho orador. Ouviu-se um susurro precursor de tempestade proxima.

O estudante continuou:

— Que culpa tenho de serdes uns chapados ignorantes das leis mysteriosas, incoerciveis á que obedecem psychologicamente as especulações do intellecto, pelas quaes o *eu* devassa os penetraes do ideal, e abrange, vidente privilegiado, n'uma concatenação d'austeras inducções, as leis supremas da antithese, da harmonia e da synthese? Vossês são

uns mentecaptos, repito. Toupeiras da intelligencia, não vêdes o vôo da aguia!

— Qual aguia, nem qual carocha! Fóra, fóra!

A turba applaudiu clamorosa os gritos de proscripção. O orador, tentando um esforço supremo, apparentou serenidade, e ergueu mais alto a voz:

— Sabem, vossês, miseraveis, o que é o *nihilismo* de Feuerbach, conhecem acaso o unico Deus possivel do pantheismo, o Deus-mundo, o Deus de Spinoza?

— Diga, diga cá á gente onde diabo essa terra fica. Querem vêr que é por ahí algum Deus das profundas do inferno que só o doutor, que Deus fará, conhece! — interrompeu, contrahindo a bocca n'um sorriso envinagrado e experimentando a flexibilidade d'um marmeleiro que agitava entre as suas mãos possantes, um valentão de feira. O athleta deu dous passos para a frente e encarando fulo de raiva no estudante, abanou-se lento e magestoso, de todo o corpo, como roble agitado pelo vento.

O porta-voz das transcendencias germanicas percebeu o estado da questão. A *razão pratica* de Kant segredou-lhe, que na atmosphera esvoaçavam sylphes maleficos com azas de pau. O terrivel *or be or no to be* (traducção livre) « o ser ou não ser sovado » apparecia-lhe em toda a lucidez diabolica da fatalidade.

Mais protectora do *eu material* do poeta, a se-

gunda parte do dilemma foi a que agradou ao discipulo dos philosophos tenebrosos, persuadindo-o a manter intacta, na rapidez da fuga, a integridade dos ossos visivelmente periclitante.

Havia muito tempo que se não dera escandalo tão grande. A botica da terra, onde se reune a flôr das más linguas, commentou larga e ferinamente o acontecimento.

Os commentarios, diga-se a verdade sem rebuço, excediam, em fereza, as conclusões finaes dos raciocinios contundentes, que, n'esse dia asiago, estiveram, vai não vai, para ser formulados pela dialectica maciça de varapau sobre o costado do infeliz *allemão*.

Poucos dias decorreram depois do episodio do adro, quando novo sainete — de que foi theatro a botica, e protogonistas o presidente da camara e o soturno cultivador do *absoluto* — veio dar pasto abundante ás palestras das senhoras visinhas e espartar as galhofas locaes.

II

Valle d'Enxota-Tordos, 21 de dezembro.

Meu amigo. A repartição tachygraphica das sessões nocturnas da botica da terra não attingiu ao grau de aperfeiçoamento bastante, para que eu possa narrar-lhe textualmente as apostrophes e invectivas que hontem á noite se lançaram em rosto o presidente da camara e o nosso estudante, o Morte Certa, alcunha d'agouro para os clientes d'este rabula d'aldêa, e o filho do morgado, o qual, benza-o Deus, tambem já engatinha pelos semanarios philosophico-litterarios, cujos leitores regala com os cogumelos da nova escóla.

A ultima discussão sobre a Idéa moderna (com I grande), acalorada sempre, acabou em verdadeira tormenta. O estudante esbravejava com as

garrochas que de todos os lados lhe punham aquelles Carmonas improvisados. O garraio tresmalhado das manadas de Feuerbach sacudia com raiva a selva de ferros, de que o haviam ouriçado, sem dó, o presidente e o advogado, agil bandarilheiro polemico, officio aprendido nos auditorios á custa do proprio pudor e do dinheiro dos clientes. A victima contorciam-se tão desesperadamente, que nem sequer ouvia o tilintar debil mas amigavel da choca protectora, o seu leal collega, filho do morgado.

— Não me espanta — bradava a final com voz rouca o estudante quasi extenuado de forças — não me espanta, que o verbo humanitario de uma litteratura devorada de sentimentos mysticos e insondaveis seja para os espiritos desalumiados, que se arrastam nas trevas da rotina, thema fertil de mofas e sarcasmos. A Idéa nova deslumbra. As visões do Ideal offuscam as intelligencias fracas que a meditação cava do intellecto não tem avigorado nas suas piscinas sombrias. Embryão que palpita surdamente nas visceras da humanidade, a Idealisação, divina como a Idéa de que é gerada, não póde ser senão o apanagio doloroso dos pontifices do pensamento revestidos da estola ensanguentada mas invisivel do soffrimento e do martyrio. Oh! que apostolado salpicado de lagrimas e coberto de affrontas não é a propugnação do Ideal, da Idealidade e da Idealisação — grada-

ções successivas da Idéa — ! Quanto custa romper caminho através dos motejos dos phariseus de todas as philosophias, dos sacrifices de todas as revelações, cuja irradiação ha-de ser na serie dos tempos o ante-gosto do sereno Ideal destinado aos homens nas Biblias intangiveis e secretas que só os videntes podem soletrar nos âlphabetos mysteriosos da humanidade !

— Ora quem diria — interrompeu o endiabrado causidico — que tão grandes problemas viriam a dar n'uma questão de alphabeto !

— Receitam-nos o *abc* os senhores philosophos á ultima hora, apesar de terem vivido na mais completa abstinencia de alimento tão nutritivo — atalhou ironicamente o presidente da camara.

— Pois cuidam — continuou o estudante inspirado como a sibylla sobre a tripode — que todos podem lêr correntemente no grande alphabeto da humanidade ? Pensam que as ironias tão alvares como o riso da multidão embrutecida podem supprir a ondulação sonora d'essas vozes archangelicas, fadadas a revelar a palingenesia social cerrada por ora com o sello tremendo do Apocalypse ? Se não crêem nos videntes que em breve hão-de restituir a humanidade ás espheras de luz, fazel-a viver a vida synthetica e expandil-a na espontaneidade da synderese, pelo menos não acordem com os guizos de chocarreiros e foliões o somno

*

hypnotico dos que se afundam no oceano gelado da meditação.

— Em dezembro, com o frio intenso que faz, deve ser mediocrementemente agradável esta especie de banhos. Prefiro antes um ponche queimado, a cujas chammas azuladas se illuminavam na mente de Hoffman mil visões graciosas — disse o advogado, deixando-se descahir pela decrepita cadeira de palhinha, as pernas estendidas, e os olhos vagando pelas espiraes de fumo azues, que tirava, a espaços, de um magro charuto de vintem. E voltando-se para o estudante: — Ora, doutor, faça scintillar ao menos uma lentejoula — uma só que seja — do seu manto philosophico. Alumie-me o entendimento bronco a respeito do officio de *vidente*, o qual pelos modos é um dos mais activos da sua republica da Idéa. Tenho pressa, estou ancioso d'ouvir o manual theorico e pratico do *vidente*, explicado pelo doutor.

— E' possivel que o escarneo e a descrença, que illuminam as intelligencias vulgares como tochas morticas no fundo de cryptas funebres, lhe estejam aguilhoando a curiosidade maliciosa...

— Engana-se — atalhou o presidente — o nosso advogado é singelo como um idyllio, innocente como uma freira... depois de professar. Esclareça-nos, snr. Kant Junior. Declaramo-nos pendentos de seus labios como de um despenhadeiro vertiginoso.

— Podem os ignorantes arremessar-nos ás val-
las do sarcasmo, esmagar-nos com a materialida-
de *phonica* da palavra brutal das multidões des-
vairadas, acoimar-nos de tresloucados e visiona-
rios. Essas que outras chufas insulsas arredamol-as
com o pé nós os que lidamos em nos guindar
ao absoluto, ao indivisível, que nos absorvemos
na unidade, forcejamos por desempear a alma
dos limos da prosa, que nos alumiamos de conti-
nuo ao pharol interno e velador como luz de phi-
losopho hermetico arrancando á natureza seus mais
profundos arcanos. O que a escóla palpitante de
amor humanitario não póde — sempre que se lhe
depara ensejo — é deixar de rasgar o involucro da
chrysalida mysteriosa. Dir-lhes-hei pois o que é o
vidente. O vidente é o propheta. Sobre seus hom-
bros fluctua o manto olympico dos oraculos. No
seu rosto, no momento da inspiração, fulge-lhe o
luz da transfiguração, perfume immaterial do in-
finito. Quando os raios do Ideal o illuminam, tre-
pa ao carro de fogo, como Elias...

— Ou como qualquer boneco de fogo preso de
arraial, com a differença de que ao vidente não
lhe arde senão o juizo! — interrompeu o mofino do
advogado.

— Então — continuou quasi em delirio o estu-
dante — o vidente transpõe precipicios; galga abys-
mos; murmura-lhe em redor um mundo invisível;
experimenta o extasis espontaneo; torna objecti-

vas as visões da phantasia; eleva-se á hypnotisação; as faces sorriem-lhe radiantes como a transfiguração do Thabor.

— E n'esse momento — perguntou o presidente — ha enfermeiros promptos, com camisas de força nas mãos, para as enfiarem pela cabeça abaixo dos taes malucos?

— Que inepecia a sua, senhor presidente! Quem ha-de impedir a voz da intensidade absoluta, a que os seres e a humanidade decrepita chamam Deus, fallando pela bocca do vidente?

— Ah! com que Deus não é Deus, é a intensidade absoluta! Ora historias! — resmungou, enjoadado, um dos parceiros do gamão, atirando com as pedras bruscamente, e levantando-se d'onde estava, para se aproximar dos interlocutores.

— Sim! tres grandes factos dominam o mundo — a religião positiva ou natural, o direito, e a arte. A synthese de todos estes factos reside no *bello*, onde desaparecem todas as desharmonias.

— Deus nos livre que tal aconteça. Desapparecerem as desharmonias? — interrompeu Morte Certa, o rabula implacavel. — Então lá se iam pela agua abaixo a citação, a replica, a treplica, a appellação, o aggravado, a penhora, doutor, a penhora, que é o pasto da justiça.

— Quando o vidente interpreta o mundo invisivel — proseguiu o estudante, sobranceiro ás interrupções — quando está no extasis da abstracção,

sua physionomia assume o aspecto severo das antigas cathedraes, os cabellos são outras tantas linhas architectonicas a infinitivar-se para o céu ¹, o olhar torna-se mysterioso como uma ogiva sombria.

— Olhe, doutor — exclamou o presidente — preciso que me escute, que vou ser severo, serio, mas franco e verdadeiro. Todas essas orgias de palavras, todos esses absurdos são inimigos mortaes da arte, da litteratura e da philosophia, cujo mais forte cimento é o senso commum. O doutor não é um homem, é uma doença. A litteratura, de que o doutor e os seus confrades adoeceram, é uma epizootia. A philosophia e a arte tambem teem pantanos e charcos. Os senhores não cantam, coaxam; são rãs que aspiram a cantar de rouxinoes. Brotaram no terreno da philosophia como juncos nas lagôas. A sua arte e a sua litteratura são miasmaticas, produzem sezões e febres paludosas. Os senhores todos são altamente insalubres, e, por sua causa, vê-se o reino inteiro obrigado a tomar dóses enormes de quinino.

Embora não me acredite, olhe que só a clareza, o estudo dos bons modêlos, o respeito ao bom senso podem firmar em solido alicerce as litteraturas duradouras. Os arrojos e os impetos da nova escôla, de que é sectario, não passam

¹ Este trecho é textual do sr. Theophilo Braga.

de deslocações de *clowns*, de tregeitos de palhaços, de convulsões d'epilepticos, de furores, de demencias.

Ha trechos sublimes, não o nego, na escola dos videntes; pena é haverem nascido orphãos da grammatica. Ao frontispicio florido do templo da arte nova é lastima, que lhe encubram os labores as têas d'aranha que d'elle se dependuram, e aonde o pensamento se enreda como se fôra uma mosca. Seus porticos sumptuosos estão obstruidos com montões de lixo grammatical.

Nos matagaes bravios da sua escripta, meu doutor, não se póde dar um passo, sem os debastar primeiro com o machado da prosodia e da syntaxe.

Iconoclastas d'estas imagens venerandas, melhor fôra que os senhores as respeitassem do que render culto supersticioso ás divindades tenebrosas da synderese, da identidade absoluta e da transhumação, ás quaes queimam incenso idolatra em livrinhos que nem sequer são da feira de Leipsick, que se vendem a peso no caes de Voltaire e que os senhores acabam de deturpar, trasladando-os de francez suspeito para portuguez de contrabando.

A esta rajada, o estudante carrega sobre os olhos o chapéo e embuça-se magestoso de desdem, dispondo-se para sahir. A dez passos da porta, incha-o porém de repente o demonio do orgulho; e,

estacando firme e solemne, rompe n'um chuveiro d'objurgatorias, que por sua exuberancia somos forçados a omittir. Bastará apontar a peroração, cuja idéa principal consistiu em annunciar, que se retirava dentro de poucas horas para Coimbra; que não podia viver intellectualmente em burgo tão immundo como este; que o homem moderno em Enxota-Tordos havia de vegetar sempre como os lichens na humidade; que aqui eram impossiveis o connubio da philosophia e da poesia, o extase indecifrável de Swedemborg! Dizendo isto, e tirando á pressa de cima da mesa os «originaes opusculos», origem da polemica, colerico e rubro até á ponta das orelhas, volteu-se mais uma vez para traz, e, fitando o auditorio, bradou-lhe com voz stentoria, que a gente de Enxota-Tordos era mais impensante e irracional do que os mesmos cevados.

Ainda bem não acabavam de ser proferidas estas palavras provocadoras, senão quando voavam as pedras do gamão e os frascos da mesa posta ao meio da botica, despedidos por diversas mãos. Todos estes projectis mais ou menos pharmaceuticos condensaram-se n'uma nuvem e cahiram de chofre sobre a cabeça e as costas do estudante, que tomou as de Villa-Diogo debaixo do fogo cruzado das garrafas, e pingado dos xaropes, vendo-se obrigado, tal foi a precipitação da reti-

rada, a deixar a capa entalada na porta da vidraça que fechou sobre si como meio defensivo!

Com tal desfecho é provavel que não progrida a nova escola em Enxota-Tordos, onde lhe resta por unico evangelizador o filho do morgado. E d'ahi, quem sabe? As religiões florescem no meio da perseguição e sobre a campa ensanguentada dos martyres vem a fulgir depois a luz divina da apotheose.

Se d'esta vez não correu sangue, em compensação, o pharmaceutico, socio tardio do boticario de Tolentino, chora os frascos entornados e os xaropes perdidos, com que seus frequentadores, em desaggravo da honra beliscada senão offendida, intentaram refrescar a cabeça vulcanica do nosso escolar, que tão cedo não vestirá armas de cavalleiro andante de sombras e nevoeiros, nem sentirá desejo de correr levianas aventuras.

É escusado dizer-lhe, meu amigo, que depois d'esta tempestade n'um copo d'agua... de Sedlitz, a nossa aldêa recahiu na mudez e na monotonia do costume. Quem nos déra possuir todos os dias um poeta-philosopho moderno, para nos alegrar os ocios tristes da solidão!

O FIM DO ANNO

Em breves dias acabará o anno de 1873. O de 1874, surgindo do immenso abysmo, virá continuar com mais um annel a cadêa dos tempos, que nunca se quebra. O que significará o anno novo? Em quadra tão incerta e agitada poderá elle affirmar no grande livro dos factos o predominio de algum principio, que aspire á victoria definitiva sobre os outros, que com elle andam travados em luta desesperada? Ou, perpetuando-se o cyclo de duvidas, de resistencias e de enigmas em que o presente se vai consumindo, ficará o novo anno de 1874 reduzido ás proporções de uma reticencia, senão de um ponto de interrogação? A França, suspensa, como o tumulo do propheta, entre as

aspirações livres e os sustos da demagogia, renunciará aos sonhos ardentes que lhe entremostam ao longe n'um arrebol afogueado o despontar do sol da democracia? A patria de Beranger, a apaixonada cançoneira do *Ça ira*, a cantora collectiva e fremente da *Marselheza*, emmudecerá de todo no seu trovar revolucionario, pendurará, triste, dos salgueiros a lyra do Tyrteo demagogico, para entoar os psalmos devotos das romarias de Lourdes, murmurar orações piedosas sobre o jazigo solitario de S. Luiz, e engrinaldar com corôas saudosas de perpetuas as cruces mutiladas dos sepulchros dos Bourbons?

Momentaneamente satisfeita, no meio dos revezes que a enlutaram, com esmigalhar o bastão de Bazaine, o sustentaculo do imperio, em que vê o epilogo dos males e das ignominias que padecêu, resignar-se-ha essa mesma França, indomavel e heroica como Achilles, a que sobre a sua cabeça, alternadamente cingida do barréte phrygio e do diadema imperial, outro marechal, o duque de Magenta, floreie arrogante o seu bastão, e, pondo-lh'o diante dos olhos, lh'os cegue com os lampejos da dictadura militar, quando ella, imitando a aguia, tentar craval-os bem fixos no astro rutilante da liberdade?

Por outro lado, Bismark, o descendente d'esses germanos, cujos costumes independentes descreveu e exaltou Tacito, conseguirá, na audaz embriaguez

de seus triumphos, exterminar o elemento catholico na Allemanha, e substituir ao pontificado espirital de Pio IX, tão gravemente compromettido pela chancellaria de Antonelli, outro pontificado não menos intolerante, e, se é possível, mais brutal, embrenhando-se pela selva de baionetas e de canhões de aço, do meio da qual se prepara para trovejar seus decretos sobre as consciencias rebeldes?

Na visinha Hespanha ¹ logrará o platonismo democratico de Castellar aplacar a sanha de tantos elementos que rugem furiosos como o Etna nas vespas da sua erupção? Poderá elle congregar a final em boa paz no terreno das instituições republicanas as numerosas parcialidades que alli se debatem, — neo-catholicos, carlistas, federalistas, unitarios, socialistas, — parcialidades que tumultuam por ora raladas de odios, respirando intolerancia e fereza, sequiosas de vingança e de sangue?

Tudo isto para nós, confessamol-o, é cheio de incerteza e de obscuridade. O anno de 1874 encurva-se a nossos olhos como um enorme ponto de interrogação. Pende gravido de mysterios sobre nós, como o cordão de sêda do sultão sobre a cabeça do pachá decahido do valimento. Trará o bem? trará o mal? como a toga dos antigos feciaes romanos da republica trazia em suas dobras a paz ou a guerra?

¹ Este artigo foi escripto em fins de dezembro de 73.

O que é certo é que ao bater da meia noite de 31 de dezembro, esse phantasma que se chama o Tempo, arrastando suas algemas, ondeando a sua mortalha branca, á claridade da lua, que prateia as campas dos mortos, ha-de despenhar na valla insondavel o anno extincto de 1873; e que ao throno vago, no mesmo instante em que baquear na voragem o cadaver sacudido pela mão inexoravel do phantasma, ha-de subir o anno de 1874, illuminado de todos os fulgores da alvorada.

Em quanto, porém, não soar a hora inadiavel, fatal, de lutar braço a braço com mais esse desconhecido, mal esboçado ainda nas nevoas do futuro, cuja missão é representar na terra a interminavel dynastia da Eternidade, não podemos bradar, á moda dos aulicos da França monarchica d'outr'ora: « O rei morreu; viva o rei! »

Mais ephemerias mesmo do que as rosas do poeta, as *arvores do Natal* que antes de hontem á noite ainda luziam com os fogos resplandecentes das joias penduradas de seus ramos e bracejavam suas vergonteadas carregadas de pomos de ouro, de diches e de prendas infantis, em breves horas se despiram da sua lustrosa folhagem, e dos seus fructos graciosos e opulentos, desnudando-se de todo, tornando-se em esqueletos mirrados. Assim é tudo na vida; morreram em curtas horas aquelles arbustos da esperanza, que taes podem chamar-se, porque para a infancia vicejaram, floriram e se

desentranharam em fructos, e de esperanças se enflora e se engrinalda, de esperanças se veste e se perfuma tudo quanto respira ar infantil, tudo quanto amanhece para a vida e para o amor. Com os arbustos seccos, acabado o *réveillon* da vespera do Natal, ouvida a missa do gallo e esgotadas as amphoras da cêa, cujos escanções a época prosaica de agora converteu em mancebos de Tuy ou de Rondella, imprensados em casacas pretas e estrangulados pelo nó apertado da gravata branca, quantos sonhos se não esvaíram tambem? Quantos affectos, quantos amores não borboletearam travessos á mesa da cêa do *réveillon*, que minutos depois crestaram as azas nas velas das serpentinas, a cuja luz pouco antes brilharam?

O povo, não podendo comer o fructo prohibido das custosas *arvores do Natal*, que só se dão bem nos salões dourados, vaguêa cá fóra, em ranchos alegres, pelas ruas da cidade, sobrio, economico em suas cêas, cujos manjares se limitam ás classicas *brôas*, — um horror de enjoativa doçura — trigueiras como ciganas, tismadas do lume, combinação estranha de milho, de cidrão, de azeite e de mel, de que muita gente gosta sofregamente, mas em que outros só encontram um vomitorio. Quando cahem nos estomagos fracos, as brôas de Natal parecem-se em seus effectos com agentes de policia. Um pobre homem, com quem ellas não se dêem bem, come descuidadamente duas ou tres. Momentos de

pois sente os intestinos agitados, revoltos. Começa de complicar-se o drama, até se desencadear lá dentro um verdadeiro temporal. Sentem-se estremecimentos, convulsões, ouvem-se rugidos. Não se sabe se é o clamor da praça publica, se o referver dos vulcões, se o bramido tremendo do oceano. Ao paciente afigura-se-lhe que as brôas lhe percorrem e devassam os intestinos e lhe remexem por dentro tudo quanto topam diante de si. E taes são as diabruras interiormente praticadas por ellas, que a victima a final acaba por acreditar, que tudo aquillo é uma revista, uma busca domiciliaria passada, sem dó nem consciencia, ás suas entranhas, por quadrilheiros disfarçados nas taes golosinas nauseantes, que se chamam cidrão e mel.

LIVROS NOVOS

Sucedem-se, sem intervallo, os poemas, os romances, os livros serios e graves. Anno de boa safra para as letras, na verdade, tem sido e promete continuar a ser o actual. Permitta Deus á boa sorte dos authores e dos editores, que a offerta, apesar de larga, seja ainda assim inferior á procura, como se diz em linguagem de economia politica.

Não ha muitos annos que se affirmava geralmente haver muito mais commendadores de varias ordens nacionaes e estrangeiros n'estes reinos de Portugal, do que leitores de livros portuguezes.

Os editores eram personagens cercados de sombras e de escuridão. Ninguem os descobria senão ao cabo de pesquisas laboriosas. Um author qual-

quer encanecia na sua peregrinação infeliz através das solidões, que se desatavam sem limites á roda de si, até encarar na perspectiva longinqua de uma sombra de editor, fugitiva e enganadora como as miragens do deserto.

Encerrado o cyclo das proezas aventureiras de cavalleiros e navegadores, abriu-se o das expedições litterarias ás regiões ignotas da edição, regiões envoltas em nevoas impenetraveis, e como que veladas por um crepusculo permanente.

O editor, genio solitario d'esses mundos mysteriosos e inaccessiveis ao author, esse, quem poderia gabar-se nunca de o ter avistado fluctuando por entre nevoeiros, sinistro, terrivel na sua mudez, ondeando ao vento gelado do norte suas roupagens de phantasma?

Como tudo mudou agora! Quebrou-se o encanto; rompeu-se o mysterio; o editor deixou de ser a entidade quasi phantastica que era, para apparecer ao alcance dos que escrevem para o publico, e cada dia que vai decorrendo, patenteia novas livrarias editoras. D'estes consorcios cada vez mais frequentes entre os que escrevem e os que editam as obras, resulta a diffusão dos leitores e a animação progressiva das industrias litterarias.

Annunciam-se alguns poemas firmados por notaveis engenhos poeticos ¹. E' natural, que obede-

¹ Allude-se ao *Poema da miseria*, á *Alma nova* e á *Morte de D. João*, então ineditos.

cendo á corrente da occasião, algumas d'essas composições respirem as ardentes paixões politicas que inflammam a sociedade n'estas horas de luta e de convulsões.

Oxalá que por entre os gritos de guerra dos combatentes afervorados na peleja, através da explosão da raiva, que ás vezes tolda e desvaira os espiritos que mais se comprazem em librar-se nas serenas regiões do ideal, passadas as horas do combate, possamos ouvir algumas notas consoladoras; algumas estrophes que nos transportem ás espheras harmoniosas e divinas, cicatrizando-nos, embora por momentos, as feridas do desalento e do scepticismo.

Nem a philosophia mais demolidora, nem o racionalismo mais audaz nas suas intellechias valem uma só d'essas poderosas vibrações, que o amor, a natureza e Deus acordam ás vezes na alma dos poetas e se repercutem na alma da humanidade inteira, agitando-a de dôces affectos, através da extensa cadêa das gerações. O coração humano e os seus sentimentos eternos, as pompas e as maravilhas da natureza, interpretados pelo genio dos poetas e como que rejuvenescidos ao sopro magico da phantasia, não hão-de subsistir bem mais perfumados de encanto e ungidos de prestigio poetico na memoria da posteridade, do que tantas theorias vãs, que formam o fundo de muitos poemas de agora, theorias alimentadas por uma philosophia

*

tão devastadora como a ironia e a negação em que assentam?

É certo, que a alma dos poetas participa mais profundamente, que a dos outros homens, seus contemporaneos, das esperanças e desalentos, das angustias e dos jubilos que alternadamente exaltam ou abatem o existir moral dos individuos e das sociedades. Em vez de o negar, afirmamos que as mais altas revelações do engenho poetico, de que rezam as litteraturas, tem sido geradas, quasi todas, no meio das lutas dramaticas ou pungentes da vida dos poetas, das crises profundas das suas almas, por entre os rebates da dôr, do desespero ou da esperança. É quasi sempre no cadinho das desventuras supremas, ou dos maximos lances da existencia, que tem sido depurados esses poemas admiraveis, sublimes, como os do Tasso, de Camões, do Dante, e de outros engenhos privilegiados, poemas, cujos cantos ressumbram a cada passo as lagrimas e o sangue do coração dos que os soltaram no meio das mais acerbas tragedias moraes, que podem abalar a alma humana.

D'aqui, porém, a transformar a poesia n'um pamphleto sangrento contra todas as crenças e instituições; a pulir a lamina do rythmo acerando-a em punhal destinado a rasgar as entranhas palpitantes da sociedade inteira e trespassar-lhe o coração; a circumscrever o ideal das concepções poeticas; a derruir pelos fundamentos todas as visões

de fé e de esperança, que possam alevantar-se consoladoras, embora ephemeras, na carreira dos infelizes, vai distancia infinita.

Podêmos comprehender a colera heroica de Achilles, não entenderemos nunca a indignação systematica, convertida em estado normal da alma; e havemos de lastimar sempre os 'bons engenhos, que voluntariamente, e só para colherem as flôres de uma falsa popularidade, perverteram os dotes mais apreciaveis do talento, com que Deus os enriqueceu, renovando, n'uma parodia deplorable e pequenina, a tarefa maldita de Satanaz.

Quanto preferimos á rudeza dos que não teem senão imprecações, apostrophes e maldições na bocca ou na lyra, para conjurarem os males que lamentam, a doçura ideal da Desdemona, cantando a canção do Salgueiro, quando começa de entrevêr os negrumes que se lhe vão condensando cada vez mais sobre o coração!

Se as dôres, ou individuaes ou sociaes, passam ás vezes pela alma dos poetas com a violencia e o delirio dos furacões, façamos sempre votos para que taes crises sejam pouco duradouras, desfazendo-se as dôres, que as produziram, como se desfazem com a tormenta as nuvens sombrias dos tropicos.

Afastando, por momentos, de nossos olhos as diatribes e apostrophes da litteratura de combate, umas vezes sibyllinas, outras desbragadas, ora sin-

ceras e fogosas como a propria mocidade, ora envenenadas de más paixões e distillando a bilis negra e doentia da inveja e do odio, fomos lêr trechos inspirados por tudo quanto ha sereno, elevado, consolador. Pertence a esta natureza de escriptos, perfumados de casta poesia, e cheios de eloquencia commovente na sua tão elegante quanto extrema singeleza de estylo, a dedicatoria a uma joven senhora, com que o notavel poeta e brilhante escriptor Bulhão Pato abre o seu novo livro intitulado *Sob os cyprestes*, que se acha consideravelmente adiantado, e espera o êxito mais completo, pelos episodios interessantes e inteiramente novos, de que está cheio.

Os capitulos ácerca de Garrett, de Rebello da Silva, de Lopes de Mendonça, — capitulos primorosos em que revivem alumiados pela luz da reminiscencia mais fiel aquelles e outros vultos eminentes da nossa historia litteraria e politica, e desenhados com mão de mestre por quem tão de perto e na intimidade os tratou — reúnem todas as qualidades brilhantes da prosa de Bulhão Pato: a simplicidade graciosa e elegante, a sensibilidade orvalhada de lagrimas, o conceito repassado de ironia fina, humoristica, e — quando o aquece o entusiasmo, ou a indignação subita o domina — a apostrophe inflammada, a imprecação vingadora e eloquente.

Li com verdadeiro prazer a dedicatoria d'esse

livro; concluida a leitura, parecia que havia aspirado a fragrancia de um ramo de flôres de laranja, colhido das mãos de uma loura adolescente de 14 annos. Que perfume de innocencia, e que suave singeleza de estylo!

E' possivel — quem sabe? — que pelos tempos que correm, em que se desentranham dos glossarios roidos do gusano termos e locuções antiquadas e se escolhem as palavras mais retumbantes para dizer as cousas mais triviaes, capitulem de descorado e frouxo o estylo do novo livro de Bulhão Pato, em que aliás não será difficil para os homens de gosto acharem-se reminiscencias dos toques tão suaves e tão delicados de Garrett nas paginas inimitaveis do episodio da *Menina dos rouxinões* das *Viagens na minha terra*.

Sobre o importante assumpto da transição da época de servidão para a da inteira liberdade dos pretos, decretada para o anno de 1878, é digno de consultar-se o interessantissimo opusculo do snr. A. de Oliveira Pires. Circumscreve-se particularmente o campo de suas observações ás ilhas de S. Thomé e Principe.

Sem utopias de visionario, affeiçãoado sinceramente aos eternos principios da liberdade e da dignidade humana, mas cheio de respeito pelos inte-

resses de tantos proprietarios, como os que arro-
têm o sólo das referidas ilhas, conhecedor da le-
gislação respectiva, que a cada passo cita, o snr.
Oliveira Pires indica, em elegante e fluente lin-
guagem, os alvitres que se lhe afiguram mais pru-
dentes e praticos para se conciliarem os grandes
interesses dos agricultores com os fóros imprescri-
ptiveis da emancipação dos pretos. O opusculo é
digno de lêr-se pelo trabalho consciencioso com
que está elaborado, pela critica judiciosa que re-
vela, e pelo espirito ao mesmo tempo positivo e
equanime com que se esforça por tornar satisfacto-
ria para a humanidade e para os interesses agricola-
es e commerciaes das ilhas de S. Thomé e Prin-
cipe a resolução do problema que ha-de ser des-
atado em 1878.

Como se vai operando no mundo inteiro, com
rapidez assombrosa, a transformação, pela justiça
e pelo respeito aos direitos da humanidade, das
iniquidades mais profundamente entranhadas no
organismo das sociedades! A escravidão, cujos fu-
neraes foram desde muito celebrados nos escriptos
dos pensadores e dos philanthropos; a escravidão
que foi expungida das instituições, ou antes, dos
crimes sociaes pelos governos dos povos mais es-
clarecidos; a escravidão, que d'aqui a 4 annos se-
rá apenas uma recordação nos nossos vastos terri-
torios de além-mar, ainda no começo d'este secu-
lo merecia a um economista eminente, Henrique

Storch, chamado para educar politicamente um menino nascido em berço imperial, que mais tarde devia chamar-se o imperador Nicolau, merecia a esse economista, dizíamos, a honra d'elle demonstrar em extensas paginas a vergonha e os perigos de tão grave doença social. Pois bem; n'essa mesma Russia, passados poucos annos, fructificavam as doutrinas eloquentemente proclamadas pelo pedagogo do autocrata Nicolau. No reinado de Alexandre já se evidenciavam, com a sinistra e irrecusavel clareza dos factos, as predicções da sciencia economica, alliada como sempre com as verdades eternas do christianismo e da sã philosophia. A emancipação dos servos era decretada. Triumphavam, a final, na Russia a philosophia do christianismo e os preceitos da boa politica com a abolição da servidão, como hão-de triumphar ainda por sua vez com a abolição das infames servidões da mulher no Oriente, e com o baquear, para sempre, dos estacionarios regimens das castas asiaticas, em que se afogam toda a idéa e aspiração de progresso.

Ainda mais um livro serio, substancioso e completo pelas curiosas e utilissimas noticias industriaes, de que está recheado. E' a *Noticia da exposição universal de Vienna d'Austria em 1873* pelo conselheiro Fradesso da Silveira, commissario regio de Portugal. E' escusado encarecer a indisputada competencia d'este escriptor nos assumptos

economicos e industriaes, competencia que realça os seus elevados merecimentos de professor e director do observatorio, de orador parlamentar e de homem de letras. O conselheiro Fradesso da Silveira junta a tão variados e subidos dotes a seducção da urbanidade mais desaffectedada. Nenhuma nação foi mais zelosa e brilhantemente representada na pessoa e meritos de seus commissarios, do que Portugal. Vimol-o nós, que, a seu lado, nas galerias do Prater a todos os momentos estivemos testemunhando os esforços indefessos da sua actividade e energia sem limites, no desempenho das suas arduas funcções.

O snr. Fradesso da Silveira sustenta que a exposição de Vienna não estava convenientemente preparada para as comparações e ensinos uteis, que, se o estivesse, haviam de deduzir-se, como corollarios fecundos, d'aquelle congresso universal; e é-lhe facil demonstral-o, como a todos que attentamente o observaram. A sua conclusão, aceita por todos os pensadores, é que ás exposições permanentes ha-de caber o futuro n'esta ordem de concilios ecumenicos das riquezas naturaes e das forças e aptidões productivas disseminadas pelas nações do globo. O mesmo pensa tambem o snr. Wolouski na memoria muito judiciosa que apresentou á academia das sciencias moraes e politicas, para a informar das impressões da sua visita á exposição de Vienna,

Às vezes é severa mas justa a crítica do snr. Fradesso, em tudo quanto se refere aos meios negativos de estudo e ás apreciações levianas da direcção geral da exposição, que, apesar de allemã, não quiz deixar de parodiar a leviandade franceza no que escreve a nosso respeito no seu relatorio geral, que aliás devia ter o cunho da seriedade e da meditação.

O relator austriaco diz, por exemplo, no seu parecer (apreciação relativa ao grupo 5.º secção 7.ª) que o snr. João José Vasques, de Lisboa, expoz camisas bordadas a *fio de ouro, como se usam, de preferencia, na capital do nosso paiz, para as grandes festividades!*

O snr. Fradesso faz justiça summaria de tão deploravel documento no periodo seguinte: « Nada tecnico, nenhuma consideração pratica ácerca do trabalho relativo a cada producto, nenhuma observação ácerca de preços, nenhuma comparação entre diferentes paizes. Uma simples noticia inexacta e futil. »

Antes d'encerrarmos este rapido capitulo de novidades litterarias, dêmos um olhar de admiração e de reconhecimento ao principe dos nossos poetas contemporaneos pela sua felicissima e esplendida traducção em verso do *Malade imaginaire*, de Molière, sob o titulo *O doente de scisma*.

E' pena, sinceramente o confessamos, que o nosso grande poeta transplantasse para a época,

em que vivemos, as scenas, os chistes, e os epigrammas, ao pedantismo d'outr'ora, que Molière tão cruelmente fustigára nos tempos do grande rei. A quem estudar attentamente o quadro geral e os traços comicos da composição engraçadissima, que acaba de ser traduzida com inexcedivel brilhantismo pelo snr. visconde de Castilho, até é possível que tal alteração se afigure uma especie de anachronismo em que não valeria a pena haver incorrido.

Afóra esta discordancia, sentimos a mais calorosa admiração para a notavel obra do nosso grande poeta, cuja imaginação poderosa não são capazes d'enfraquecer nem as enfermidades nem o peso dos annos, e cuja velhice parece verdejar com a seiva fecunda da mais impetuosa e exuberante juvenilidade.

O que será o *Doente de scisma* podem todos adivinhal-o em duas palavras.

E' a prosa limpida, transparente do principe dos poetas comicos de França, trasladada para o verso do snr. visconde de Castilho. E' um manancial perenne de galas e louçanias de linguagem, de anexins, de locuções, de idiotismos, de phrases vernaculas, portuguezas de lei, contrastadas pelo gosto delicado, pelo atticismo soberano do snr. visconde de Castilho.

Brilham por todo elle as joias mais finas e luzentes, em que se desfazem os jazigos do nosso for-

moso e opulentissimo idioma, quando rebuscados por mãos sabedoras como as de tão consummado e insigne mineiro.

Depois do visconde de Castilho, quem se atreverá a traduzir Molière? Eis a unica pergunta que fazemos a nós mesmo e ao leitor benevolo; e n'ella se contém a sinceridade inteira da nossa admiração para esse mestre inimitavel da lingua portugueza.

O ELOGIO MUTUO

Em D. Maria póde dizer-se que se naturalisou portuguez *O elogio mutuo*, de Scribe, traduzido, para este titulo, do de *Camaraderie*, que lhe dera o notavel dramaturgo francez.

A *Camaraderie* pertence á época feliz do talento fecundo de Scribe. Foi escripto, se bem nos recordamos, em 1837, quatro annos depois da graciosa comedia de Bertrand e Raton, e tres depois de haver occupado a sua cadeira de academico — periodo abundante, em que o engenho de Scribe assombrou a França e a Europa pela sua inexgotavel actividade. No *Elogio mutuo* brilham aquella perfeição na arte de enredar a teia dramatica, de complicar o andamento da acção, de variar a

cada momento lances inesperados, scenas imprevistas, de polvilhar de phrases espirituosas, de ditos chistosos a peça inteira, de alumiar com um sorriso perenne de malicia fina as feições dos seus personagens, que elle soube sempre pintar do nú da sociedade franceza, sua contemporanea, com a exactidão rigorosa da photographia.

E' notavel que n'este assumpto, aliás tão explorado, do *Elogio mutuo*, certa parte da plateia não queira enxergar com malignidade felina senão os pobres jornalistas e litteratos, que, distribuindo entre si por acaso ou por esquecimento uma pequenissima parcella de louvores reciprocos, a toda a hora estão prodigalizando ás classes estranhas á sua largos elogios, que não são mutuos, porque os elogiados correspondem-lhes ordinariamente ou com malevolencia declarada ou pelo menos com elogios... funebres.

Pois o que são todas essas noticias em que se commemoram a *rainha do baile*, a *acuçena candida da soirée*, o exame brilhante do filho primogenito no *seu latim* escuro como uma carvoeira e indecifrável como uma charada arrevezada, a partida de tantas excellencias anonymas, de tantos personagens de carnaval para as suas esplendidas residencias, para os seus magnificos solares de provincia, — velharias vulgares de pedra e cal, ruínas escandalosamente renovadas pelos adjectivos generosos do noticiarista — senão o labutar

incessante da immensa officina do elogio mutuo, de que são activissimos operarios todos quantos se elogiam a si, aos seus e ás suas cousas?

Quem formúla esses louvores, quem avia na pharmacia das vaidades tantas receitas do elogio proprio senão a caterva immensa de farcistas de todas as classes, que zumbem como mosquitos importunos em redor do tinteiro do jornalista, e que a toda a hora lhes requerem que seus nomes e triumphos sejam publicados nos jornaes para regalo de suas frivolas pessoas?

Quem vai inspirar ao jornalista que o dono da casa recebeu os seus amigos com a sua delicadeza habitual, senão o Amphitryão indelicado, que, não lhe esperando o animo insofrido que os seus convivas ou convidados divulguem o bom agrado com que foram acolhidos ou a excellencia dos vinhos generosos com que foram regalados, corre a proclamar bem alto na imprensa (parodiando o papa nas suas allocuções *urbi et orbi*) a finura do seu tracto e as maravilhas da sua garrafeira; esquecido do proloquio vulgar de que o louvor em bocca propria é vituperio?

D'onde desce até ao escriptorio a relação exacta, senão minuciosa, da *toilette* esplendida, que offuscou todas as outras, na mesma noite, senão da pessoa interessada em divulgar esses esplendores ephemeros?

E depois o elogio mutuo, esta é a verdade,

não é professado senão em escala muito limitada pelos jornalistas, que, no meio de uma sociedade que não lê ou lê pouquissimo, não passam de um mero accidente. No parlamento, por exemplo, triumpham todos os dias o elogio mutuo. Nenhum adversario, por mais intractavel que seja, se esquece, antes de vibrar os tiros mais certos ao peito do seu contrario, de o saudar com os mais francos elogios á elevação dos seus talentos e ao desinteresse do seu patriotismo, no que é sempre generosamente retribuido pelo seu contendor. Os juizes nas suas allegações, os advogados nos seus arazoados esgotam o glossario das atencões e das deferencias reciprocas. Tudo alli é, pelo menos, integerrimo, meritissimo, doutissimo. Ás vezes os *appensos por linha* cahem e desprendem-se do corpo principal dos autos com o peso dos superlativos. Para que havemos, pois, de erigir em morgado dos jornalistas e dos litteratos os pregões do elogio mutuo?

Ha litteratos, ás vezes, que, se deitam um elogio aos seus collegas, imitam os rapazes, na noite de S. João, quando atiram *bichas* e *busca-pés* a quem vai passando. Outros copiam os caçadores que levam comsigo um furão para sacudir da lura o coelho agachado. Quasi sempre, n'estas cousas litterarias, o coelho que surde da toca é uma sova em letra redonda, bem zurzida pelas mãos vigorosas d'outro collega a quem bastou o

elogio ao official do mesmo officio, para agatanhar a cara do elogiado, que, depois da benevolencia primitiva, acaba ordinariamente por ficar moido de pancadas, e derreado para nunca mais se levantar no terreiro da imprensa. Se ha elogio mutuo sincero, que inspire tanto horror a quem não é da confraria das letras, lembrem-se que abunda tambem o da familia dos furões de caçador. Outra irmandade porém ha de que pouco se falla ; é a do vituperio reciproco, da diffamação mutua. Essa, a cada passo funciona nas reuniões intimas, á luz do candieiro, e nos cafés. A tal irmandade pedimos ao leitor que não queira nunca pertencer, de caso pensado e rixa velha.

O ENTRUDO DE LISBOA

A final lá se foi o entrudo ; e d'esta vez menos empoadado e tormentoso que nos annos anteriores. Não lhe queremos mal por isso, nem a Lisboa fica mal tambem, que á sua policia municipal e civil os cidadãos acrescentem espontaneamente a policia dos seus costumes, verdadeiro distinctivo da civilisação.

O antigo carnaval dos ovos brutalmente despedidos ás frontarias das casas e á cara dos cidadãos pacificos, o carnaval tradicional dos lógnos maliciosamente armados á credulidade dos amigos, da familia e das turbas, quasi que não passa de uma recordação historica. O entrudo doudejante, louco, febril dos bailes publicos, naufragios do

juizo e do pudor, esse succumbiu á insipidez proverbial dos seus dominós de silenciosa memoria. Nada mais lugubre havia em Lisboa do que esses estafermos, enroupados n'um dominó de setim ou de paninho, espetados como cyprestes no meio dos salões de baile, fallidos de graça, de veia alegre, de espirito mordente, ou vagueando melancolicos por entre a multidão como os manes inseultos da mythologia. A familia dos dominós era pelo menos tão sepulchral como a dos coveiros e *gatos pingados*; e dir-se-hia, vendo-os, que tinham sido inventados pelo Lagoia dos enterros. No nosso tempo de rapazes, quando as brancas da cabeça e do bigode ainda não tinham protestado contra a nossa alegria juvenil, Palmeirim e eu davamos ás vezes caça implacavel aos dominós mudos, que com a sua semsaboria chronica conseguiam narcotisar os folguedos mais travessos do entrudo. As invectivas de Palmeirim raiavam, ás vezes, em verdadeira provocação. Os mascarados, debaixo d'aquelle granizo mortifero de chacotas disparadas a rosto descoberto por um inimigo audacioso, fugiam a bom fugir, escoltados apenas de longe pelas gargalhadas cruéis dos espectadores.

N'um dos bailes de S. Carlos, haverá 15 ou 16 annos, appareceu um dominó, que por sua extraordinaria altura chamava sobre si a attenção geral. Palmeirim vai afouto para o gigante mascarado e intima-lhe com gesto e voz fingidamente

severos que se retire, porque a sua presença n'aquelle lugar é um tremendo desacato e uma profanação sem nome. Convem recordar que as allusões politicas e religiosas eram então prohibidas officialmente. O dominó, sinceramente enleiado com a inesperada e summaria intimação, pergunta a Palmeirim, onde está e em que consiste a profanação arguida. « Ainda o pergunta? — replica Palmeirim. — Pois acha que póde haver maior profanação do que a de vir a um baile publico, mascarado de Altissimo? » — Uma risada em côro fez rapida justiça do pobre dominó, que não tardou a sumir-se, apesar do seu tamanho de Adamastor, diante da hilaridade da multidão.

D'esta vez, o entrudo tornou-se mais litterario, mais fino, mais elegante, dando occasião a revelarem-se nos theatros, para assim dizer improvisados, dos condes de Lumiares e de Casal Ribeiro, vocações artisticas muito promettedoras de algumas damas e cavalheiros da melhor sociedade, distinguindo-se entre todos o conde de S. Miguel, neto dos condes de Terena e portuense legitimo, segundo rezam, creio eu, os respectivos assentos parochiaes.

O baile do Club é sempre a festa brilhante por excellencia, na quadra do carnaval lisbonense. As mamãs mais difficeis e refractarias não hesitam, na noite de segunda-feira de entrudo, em levar suas filhas ao tumulto elegante e verti-

ginoso d'aquelle baile, que só acaba por alta madrugada. O d'este anno não empallideceu de certo as sanguineas tradições dos seus antecessores.

O entrudo com as suas festas, os seus bailes, as suas representações theatraes, as suas cêas e as suas máscaradas, antes da quaresma que se lhe segue com o cortejo das suas abstinencias, das suas orações, dos seus arrependimentos mais ou menos sinceros, das suas homilias e procissões hyeraticas, não nos parece a inversão da historia, isto é, a exuberancia naturalista e sensual da Renascença antes das austeridades e das macerações da Idade Média?

E, com tudo, sem fallar mesmo dos afamados carnavaes de Roma e de Veneza, que passavam como verdadeiras tempestades de loucura e de alegria através da risenha Italia, a patria das sensualidades tentadoras, como é descorado e *morte-côr* o quadro dos nossos folguedos carnavalescos!

Como nos eclipsaram até n'este capitulo ephemero da vida collectiva os proprios inglezes, que são a materia prima do *spleen*, n'esses tempos, que já lá vão, da côrte jovial e esplendida de Jaime I, com a simples differença que era em dia de Reis que se abria o alegre parenthesis á melancolia britannica! Ainda então não se ufanava a Inglaterra de ser o berço predilecto dos vates sombrios e funereos que muito mais tarde a cin-

giram com o duplo diadema da gloria e da tristeza. N'esses bons tempos a Inglaterra prezava-se de não competir no aspecto hirto e tumular de seus filhos com os cyprestes dos cemiterios, e muito pelo contrario juntava aos seus numerosos titulos o de *jovial*. Não a haviam ensombrado ainda nem a rigidez nem o sobreceño puritanos; era só e simplesmente a alegre Inglaterra, *merry England*.

Então amiudaram-se, desde o reinado de Henrique VIII até á morte de Jayme I, os torneios, as procissões sumptuosas, as mascaradas brilhantes e as representações theatraes de allegorias entremeadas de danças, de que Ben Jonson nas suas *Mascaras* nos dá viva e eloquente descripção. No entrudo de Lisboa ao ar livre, temos apenas o arremedo de tantas grandezas nas chamadas danças pyrrhicas, insulto prosaico, perpetrado inscientemente pelos dançarinos espadaudos e inflexiveis, que as compõe, ás tradições hellenicis e á memoria do heroe, filho de, Achilles, que, se não nos enganam as reminiscencias classicas, instituiu a dança guerreira para celebrar o feito da morte de Eurypylo, o filho de Telepho.

Vendo as danças pyrrhicas, que percorrem as ruas da cidade, admiramos mais um invento do nosso tempo, já tão prodigo de prodigios; é a co-reographia applicada ás companhias de trabalhos braçaes, ou a *dança dos matulas*, não menos tris-

te nas suas evoluções morosas do que a *Dança da morte*, em que um esqueleto com esgares e tregeitos comicos faz dançar os finados ao som de uma rebeca sobre a pedra do seu proprio jazigo.

Ao mesmo tempo comicas e funebres pela tristeza que respiram, as danças pyrrhicas constituem, ainda assim, o fundo principal das folias da rua, na quadra que acabamos de atravessar. Ao pé d'esta melancolia dançante de Lisboa, chegam a parecer-nos curtas e fulgurosas as noites de Lamego.

MISERIAS E GLORIAS MUNICIPAES

A que tempos somos chegados, meu Deus, em questões de progresso municipal! Retumba por todos os jornaes a noticia de que se vai rasgar uma nova rua, da largura de 15 metros, a qual, partindo da rua do Quelhas, em prolongação da rua da Lapa, ha-de cortar as verdejantes hortas e os vastos terrenos que d'alli vão descendo até meia ladeira da calçada da Estrella, para desembocar n'esta, um pouco acima do palacio das côrtes! Nós que outr'ora devassamos a solidão dos mares peveados de terrores, que investimos denodados com o Adamastor e lhe affrontamos impavidos a

feia catadura, nós que descobrimos mundos novos e rasgamos ao universo a estrada larguissima de mares desconhecidos, recebemos hoje com mal reprimido alvoroço a noticia de que se vai abrir uma rua nova.

Embriaga-nos o ante-gosto das perspectivas pitorescas da annunciada arteria de communicação entre as alturas do bairro de Buenos-Ayres e os precipitosos pendores da calçada da Estrella. Sobresalta-nos de curiosidade impaciente a physionomia de mais uma larga avenida, orlada de arvores e guarneçada de candieiros compassados, entrevendo-se a um dos lados um mercado construido segundo ás indicações do nosso tempo, ao mesmo tempo solido, elegante e hygienico, em que a rijeza do ferro se harmonise com a transparencia e a fragilidade dos vidros, e a elegancia das cupulas e das arcarias poetise, se é possivel, o intento eminentemente prosaico da fabrica delineada. Parece que descobrimos uma nova India, e que estrondeiam nos ares as bombardas festivas por entre o rumor dos vivas e clangor das trombetas, ao som das charamellas e atabales, para festejarem a nova feliz ! É que nós, bons e leaes moradores da muito nobre e leal cidade de Lisboa, tementes a Deus e zelosos do real serviço, esperamos ainda pelo Messias municipal. Qualquer nuvensinha algodoadá, que se libere no chão azul, dotra-se logo, a nossos olhos, dos fulgores des-

lumbrantes da apothese. Por isso applaudimos phreneticos tudo quanto nos promette mais commodos, mais confortos, mais civilização material para a nossa cidade, já esplendida de si pelos matizes brilhantes do céo que a cobre e pelo magestoso rio que a beija, rio em que revivem tantas memorias alternadamente tristes e jubilosas do passado, e em que se namoram, confiadas, as mais sanguineas esperanças do futuro.

Não admira, pois, que, olhando-se attentamente para este nosso porto, uma das mais vastas enseadas do mundo, cujas margens se dilatam por boa extensão de leguas, e se adaptam ás multipas necessidades da habitação, da industria, do commercio terrestre e maritimo, da navegação, do transitio, da saude e do recreio, ora encurvando-se em abrigos ás grandes e pequenas embarcações, ora esmaltando-se de sitios apraziveis, agora lourejando com as areias das suas praias, logo alteando-se em outeiros, tocando-se de verdes arvoredos, engrinaldando-se de pampanos, desatando-se além em chapadas nuas de vegetação, não admira, diziamos, que em presença da situação e da grandeza excepçionaes do Tejo, occorra ás intelligencias emprehendedoras tirar todo o partido das suas margens, conquistando ao rio, como na Hollanda e em Veneza, novas zonas de terreno habitavel, em que se condense uma povoação activa e laboriosa, se abram dockas es-

paçosas, se tracem alamedas e boulevards, se respire a alegria, a riqueza, o bem-estar.

Voltando-nos para as cousas municipaes, devemos regosijar-nos com a perspectiva dos novos mercados de vidro e ferro, que a camara acaba de resolver que sejam abertos e entregues á exploração particular, mediante reciprocas garantias, nos bairros da Estrella e de Santa Clara, isto é, em dous centros importantes da região oriental e occidental da cidade. Por em quanto, póde-se affirmar que um criado tem de viajar desde Buenos-Ayres até á praça da Figueira, só para procurar uma couve lombarda para seus amos, ou um mólho de espinafres. Se se quer um ananaz, o pobre moço das compras vai tentar uma demorada expedição até os mostradores do Matta, collocados no coração da cidade, voltando de lá quasi á noite, alquebrado de forças, cansado, velho. As tubaras, essas, são mais difficeis de encontrar e tão raras como os poetas de inspiração. É preciso muitas vezes que os criados as inventem, antes de as comprarem. Ás 5 horas da tarde chega o dono da casa, trazendo da baixa da cidade um ou dous amigos a reboque, manda pôr o jantar na mesa, e ouve muitas vezes em resposta que o criado das compras chegou da praça da Figueira uma hora antes, que a carne está tão crua como se estivesse no talho e o peixe ainda se estorce palpitante na mesa da cozinha. O dono da casa

empallidece de raiva e os convidados desmaiam de fome.

Com os novos mercados ao pé da porta, por assim dizer, todas estas graves contrariedades hão-de acabar. A descentralisação, que se requer a altos brados para a vida administrativa, é bom que se dilate até os rabanetes e á couve flôr. A praça da Figueira d'esta vez está deveras ameaçada pela autonomia culinaria dos novos mercados. Assim elles appareçam breve e não queiram cançar-nos a expectativa, como succede com a *grande avenida*, tão legendaria já, sem nunca ter existido, como o é na historia pela sua grandeza e infortunios heroicos a *grande armée*, do famoso capitão d'este seculo.

Em quanto não se realisam todas essas risosas promessas, o palacio do municipio, como que para nos consolar, vai-se erguendo com progressiva actividade, patenteando-se já nos lanços construidos, que o edificio municipal ha-de corresponder dignamente á magestade dos edificios seus vizinhos e á grandeza do primeiro municipio do reino.

Ao passo que vêmos alevantar-se com orgulho a nova fabrica, confrange-se-nos o coração e coram-nos as faces de vergonha diante do ignobil quadro que a todos se descobre nos pardieiros do largo da Bibliotheca Publica; emphaticamente condecorados com o pomposo titulo de *Palacio de Bel-*

las-Artes. Custa a crêr que haja governos que ma-tem oficialmente o instincto do bello e o gosto, esse sexto sentido da arte, logo á nascença, com a crueldade de Herodes, nos alumnos condemnados a cultivar a arte de Raphael e de Canova dentro d'aquelle antro, que é a negação de tudo quanto possa excitar a phantasia e educar o gosto. Pois é verdade! A despeito das melhores intenções, o crime ahi está n'esses tapumes denegridos, n'esses telhados de arribana, n'essas abobadas mutiladas, n'essa frontaria anarchiça e mesquinha, crivada de postigos e de grades de ferro, construcção hybrida, que reune em si como os Centauros da fabula duas naturezas, a de convento e a de aljube, amalgamadas e confundidas por modo tal, que é difficil separal-as.

Ora, em boa paz, quereria que os senhores do poder — do que é, do que foi e do que ha-de ser — nos dissessem se estão convencidos de que ha capital civilisada, digna d'estes fóros e preeminencias, que não tenha palacio municipal, de justiça, de bellas-artes (ou museu) e parlamento com as condições necessarias de largueza, de elegancia e de architectura.

Palacio municipal é certo que em breve o havemos de ter. Mas onde está o de justiça, senão no labyrintho torpe e immundo da Boa-Hora?

E o das bellas-artes, aonde naturaes e estrangeiros affluem a contemplar as riquezas artisticas,

existe por ventura n'aquella irrisão de taboas carunchosas e de paredes villãs, que para ahi campea no largo de S. Francisco?

Palacio do parlamento querem tambem que o haja n'aquella nesga monachal de S. Bento, Jano bifronte, que tem de um lado o rosto moderno e profano, e de outro lado a physionomia secular e fradesca, ensinando velhacamente aos deputados a inserirem nas leis a doblez que ostenta na sua estructura, e a enriquecerem a sua physionomia politica com o luxo de duas caras pelo menos, á imitação das que se lhe agrupam no seu vulto de granito, meio secular e meio seraphico?

Se folheassemos mais alguns livros de pedra, d'esses que desgraçadamente estão por ahi abertos aos milhares de estrangeiros que nos visitam, cada vez em maior numero, achariamos vergonhas não menos irrisorias. O dever dos que se prezam não é escondel-as, mas apontal-as aos olhos e á attenção dos que superintendem nas cousas publicas. Se a missão de governar se limitasse a ouvir trotar atraz de si os rocins transparentes dos correios de secretaria, e a pôr ao tiracollo uma gran-cruz, em jantar diplomatico, ou a aventurar-se arrastadamente ás evoluções de uma contradança passeada com a melancolia official de quem só nas articulações e nas curvas enferrujadas das pernas sente o peso do poder, que missão commoda, que regalada conezia não era!

Sahindo do recinto da cidade, vamos procurar a Lisboa alegre, folgazã e elegante nas corridas do Campo Grande.

É verdade que á imitação do que acontece com todos os espectaculos d'este mundo, o do Campo Grande nem sempre realisa em toda a sua largueza as promessas faceis de cartaz. E é talvez por esta mesma razão que ordinariamente ha alli tudo quanto se espera, menos as corridas. Mas que importa isso, se, em compensação, não faltam trens luzidos, senhoras elegantes, cavallo mais ou menos fogosos, que umas vezes galgam afoutos a *baia* pudicamente revestida de uma esteira, outras vezes se encabritam teimosos debaixo das esporas do cavalleiro, sem haver forças humanas que os façam saltar?

Os *landaus* perpassam diante de nós poveados de formosuras; os elegantes passeiam a cavallo; centenaes de senhoras percorrem as avenidas; ouve-se o zumbido alegre da multidão, o rumor festivo dos grupos que conversam, das senhoras que riem e das crianças que folgam, respirando a peito cheio o ar sadio do campo, que já começa de esmaltar-se com as esmeraldas da primavera; n'uma palavra, foge-se, durante tres horas, á monotonia devoradora da cidade.

A questão principal e urgente é fazer d'um gargalo de garrafa, que assim se póde chamar o caminho estreito que vai da cidade até lá, uma

estrada orlada de arvores, de passeios, e de edificios sumptuosos.

A grande avenida de Lisboa até o Campo Grande e os melhoramentos de ha muito planeados, mas a que a politica e a indolencia municipal tão poderosamente teem obstado, são pois indispensaveis. É triste mostrar aos estrangeiros, que nos visitam, a rede de ruas estreitas e mesquinhas, em cujas malhas correm o perigo de ficar entalados os que as percorrerem, e que pela maior parte constituem as principaes arterias da circulação da cidade.

O lago secco do Campo Grande, aquelle monstruoso indicio da nossa hydrophobia municipal, é simplesmente outra vergonha, que chega a ter os seus resaios de iberismo pelo proposito damnado, que denuncia, de nos querer dotar com uma miniatura do Manzanares.

No meio d'estas miserias, não recusemos á camara municipal os louros que acaba de colher na sua ultima campanha contra os mal afamados casebres da calçada do Sacramento, uma das ruas que desembocam no Chiado. Succediam-se as vereações ás vereações, consummiam-se umas após outras gerações inteiras de vereadores, e sempre de pé, tismados, sombrios, carunchosos, imundos, os taes casebres de torpe memoria! Defendia-os não sei que Pallas invisivel, sagrada. Eram-lhe baluarte invencivel as rumas de saccas de caryão

*

que a cingiam como que de impenetravel paliçada.

Campeavam alli, no meio das elegancias do Chiado, paredes-meias com os salões dourados do Club, aquellas edificações toscas, corroidas da lepra do tempo, com a arrogancia selvagem de uma aringa do Bonga. Debalde arremettiam contra elle os mais audazes dos nossos edis. Todos esses brios se desfaziam e quebravam diante das temerosas carvoeiras a que se acolhiam, como a uma cidadella inexpugnavel, legiões numerosas de maltrapidos. A camara actual, porém, inflammada de nobre ardor, jurou demolir os casebres, que por tanto tempo tinham sido o desespero e o ludibrio das suas antecessoras, atirar-lhes para cima das empenas e da telha-vã com os mais pesados camartellos, pulverisar-lhes os escombros, salgando até — quem sabe? — o chão em que por tão largo periodo se erguera aquelle opprobrio dos municipios e da elegancia architectonica da cidade. Lisboa inteira assiste á sua demolição com o mesmo jubilo que animava os cidadãos de Paris quando viram a Bastilha arrazada pelos fundamentos.

Mas, oh caprichos da fortuna ephemera! como que para marear o brilho das glorias recentes, levantam-se impavidos, insolentes os casebres fronteiros á academia das sciencias a desafiar todo o poderio municipal escorado n'uma selva d'ala-

vancas e de picaretas, e defendido por um exercito de pedreiros, alguns dos quaes serviram nas honrosas campanhas do legendario bota-abaixo.

Onde está a pujança do vosso camartello, illustres vereadores? Será possivel que ao furor que d'antes vos impellia contra tudo o que eram reminiscencias antigas e joias de veneranda architectura vos sobreviesse, á ultima hora, a ternura archeologica por tudo quanto é destroços e ruinas? N'esse caso, porque não entregaes a gerencia do municipio ao museu dos archeologos? Sem vos querer offender nos vossos brios, suppomos, que, antiquarios por antiquarios, os do museu do Carmo em cousa alguma podem ser inferiores aos do museu do Ver-o-Peso, onde vós, edis, diga-se de passagem, cultivaes o bello municipal por entre os perfumes rancidos do azeite de ginguba e ao som dos guinchos dilacerantes dos cevados, que alli vão a pesar-se, antes de caminharem para a chacina que os espera.

Aonde se foram abrigar a arte e o bello em que ella se inspira!

OS SARAUS DA QUARESMA

Oh! como eu adoro as reuniões intimas em que a supressão da walsa é mais um dos variados jejuns d'esta quadra de penitencia. Quanto me fascinam os saraus resumidos onde a contra-dança e os *lanceiros* se tornam uma profanação agora, quasi uma impiedade como as de mr. de Voltaire! Quanto me enlevam essas reuniões todas conchego, á roda da mesa, nas salas pequenas onde não se accendem os lustres, bem enterrada a gente nas poltronas e nas *causeuses* d'estofo molle, ouvindo cantar ao piano com perfeito accordo de voz e de olhares, o casto duetto de Fausto e Margarida!

Que unção de innocencia se respira n'esta

especie de saraus, em que todos os ouvintes se flagellam a si proprios, seraphicamente, escutando um trecho da *Traviata*, d'aquelle ideal de todas as mulheres regeneradas do nosso tempo, ou um bocado da *Favorita*, cujos ardores mundanos a consomem sem descanço, debaixo dos habitos de burel da freira !

Não se passeia alli a contradança vulgar em que as mãos teem de tocar-se por força n'um aperto mais ou menos demorado. Não se gira tão pouco nas voltas lubricas da walsa, que põem em perigo imminente a serenidade physica e moral dos walsantes e dissipam a virtude, reduzindo-a a phantasma, a sombra vã.

Cada rodopio de walsa, bom é que o saibam os levianos do mundo elegante, é tão feio attentado contra as disposições dos canones da igreja e contra o concilio de Trento, que póde, só por si, provocar a piedosa explosão de uma nova encyclica.

Cautela pois com as walsas, cuidado vigilante com esse perigoso contrabando de amores illícitos e de sensações peccaminosas.

A walsa, por este tempo ! a walsa, na quaresma ! Mas imaginam lá o que isso é ? É uma materia explosiva, uma dynamite pulada ; um algodão-polvora capaz de incendiar ao longe, como os espelhos ardentes d'Archimedes, as proprias tias velhas e as mããs aposentadas, de quem to-

da a gente julga que resistem a qualquer fogo como tijolos refractarios.

A walsa na quaresma ! Oh ! meu Deus ! é peor do que tudo isto, é o caminho de ferro da voluptuosidade, o telegrapho electrico do peccado, é a luxuria filtrada pela musica satanica de Strauss, é a loucura e o crime a *dous tempos*.

Durante o resto do anno és completamente diferente, oh walsa. Então sim, és casta, innocente, inoffensiva. Ao mancebo ensinas a timidez, á donzella o recato, ao Macario a harmonia. Então não fazes tu mal a ninguem. Á força de não seres irritante, pareces-te com canja d'arroz, ou borracho com ervilhas. Se esvoaças doudamente pelas salas com teus pés ligeiros, imitas a borboleta innocente que esvoaça sobre açuçenas. Quando giras envolta em ondas de gase parece que a cada volta, que dás, vaes espargindo sobre o chão encerado da sala de baile todas as rosas do pudor e todos os aromas da castidade !

Bem te conheço, walsa ! e sei perfeitamente que é das tuas voltas apressadas e febrís, em que dous seres se aproximam a ponto de confundirem a respiração e de beberem um no outro os mais excitantes effluvios da vida, que nasceu a virgindade... da dançarina.

Na quaresma, porém, ó virgem das salas, como abdicas a tua innocencia, como preparas ve-

nenos desconhecidos! como te transformas na pharmacia do inferno! como accendes chammas e incendios por onde quer que passas, mais gravida de peccados do que essas cidades malditas arrasadas pela colera vingadora do Senhor?

Ainda bem, que és proscripta n'esta quadra, em que são apenas tolerados os jejuns e a musica italiana.

Esses duettos, em que a cada compasso se murmuram as dôces phrases — eu te amo, — como és bella, — cantados ao piano assumem a innocencia das idades primitivas.

Ao sopro magico de Verdi, de Bellini, e de Gounod, quando a voz humana murmura essas deliciosas melodias, em que se sente palpitar o coração de castos desejos ou de anhelos devastadores, como no *Fausto*, na *Traviata* e na *Favorita*, a alma da donzella purifica-se nos limos da terra, e arrebatase nas candidas azas da imaginação ás transparencias azues do céo.

Uma menina, depois de cantar aquella ballada do 4.º acto do *Fausto*, em que Margarida, abandonada, se lamenta do seu amante não voltar, deve necessariamente cahir nas meditações mysticas de Santa Thereza de Jesus.

Depois do *Manual do christão*, nada conheço mais beato do que os arrebatamentos de Dona Sol, no *Hernani*, ou a languidez da *Traviata*,

Bem é pois, que mais esta austeridade venha augmentar as que de ha muito são recommendadas pela igreja, e observadas pela devoção dos fieis.

Em Paris começou, diz Branca de Hermonville, o uso das pequenas cêas servidas em mesinhas redondas, postas n'uma galeria, cêas cujo fim é, depois da meia noite, satisfazer a abstinencia escrupulosa dos convidados com o emprego de manjares appetitosos e de vinhos convidativos. E' mais uma austeridade imposta pela moda, a que não será difficil submeterem-se quasi todos os peccadores, de quem temos a honra de ser amigos.

Quanto ha-de aligeirar o peso das consciencias religiosas uma *soirée* parisiense da quaresma, d'onde é proscripta a dança, — essa douda plebêa, — para só se permittir o casto lyrismo da musica italiana, cuja letra respira a seriedade devota de umas *Horas Mariannas*, e o uso discreto da conversa geral, que acaba por uma cêa parcamente composta de *foie gras*, de galantinas, de perús *truffados*, e asceticamente regados de *Chambertin* e de *Champagne!*

Por isso nós, procrevendo a dança na quaresma, muito bem renovamos a santidade dos antigos tempos — em que os costumes eram puros, e a fé viva — admittindo que sómente imperem os jejuns e a musica italiana, duas verdadeiras

macerações, dignas da vida austera dos mais afamados cenobitas.

Com que restaurar mais eficazmente o salutar preceito das abstinencias christãs dos melhores tempos da igreja, do que cantando a *Traviata*, até á meia noite, e ceando depois perús com *truffas*? Agora sim, podêmos exultar, que Satanaz ha-de ser confundido por nós na sua obra de perdição.

Ora digam, á vista d'isto, os libertinos, que a fé religiosa enfraqueceu, e que vacilla, incerta e frouxa, nos corações a lampada das crenças!

A quaresma com *Traviata* e *truffas*!

Tão austera se vai tornando a geração de agora, que não sei, se para o anno de 1875 estará em moda cantar n'esta quadra as seraphicas cançonetas de Offenbach. *Lagosta* e *Offenbach* será, quem sabe! a divisa da futura quaresma.

O ATERRO

Expressão da melancolia profunda das tardes de Lisboa no verão, o Aterro ainda assim é o refugio procurado por aquelles que não estão resolvidos a morrer asphyxiados de calor nas suffocantes ruas da baixa!

De tarde, ao despegar da agulha, vêm-se passar alguns raros frequentadores por entre os renques das arvores espetadas como phosphoros em pé, através d'aquelle milhar de metros de terreno.

Vagueiam aquelles infelizes com a tristeza dos manes insepultos, que a fabula nos pinta a descreverem giros incessantes em redor da lagôa Stygia.

Agora chega o empregado publico, que aspira

a indemnizar-se com dous sopros da aragem do mar, das tarefas officiaes da manhã em que é condemnado a lavar com as bagas do suor, que lhe escorrem pelas faces, o melhor bastardô dos officios que copia, ou das minutas que redige.

D'ahi a pouco, dá entrada no Aterro um official reformado, que padece de rheumatismo, e que, encostado á bengala, se vai arrastando laboriosamente até os bancos mais proximos do pequeno jardim, onde toca a charanga da armada, ou a banda dos cegos da casa pia.

Quatro ou cinco senhoras encarregam-se benevolamente de quebrar com a sua presença, sempre agradável, a monotonia dos homens que no seu passeio solitario, e sem descanço de cá para lá, desempenham as funcções mecanicas de alca-truzes de nora.

Junto ao mercado do peixe, o Aterro tem as apparencias de um idyllio piscatorio. As varinas transportam roballos e corvinas, em quanto junto do caes está ancorada uma flotilha de fragatas abarrotadas de sardinhas, que d'alli sahem transportadas em carretas para os caminhos de ferro.

No meio do Aterro, diante do gazometro, passam e repassam das fragatas para o caes, enfaruscados como os ferreiros das forjas de Vulcano, carregões d'ambos os sexos com cestos de carvão ás costas.

De vez em quando, pelas ruas exteriores, atra-

vessa uma carruagem de praça ou particular, que conduz para Belem ou para Pedrouços os felizes que estão gozando do « fóra da terra », e que olham com piedade para os desgraçados que alli andam penando, n'um perpetuo movimento de rotação, os seus males chronicos de saude ou de algibeira.

No momento fatal em que passa a carruagem, faiscam irritados os olhos dos desgraçados, e fuzilam não sei que raios d'inveja contra os felizes que no meio da poeira olympica do macadam municipal vão rodando, ovantes e satisfeitos, para o jantar succulento que os espera, jantar impregnado hygienicamente da salsugem da beira-mar, d'aquelle acre cheiro marinho que tanto nos enrija o corpo e nos avigora a alma.

As quintas-feiras, interveem novos personagens na scena extremamente simplificada do Aterro: são os meninos e as meninas dos collegios, passeando a dous de fundo segundo a tactica invariavel das antigas manobras militares dos comparsas de S. Carlos.

A colonia hespanhola, de certo por delicadeza para com aquelle passeio deserto, destaca para alli duas ou quatro das suas formosuras, quando muito, e faz-se representar principalmente por lindas e rosadas crianças, pendentes do peito das amas pitorescamente vestidas á moda da Galliza, ou da Byscaia.

Que contraste melancolico, meu Deus! Ao pas-

so que no inverno se reúnem allí todas as elegancias, se trocam os olhares mais intelligentes, se dizem e se repetem as phrases mais apaixonadas, no verão, o Aterro, despede-se das elegancias e dos encantos das suas bellas, e jaz triste, secco e arido, como as suas arvores, que, depois de viverem alguns mezes uma vida toda de exuberancia, de seiva e de renovos, largam a folhagem e ficam nuas para na primavera se vestirem e ataviarem de novo.

D'esta renovação da natureza ficam infelizmente excluidos d'esta vez aquelles pobres eucalyptos, que mão intelligente e agronoma allí tinha plantado, resguardado, e encaixotado na calçada de Santos.

Vendo aquelles eucalyptos encerrados nas suas luxuosas caixas de madeira gradeada no estylo de arabescos da Alhambra, quem diria que tão cedo haviam de finir-se? Eram as sentinellas vegetaes d'aquellas solidões pela calada da noite. Aguardava-os o futuro risonho de se balouçarem, quando crescidos, sobre a cara dos passageiros sentados na varanda do omnibus, afagando-lhes suavemente os rostos com os pennachos verdes das suas folhas.

Esperava-se d'elles que galgassem por cima dos vastos muros que emparedam a rua, e que tomassem entre as demais arvores as proporções que tinha entre os homens aquelle gigante, de que falla

Virgilio, cujo bordão habitual era um pinheiro tósco.

Tantas esperanças cortadas pela raiz! metaphora de que se tem abusado, mas que n'este caso é verdadeira, pois que ainda ha pouco, com pasmo e sentimento geral, viam-se as caixas de madeira pintadas, orphãs dos eucalyptos que haviam seccado de noite!

« Quantos arbustos tenho visto morrer! » cantaria eu na elegia das infelizes plantas do Aterro, tão desveladamente tratadas por mão solícita e municipal, se tivesse a musa triste de André Chénier!

Le roi est mort, vive le roi! — dizia a França antiga, n'esses tempos de trevas, em que, ainda assim, se não dava claridade aos espiritos e ás cousas materiaes, por meio de fogueiras untadas de petroleo.

Nós, parodiando o dito, clamamos igualmente: Os eucalyptos morreram, vivam os eucalyptos.

Que os novos que vierem a reinar sobre o torção que foi tumulo aos que acabam de perecer, cresçam desafogados e livres.

Quem sabe se os mataria aos infelizes o primeiro ensaio que aqui se fez das prisões cellulares aonde os metteram, que outra cousa não eram as gaiolas aliás elegantes em que os condemnaram a passár a sua infancia, como se faria a collegiaes travessos e incorrigiveis?

Não pedimos para os que vieram substituir os fallecidos nem a liberdade, nem a soltura das orgãos. Sabemos que as arvores municipaes devem ser sérias e pacatas como os bons burguezes e os cidadãos honrados cujas são; que as não torçam nem contrafactam á nascença, que as não apouquentem desde o berço, é tão sómente o nosso pedido, razoavel e humano.

Nós, acrescentando o texto do thesouro de meninos, o nosso Salomão por excellencia, o livro da mais clara sabedoria, concluiremos com o tom sentencioso de um escrevedor de aphorismos moraes « que fazer mal aos animaes... e aos eucalyptos, é signal de mau caracter. »

D. FERNANDO E AS BELLAS-ARTES

Visitando a academia de bellas-artes não podemos transpôr aquelles umbraes, nem contemplar aquellas galerias, de cujas paredes pendem quadros ou dos nossos artistas laureados, ou das vocações promettedoras que vão desabrochando cada vez mais opulentas ao calor da arte, sem nos acudir aos labios o nome d'el-rei o snr. D. Fernando; d'esse monarcha verdadeiramente illustrado, generoso, munificente; protector desvelado de tantos artistas, artista elle mesmo entre os primeiros, a cuja influencia directa e indirecta é devido o progresso das bellas-artes entre nós no cyclo já longo dos ultimos 30 annos do nosso viver contemporaneo.

*

Se o nome de Garrett é a divisa da nacionalização da nossa litteratura abastardada, se o author de *D. Branca* e de *Frei Luiz de Sousa* a restituiu ás suas nascentes crystallinas de que andava extraviada, o nome do snr. D. Fernando é e ha-de ser o symbolo do renascimento das bellas-artes em Portugal na segunda metade do seculo XIX.

Nenhum artista deveras distincto na pintura ou na esculptura encontraremos, que não haja sido animado em seus estudos, protegido em suas lucubrações e esforços pelo magnanimo monarcha, que, por entre as disputas partidarias e o estrepito das facções armadas, nas horas que lhe deixavam livres os cuidados do governo do reino que adoptou por patria, das artes se inspirava, e para ellas vivia, ora comprando quadros e estatuas de alguns artistas nacionaes, ora estipendiando os estudos de outros em França e na Italia, ou construindo essa joia de estylo architectonico, que resplandece nos pincares da serra de Cintra.

Alli sobranceiro ás quebradas mais ingremes, as quaes ora golfam ondas de verdura, ora se matizam de uma flora variegada, manto multicôr de que as cobriu a mão verdadeiramente magica d'el-rei D. Fernando, é que assenta o castello real.

D'entre a maxima parte das nossas edificações, verdadeiros pezadelos materializados, quando aspiram á perspectiva grandiosa e solemne, ou respi-

rando mesquinhez villã, se apparentam de modestas, o palacio acastellado da Pena sobresahe como maravilha soberana de gosto.

Resaltando do fundo azul do céo em que se estampa, o palacio real da Pena, com suas cupulas no estylo arabe, despedindo chammas de luz nas reverberações de seus vidros coloridos, recortando as curvas caprichosas de suas arcarias na transparencia luminosa e anilada da atmosphera, fundo permanente d'este painel deslumbrante, — exerce sobre nossos olhos enlevados a fascinação das apparições phantasticas.

Dir-se-ha um sonho das *Mil e uma noites*, sonhado entre rosaes de Smyrna, n'uma d'essas noites cálidas e diaphanas, em que a terra inteira parece abraçar-se em desejos, as estrellas palpitarem de amor nas espheras celestes onde se encravam, e a lua excitar com seus effluvios os aromas das flôres e arbustos languidamente adormecidos.

Infiltram-se então nos sentidos e na imaginação todos os queimores ardentes do deserto. Parece que myriadas de caçoletas invisiveis de ouro evaporam de si quantos incensos encerra a Arabia em seu seio escaldante, para despertar os transportes apaixonados ou os suaves deliquios do amor.

Todas estas visões se levantam na nossa mente, ao avistarmos gentil, risonho, phantastico aquel-

le sonho tecido de grimpas airozas, de arcarias esbeltas, de columnelos subtis, de folhagens, de grifos, de animaes phantasticos, bordados no mármore. Sonho transportado do Oriente por mãos de fadas, e deposto alli, no mais alto das fragas, na corôa da serra, como thesouro de mouras encantadas, aonde nenhuma mão cubigosa poderá chegar, quanto mais furtal-o do pouso aereo a que o subiram!

Do mesmo modo que Luiz I de Baviera associou na historia da arte o seu nome aos *frescos* de Cornelius, e ás obras magnificas de Krampf, de Klenze, e de Schwanthaler, assim a memoria do snr. D. Fernando ha-de brilhar luminosa entre a constellação dos primeiros artistas dos nossos tempos, a quem alentou com seus conselhos e protegeu com sua alta munificencia.

Metrass, Lupi, Christino, Annunciação, Rezen-de, Marciano, Leonel, Victor Bastos, Pedroso, os mais eminentes pintores, esculptores e gravadores (entre os quaes goza das preeminencias de mestre e rei-artista) todos se enlaçam como festão glorioso em redor do nome d'este magnanimo monarcha, modêlo de principes liberaes, e fautor convicto dos prodigios da civilisação moderna.

E' tempo de louvar desassombradamente os meritos dos principes com a mesma isenção com que se applaudem as qualidades dos cidadãos eminentes. Não é diante dos reis, que os thauriferarios

interesseiros queimam na hora presente os melhores bagos dos seus incensos. O direito divino do seculo é o povo. Do forum, na praça publica, onde elle radia com o luzido cortejo de sinceros amigos e de falsos cortezãos, ora entrajado de tribuno, ora brandindo a espada do despotismo militar, e não raro empunhando a cana verde de sua vã e ludibriada realeza, ahi é que resoam as musicas, os vivas, e estrondeam os clamores da apothese, com que, ainda mal, se preludiam quasi sempre os funeraes da verdadeira liberdade.

NAS LARANJEIRAS

Fechemos os livros, apartemo-nos por hoje d'esses companheiros fieis e eloquentes, para respirarmos desafogadamente o ar saudavel do campo. A caminho e depressa. Estão-nos convidando ao idyllo os sopros suaves e as florescencias perfumadas de maio.

Vai commigo Bulhão Pato, que, nas horas em que se esquece de fundir satyras nos seus sonoros e valentes alexandrinos, sente, como poucos, as fascinações mysteriosas da natureza.

Já vai rodando o trem que nos conduz. Que linda paisagem a que se desfruta fóra do recinto

da circumvallação! Recortam-se no horizonte os contornos dos outeiros verdejantes; n'um regato, que se avista, ha as scintillações prateadas do sol; as olaias alastram o caminho com pequenos tapetes de folhas carmezins á volta dos troncos. Até onde a vista alcança, descobre-se uma zona accidentada de terrenos cultivados, de hortas, de quintas e de jardins, em que as côres dos arbustos, os matizes das flôres e os pomos dourados dos laranjaes destacam vivamente dos cambiantes verdes da relva coberta de orvalho. Ha apenas uma hora que vagamos entre arvoredos e tanto basta para nos voltar a alegria.

Eis-nos finalmente nas «Laranjeiras», onde nos espera na antiga vivenda do conde de Farrobo, hoje do duque de Abrantes e Linares, o nosso antigo e presado amigo Jacintho Lopes Cabral. E' a este cavalheiro que pertence inteira a honra de haver mandado restaurar os jardins, parque e demais accessorios d'aquella residencia grandiosa e aprazivel, com a maior actividade e com delicado gosto, a ponto de nos esquecermos da incuria e devastação lastimosa que ainda ha pouco apresentavam.

Que arvores, que sombras, que alamedas! Expiram alli os rumores da cidade, que lhe fica quasi ás portas. Reina a tranquillidade dos mosteiros n'aquella mansão que por tanto tempo respirou a vida ruidosa das festas cortezãs. Nos jardins e nas

salas desertas para uma mudez igual á que se espelha na agua dormente dos lagos e nos bustos immoveis de marmore.

Ouve-se sómente o susurro dos arvoredos e os gorgeios dos passaros a quebrarem o silencio profundo que nos cerca por todo aquelle vasto recinto de abobadas de cedros, encurvadas sobre ruas extensas, de buxos recortados no estylo de le-Nôtre, de tanques lavrados, de estafas, de vasos e estatuas de marmore.

Se por um lado nos embriagam os philtros de tão completa solidão, por outro opprime-nos uma melancolia indizivel, recordando-nos da felicidade e da opulencia que alli desfructou uma familia generosa e hospitaleira, lançada para sempre d'aquelle Eden, varrida cruelmente pelo tufão do infortunio.

Parece-nos, volvendo ao passado os olhos da memoria, que com o cheiro das magnolias e dos lilazes se misturam os effluvios, não de todo extinctos, das mulheres bellas, das formosuras aristocraticas, que ha vinte annos atraz colhiam sorrisos e homenagens e applausos nas representações theatraes, e nos salões dourados, em que refulgiam os lampejos deslumbrantes da walsa rapida e febril.

Do mesmo modo que em Trianon e nos jardins de Versalhes de Luiz XIV, cujas festas eram alumiadas pelo genio de Molière, pelos versos de

Quinault e pelas melodias faceis de Lulli, e a que davam prestígio seductor a frescura de mesdemoiselles de Rohan e de Liancourt, e a belleza soberana de madame de Longueville e de madame de Montemart — assim nas « Laranjeiras » do conde de Farrobo se reuniu durante vinte annos quanto havia mais distincto em Lisboa pela elegancia, pelo talento, pela riqueza. Estadistas como o duque de Palmella, barão da Ribeira de Sabrosa e Silva Carvalho, poetas como Almeida Garrett, oradores como José Estevão e Manoel Passos, *maestros* e *dillettanti*, *dandys* e senhoras espirituosas divagaram descuidosamente por aquellas avenidas, que hoje se mostram, ainda em parte, afogadas deervas silvestres.

Reis e principes assistiram a mais de uma d'essas festas magnificas, que a opulencia e o bom gosto do conde de Farrobo tornaram afamadas entre as mais grandiosas da Europa.

N'aquelle theatro, de que apenas restam as paredes exteriores, e essas mesmas separadas da columnata e do tympano que coroava o portico da entrada, brilharam os chistes delicados de Beaumarchais e de Scribe, realçados (e com que poder de genio!) pelas harmonias vivas e scintillantes de Rossini e de Auber.

Foi á luz da ribalta d'aquelle palco, de que nem sequer ha vestigios, que nós ainda vimos resplandecer a formosura e o talento de senhoras, cu-

jos nomes vivem na lembrança de todos, e a quem cingia as frentes juvenis a dupla grinalda do espirito e da mocidade.

Foi alli, a poucos passos de um jardim symetrico, traçado conforme o estylo frio e correcto de le-Nôtre, que com o seu borboletear rapido e travesso zumbiram os ditos maliciosos e as phrases joviaes da opera comica, que ainda se não havia prostituido ás facecias cynicas e truanescas das operetas de Offenbach, e nos encantava a todos com os deslumbramentos luxuosos da scena, e com as fascinações reunidas do canto e da orchestra.

Oh! como a triste realidade das ruinas escondidas com seus muros denegridos as visões ephemerias da nossa reminiscencia! Como as reverberações dos lustres de crystal e as grandes laminas de vidro dos espelhos, que emmolduravam as paredes da sala de baile, onde se enovelava o turbilhão da walsa, por momentos accesas e fulgurantes na nossa phantasia, se apagaram de repente, condensando em trevas o crepusculo d'estas alamedas de arvores seculares!

CIRCULOS E CANDIDATOS

Escrevia-me ha dias um amigo da provincia, a perguntar-me se d'esta vez me propunha a deputado (digamos a palavra), se era candidato.

Este amigo nunca votou em sua vida, nem dispõe sequer de meia duzia de votos! Não tem paixões politicas de nenhuma especie, e sabe muito menos os titulos dos variados partidos, que nos dividem, do que os nomes das rosas do seu jardim, que trata esmeradamente. Pertence a essa generosa familia dos corações abertos, leaes, francos — corações de ouro — em que não entra nem a malquerença, nem a inveja. Gostam de nós, alegram-se com os nossos contentamentos, interessam-se pelo nosso bem-estar. Se se enthusiasmam com a

nossa individualidade, então corremos o risco de figurarmos de heroe... a seus olhos. « Não ha homem como aquelle (exclamam elles na ausencia) ninguem lhe deita a barra adiante. « Aquillo, desde a grammatica, sempre mostrou que vinha a desbancar tudo », e, como estas, outras phrases de admiração.

— Olha que o nosso doutor — dizia um boticario de Pardelhas ao procurador da misericordia da terra — sempre lá nas camaras tem feito um figurão, que eu sei lá onde aquillo vai deitar!

— Que me diz, ó compadre Prudencio? — retorquia-lhe o procurador com os olhos esbugalhados. — Pois elle sempre deitará a ministro?

— Ora vossê está a rir, compadre Theotonio. O doutor, dizem as gazetas de Lisboa, tem mais ainda do que talento, tem muito genio.

— Um genio dos demonios, sim senhor, lá isso é verdade. Aquillo, em lhe chegando a mostarda ao nariz, bufa mais que um touro. E se elle péga de fallar, é mesmo uma zoeira por ahí fóra nos ouvidos da gente, que nenhum bezouro lhe ganha. Sempre foi assim — benza-o Deus! — desde a escola do padre Mathias.

— Não é isso, valha-o Nosso Senhor; o que dizem os taes das gazetas é que elle tem muita cabeça, muita força de miolo para o entendimento das questões.

.....

E' assim que os amigos ruraes, nossos enthu-
siastas, nos pintam, a distancia; e os retratados ga-
nham com ella, confessemol-o, pois que ordinaria-
mente nossos vultos, vistos de perto, são extrema-
mente pequenos, senão microscopicos.

Para taes pessoas não ha acontecimentos em
que não devamos figurar, nem honrarias que não
devam ser-nos conferidas. E' por isso que o nosso
amigo nos escreveu, a perguntar-nos se tinhamos
candidatura; como a cada empresa que se levanta,
a cada innovação que se realisa, nos tem já per-
guntado muitas outras cousas, persuadido de que
somos nós que fazemos andar este carro dos me-
lhoramentos publicos. Maravilha-se elle de que não
fossemos os socios fundadores da empresa do gaz,
e da das aguas, e da do caminho de ferro ameri-
cano. Custa-lhe a crêr, que não sejamos nós quem
vai construir os novos mercados e o hyppodromo.

Espanta-o a circumstancia de não sermos nem
ao menos camaristas municipaes. Não sabe atinar
com os porquês de não sermos os directores do
guano chimico de peixe, da phosphorite, dos pla-
nos inclinados, de todos os melhoramentos e novi-
dades que denunciam a civilisação, e parecem a
brotoeja do progresso.

Ficou, pois, deveras estupefacto quando, em
resposta á carta recebida, lhe dissemos que não
eramos candidatos á camara.

E todavia, sejamos francos, a candidatura tem

seus prazeres. Um circulo novo é uma especie de noivado politico que se vai contrahir. Tem todos os encantos da surpresa, e desperta todos os estímulos da curiosidade!—Qual será o meu circulo?—pergunta a si mesmo o candidato, que o não tem proprio, como o sultão póde perguntar no harem, qual das odaliscas chegadas na vespera da Armenia, que nem conhece, ha-de partilhar seu leito.

Ha por ahi candidato, que tem a ingenuidade de suppôr, que o seu circulo eleitoral está descrito com traços especiaes na carta do paiz, á imitação da carta geologica, que marca a tinta de côres os jazigos carboniferos ou metalliferos.

Um circulo distante, que nunca coahecêmos, e nos procura, é como que uma letra de popularidade, de que nós os candidatos somos os sacadores, e aceitante o circulo que nos elege, — banqueiro opulento que se encarrega de honrar, complacente, a nossa firma.

Quando o candidato não póde vêr claro no horizonte encinzeirado do seu circulo, que mal se divisa nos confins do paiz, resolve-se a emprender uma viagem aventureosa de exploração, que faz lembrar as do afamado doutor Livingstone.

D'antes ainda se acreditava que havia homens que tinham fechados nas mãos seis ou sete circulos! Esses tempos já são do dominio da ficção e da lenda. Passou-se de ter muitos circulos a não ter

nenhum, D'antes davam-se circulos como se fossem confeitos; hoje pedem-se como esmola, e não se acham devolutos. Ha menos inquilinos á procura de predios do que candidatos em busca de circulos.

Por um effeito de miragem, como acontece aos viajantes no deserto, que julgam vêr ilhas, bosques e cidades nas areias espelhantes e abrazadas, assim ha candidatos que suppõem avistar circulos risonhos e votações unanimes onde não ha senão a vacuo... da urna.

São candidatos João, e Bernardino. Venceu o primeiro. Solicitados os eleitores, uma hora depois, para dizerem o nome do que venceu, responderão unisonos que o vencedor foi um dos dous, que nem sabem como se chamam. Não tiveram tempo sequer para lhes decorar os nomes! mas, como a industria dos circulos ha-de progredir, á imitação de todas as industrias, é provavel, que se estabeleçam cursos mnemonicos, aonde, durante oito dias, os eleitores se exercitem em reter de memoria os nomes dos differentes candidatos que lhes solicitaram o suffragio.

Os circulos teem effeitos admiraveis na refração dos raios luminosos que despedem de si. O candidato da opposição possui ás vezes raizes tão vigorosas de sympathia que, para vencer, tem de se disfarçar em governamental. É a repetição da comedia do diabo feito ermitão.

*

Quando alguns candidatos se vêem doentes de impopularidade, e com o sangue eleitoral depauperado, anemico, apesar do nutriente caldo de unto da santa independencia, como dizia o Garrett, vão até ao Terreiro do Paço a tomar os ares das secretarias, que são a Madeira aconselhada para taes organizações extenuadas. Alli, graças ao ar benéfico e reparador que por toda a parte anima a criação rapida dos escrivães de fazenda e de direito, dos abbades e priores, dos guardas das alfandegas e malsins fiscaes, reanimam-se as forças ao candidato, e volta-lhe de novo o espirito vital que estivera a pique de desamparal-o.

O gosto supremo do candidato é amansar um circulo rebelde. Ainda se hão-de inventar os piceadores de circulo, em futuros tempos de cavallarias andantes de reformas, e construir-se um hypodromo para se adjudicarem premios ao circulo que, depois de domesticado, percorrer com a maxima velocidade a pista mais extensa de candidatos.

Experimentam-se grandes sensações na vida do candidato sem circulo proprio, especie de «prole creada sem mãe.» O candidato d'esta natureza é mais aventureiro do que Gil Braz, mais vagabundo do que o Judeu Errante.

Dizem-lhe hoje que está sendo eleito por Melgaço, lá perto do rio Minho, e ao acordar ámanhã vê surgir o seu nome de representante do povo em Villa Nova de Portimão no extremo Algarve! Não

ha aqui o inesperado das magicas theatraes? a vertigem das habilidades do passe-passe?

Se ha candidatos, n'esta quadra, mais velozes que o raio, ao atravessarem as distancias eleitoraes, em compensação ha tambem circulos que, em suas oscillações constantes, são mais instaveis que o azougue.

Durante a temporada das eleições os candidatos vêem-se obrigados a renunciar ao aprumo da posição vertical para se encurvarem n'um ponto de interrogação humilde diante dos seus eleitores; á força de assumirem esta posição modesta, conhecemos muitos que ficaram para sempre com a espinhela cahida... a eleitoral, já se sabe.

De todos os candidatos possiveis está averiguado, que o ministerial é, a bem dizer, o unico viavel, pela circumstancia de andar preso pelo cordão umbilical ao ventre do poder d'onde recebe a nutrição e o calor.

O candidato da opposição, esse, ordinariamente ou anda a monte, sem circulo nem eleitores, ou é quasi sempre arremessado pelos seus correligionarios a um circulo hostile, exactamente como os imperadores lançavam os christãos ás feras nos amphitheatros.

Naufrago infamado de revezes, o candidato da opposição toma-lhes tanto medo, que não é possivel afoutal-o a desafiar as ondas do suffragio popular, sem estar prevenido com um cinto de salva-

ção e sem a certeza de estarem na praia já apparelhados os cabos de vai-vem da sociedade humanitaria.

Para estes infelizes pescadores das cadeiras de S. Bento, pesca não menos perigosa que a das baleias, talvez fosse acertado organizar em cada circulo um serviço de cães da Terra Nova, sustentados pelos candidatos á imitação dos pombos de S. Marcos, os quaes a republica de Veneza alimentava. Esses cães deviam ser destinados a fazer aos candidatos, que se afundassem nos mares eleitoraes, os mesmos serviços que aos viajantes cahidos nas geleiras dos Alpes prestam os rafeiros do cenobio de S. Bernardo.

SEPULTURA Á BEIRA-MAR

(AO MEU AMIGO J. M. LATINO COELHO)

1865

I

Poucos espectaculos haverá debaixo do céu peninsular tão bellos e magestosos como a bahia de Cascaes contemplada em dia claro, d'entre a mata verde de pinheiros de Santo Antonio do Estoril.

Não estremece mais fulgente o sol no golfo azul de Napoles, nem recama de mais lentejoulas os canaes da poetica Veneza, nem se reflecte mais rutilante no espelho liquido do Bosphoro do que na superficie luminosa da bahia.

Verdade é que á bella enseada não lhe enfloram as margens, como ás da sua irmã sumptuosa do Bosphoro, laranjaes floridos cujos pomos escurecem o brilho dos globos de ouro dos minaretes, nem a emmolduram fastosamente arcarias, obeliscos, palacios de marmore.

Aonde, como no golfo de Constantinopla, as fontes de agatha a murmurar-lhe em redor, e a alastrar⁴ de aljofares os tapetes de relva? Aonde os jardins e kiosques todos fragancia e espessura? Aonde os harens dourados, através de cujas gelsias tramadas de filagrana fuzilam os olhos ardentes das sultanas? Aonde as galerias sem fim a projectar-se como pontes aereas de jaspe sobre maciço de verdura, e rosaes de Alexandria?

E todavia para ser formosa, como realmente é a sua bahia, Cascaes não carece dos prestigios da arte, nem das pompas do luxo oriental. Vai-lhe bem o ermo, o nú dos outeiros. As mesmas gandaras desertas por onde á bocca da noite se vêem passar vagarosamente raros rebanhos, o empinado dos barrocaes, as assomadas severas dos montes d'onde, no inverno, se precipitam com estrepito grossas vertentes, que serpeiam pelas aberturas dos valles, semelhantes ás roscas sinuosas d'uma serpente monstruosa, este todo — agreste, selvagem — encerram bellezas indiziveis.

Poucos cabeços se toucam do verde escuro dos pinheiraes. As oliveiras, os pinheiros mesmo mostram, no enfezado, resentir-se do halito do mar, do acre da salsugem, que se infiltra nas fibras das arvores a tolher-lhes a vegetação. Não vereis trepar pelas collinas os vinhedos entrelaçando-se em festões de bacchante. Carcavellos cingida de pampans estereis como de uma grinalda de irrisão,

espia na persistencia inveterada do *oidium* a abundancia vinhateira do passado.

Ao longo da costa e na direcção das dunas de areia, que se levantam mais altas nas proximidades do cabo da Roca, estende-se uma vegetação, não menos agreste do que rasteira, de juncos amarellados, de urzes, de pervinca. No pendor dos outeiros, nas ondulações montanhosas, pinheiros rachiticos, matto maninho, pastio rente do chão, e alguns raros tufos verdes de malva-rosa completam a familia vegetal d'aquellas praias, de continuo açoutadas pelos ventos do oceano.

Ao cahir da tarde, quando os resplendores amortecidos do sol se escondem nas franjas avermelhadas do horisonte, ou á noite, quando a claridade serena da lua embranquece as areias alouradas da bahia onde a paisagem e o mar teem um aspecto differente do que apresenta o littoral, a scena é tão imponente, que a nossa alma expande-se em hymnos ferventes ás magnificencias da criação.

Ao longe, distanciando-se em sentido contrario á concavidade da bahia, prolongam-se as cordilheiras pouco elevadas da margem esquerda do Tejo, até desaparecerem, fundindo-se nos declivios longinquos da serra d'Arrabida.

Na foz magestosa do rio e como que vigiando-a, ergue-se n'um penhasco cercado de mar a torre do Bugio, que açoutam enfurecidas as vagas, como que em represalia d'ella lhes roubar

muitas embarcações e vidas com o clarão amigo do seu pharol.

E deveras aquelle luzeiro nocturno é como um olho aberto, cuja pupilla parece redobrar de brilho, á medida que vai empolando o mar, e crescendo a cerração.

A quem o vê do fundo da enseada, o morro d'Espinhel a estender-se, a entranhar-se pelo mar dentro, afigura-se o costado enorme de cetaceo immovel espreitando o ensejo d'engulir os navios que descuidadamente o roçam ao dobrar o cabo.

No centro da bahia recosta-se a villa de Cascaes, a navegadora e guerreira d'outr'ora. Hoje, coitada! suas mãos já esquecidas do leme das caravellas que governaram e das armas que rijamente brandiram, empregam-se em concertar as rêdes de seus pobres pescadores, com a mesma constancia com que Penelope tecia a sua têa.

O que são os destinos d'este mundo! No tempo velho envergou Cascaes uma forte couraça de muralhas. Setteiras rasgadas em toda a extensão de seus muros apontavam canhões numerosos á esquadra inimiga que ousasse navegar nas suas aguas.

Pelos resaltes da vasta enseada, e cruzando os fogos, estendia-se uma linha de fortes, de que restam apenas revelins e lanços derruidos.

A aguia real do fisco, avezada a rapinas tanto ou mais que a sua irmã dos Pyrenéos, lembra-se de pairar sinistra sobre Cascaes, n'um dia de de-

zembro. De repente abre as azas, rasga vôos incertos, poussa sobre as muralhas alguns instantes, levanta de novo o vôo, atravessa os baluartes, parece rastejar por elles, para em seguida se remontar impetuosa ás alturas azues, aferrando ás pressas, não os raios celestes que a aguia da fabula sustentava nas garras e despedia sobre o mundo, mas os raios da terra, os canhões que vomitam a morte e o exterminio.

Da artilheria grossa, afeita a varejar as armadas de Castella durante as guerras da independencia, nem uma só peça escapou ao menos para trocar cumprimentos com os navios das nações amigas. Cascaes, desde esse dia, ficou sendo a amostra da belleza pratica de uma grande aspiração humanitaria, o desarmamento geral.

Quem nos diz que não foi aquelle o prognostico infallivel, de que Cascaes está fadado a celebrar o congresso da paz universal, pela qual juram suspirar as nações armadas até os dentes?

Ha pouco tempo alguns officiaes francezes da esquadra ancorada na bahia quizeram vêr a cidadella, que pelo vulto de seus muros lhes pareceu merecedora de ser visitada. Julgaram-na artilhada, é inutil dizel-o. Para cumulo de illusão, ondeava á brisa do mar a bandeira azul e branca, cravada n'um dos baluartes mais altos.

Entraram as portas, viram as sentinellas que alli estacionam com ar melancolico, subiram aos

revelins, percorreram as baterias, não viram uma só peça de artilheria, e pozeram-se a rir muito da logração. Um d'elles, malicioso a valer, disse que suspeitava ser alli o templo da paz. Outro perguntou com fingida gravidade ao veterano, que os acompanhava, onde ficava a cella do abbade, e a que horas tocava o sino para recolherem os monges.

Na mesma occasião, passeava arrogante na praia um paisano, guarda da alfandega, arrastando um espadagão que parecia a durindana de Falstaff, e dando-se ares de um descendente dos cruzados, no aspecto guerreiro que ostentava! É sempre o eterno sainete das nossas cousas.

Perdôe-me o leitor a divagação, e continuemos.

Das muralhas ennegrecidas de seculos, das paginas de pedra, onde em cada lanço está gravado um poema de heroismos, subsiste só o simulacro. No meio das ruinas circumjacentes, tão sómente a cidadella ergue seus torreões, sobranceira por em quanto ás injurias do tempo e dos homens.

Por detraz da villa, as collinas escalvadas inclinam-se em ladeiras ingremes que descem até um valle fundo. Para além d'esta orla de montes, o terreno vai subindo em socalcos, degraus irregulares de um grande amphitheatro, a que parecem servir de cimalha caprichosa os pincaros dentados da cordilheira de Cintra. Se d'este panorama at-

trahente volverdes os olhos ao interior da bahia, vereis a um e outro lado, nas saliencias extremas, a torre de S. Julião e a cidadella de Cascaes, postadas nas suas guaritas de rochedos como sentinelas immoveis da enseada.

Firmadas sobre penedias abruptas e cobertas de limos esverdeados, as duas fortalezas parecem-se com dous guerreiros agigantados de pedra que se fitam desconfiadamente, de um para outro lado da bahia, incertos do momento em que haverão de combater.

II

Como é lugubre a historia de lagrimas e de sangue d'estas fortalezas-carceres, d'estas Bastilhas, cujas prisões chapeadas de ferro e cavadas na profundidade dos subterraneos abafaram os gemidos de tantas victimas illustres!

A poucos passos dos muros de S. Julião, o sangue de Gomes Freire sacrificado aos rancores de um proconsul estrangeiro borrifou os penhascos que negrejam por entre o areal.

Em quanto ás masmorras da cidadella de Cascaes, essas, se bem n'uma muito menor escala que as de S. Julião, presenciaram dolorosas agonias de presos liberaes, e suas abobadas repercutiram os echos moribundos de uma voz, outr'ora elo-

quente e poderosa no nosso primeiro congresso de cidadãos.

Debaixo das abobadas humidas e salgadiças das infiltrações do mar, no recondito das prisões, verdadeiros esquifes de gente viva, como não desmaitaria ás vezes o raio de esperança, com que Deus, na sua misericordia, alumia as trevas da desgraça, apagando-se nos olhos dos presos, rasos de lagrimas, a miragem que lhes mostrava ao longe a familia e a liberdade, chamando-os e sumindo-se!

Para gelar os corações menos medrosos bastava a simples vista dos carcerees dignos da inquisição nos tempos de Filippe II e emparelhando em horror com os ergastulos da Ponte dos Suspiros.

Em 1829, o governo absoluto, suspeito e perseguidor como todos os poderes odiados, copiou os rigores e as vinganças, a que n'uma corrente de idéas diametralmente contrarias se abandonára a demagogia sanguinaria de 93 em França.

Delações formuladas sobre indícios, uns calumniosos, outros ridiculos, e alguns até bem comicos; suspeitas vagas; inducções malevolas; vinditas cobardes, exercidas sob color de assegurar a ordem publica e manter inquebrantavel o regime do throno e do altar, arrastaram a S. Julião mais de quatrocentos presos.

Sem deferencia alguma para com a situação das victimas, vilipendiando-as grosseiramente, Telles Jordão, que ás insignias militares preferia por mais

honrosas as chaves de carcereiro, arremessou os presos ás enxovias mais escuras, distribuindo os que reputava vil rebanho pelos calabouços infectos, em que faltavam o ar e a luz coada pelas grossas barras de ferro dos postigos.

Sobrepostas a estas prisões medonhas havia outras mais lavadas de ar. D'alli, como para lhes exacerbar as cruezas do encerro, os olhos dos presos entreviam pelas grades apertadas os dous grandes symbolos da immensidade, o céu e o mar.

Que dura porém era a sorte dos infelizes, que relativamente não affrontavam os incomportaveis horrores dos seus companheiros sepultados vivos, pôde dizer-se, nas enxovias subterraneas?

Do sol, que ao longe brilhava, que outro lenitivo recebiam senão o de enxugarem a uma restea vacillante as lagrimas que a cada momento deramavam? Em que os podia consolar a perspectiva agitada do mar senão em lograrem confundir com o bramido das ondas os gemidos e os soluços que os suffocavam?

Ás angustias inseparaveis da privação forçada da liberdade, acresciam as vexações dos carcereiros.

Para aclarar uma leve suspeita procedia-se a pesquisas aviltantes, devassavam-se os segredos do coração, e, se tanto era preciso, violavam-se brutalmente os melindres do pudor.

Um factó, entre muitos que poderíamos narrar,

bastará para se avaliar o procedimento de Telles Jordão e de seus subalternos com os infelizes confiados á sua guarda.

Uma nobre dama, a esposa de Jorge d'Avilez, depois conde d'Avilez, n'uma das visitas que todas as semanas fazia a seu marido encerrado nas prisões da torre, ao retirar-se, metteu no seio não sabemos que objecto indifferente.

O filho de Telles Jordão, official ainda moço, assistia como de costume á scena tocante do encontro dos dous esposos, á qual, se houvesse uma sombra de delicadeza, ninguem deveria estar presente.

Foi isto bastante, para o filho de Telles Jordão, esquecendo o que devia a si e a uma senhora, adiantar dous passos, pretendendo apoderar-se, á força, do objecto que ella escondera.

Dotada de animo varonil, a esposa do valente general fitou com desprezo o filho do carcereiro-mór, e recuou indignada, não sem punir primeiro no rosto do insolente a tentativa de affronta ao pudor e o esquecimento do respeito sempre devido a uma senhora.

Por este episodio expressivo, não será difficil imaginar, como se prestava homenagem ao infortunio politico no recinto tenebroso de S. Julião.

III

Era em 1833. A torre estava atulhada de presos. Depois de quatro annos de tormentos, sobreviera o terrivel flagello da cholera, como que a disputar aos oppressores as vidas dos infelizes postos sob a sua terrivel vigilancia.

O medo entrou a final no coração do governador. N'um accesso de susto infantil, Telles Jordão fugiu precipitadamente.

Que amarguras, nas horas de insomnia, não padeceria aquella boa alma, suspensa entre o egoismo da propria conservação e o remorso de carcereiro por haver desamparado os seus presos, ma-

*

teria prima — quem sabe? de forcas futuras e de fogueiras, que, na sua imaginação, haviam de alumiar a *giorno* a cidade como as chammas monarchicas e catholicas do campo de Sant'Anna.

Ao passo que Telles Jordão fugia acossado pelo medo, a espada invisivel da cholera amiudava seus golpes. Urgia a dezaccumulação de presos. Foram expedidas ordens para este fim.

N'uma noite de março frouxamente estrellada, em que a aragem do mar encrespava brandamente as ondas, uns lanchões tripulados por marinheiros, trazendo a bordo uma escolta de soldados, approaram aos rochedos de S. Julião.

Passados poucos minutos, as authoridades militares do presidio davam ordens, expediam emisarios. Uma faina militar, a deshoras, rompia o silencio habitual das noites, longas, interminaveis para os infelizes, que as passavam em vigalias e sobresaltos. Eram os preparativos para a sahida de muitos presos, que se tratava de remover já para outra fortaleza.

Uma curiosidade inquieta, misturada de terror, semelhante á que instinctivamente, no alto mar, se pinta no rosto do navegante quando vê encastellarem-se no horisonte as nuvens da procella imminente, opprimia e anciava os corações de todos aquelles homens antes de se apartarem.

« Aonde os levaria a sua estrella? Iriam sepultal-os no tumulto agitado do oceano cujo rumor

a alguns se afigurava ser prenuncio, se não ameaça de morte? Nunca mais se avistariam os que ficavam, com os que eram forçados a deixal-os? Estas e outras interrogações, qual mais angustiada, faziam-nas os pobres presos, com os olhos embaciados de lagrimas. Pousava-lhes a todos sobre o coração um peso afflictivo, precursor de novos infortunios.

Era forçoso darem-se o ultimo adeus, pois chegára a hora de se afastarem. N'este momento supremo, a luz, destacando-se das nevoas que até então a tinham encoberto, brilhou por instantes, alumando melancolicamente aquella scena de dôr.

Descendo silenciosos até á praia, os que o commandante militar designou, chegaram á beira do mar por entre uma fileira de soldados. Alli os esperavam os barcos que haviam de transportal-os á cidadella de Cascaes.

Embarcaram a final com as difficuldades que se adivinham facilmente, reflectindo-se que o embarque se deu de noite, em praia pedregosa, e que mal podiam suster-se em pé aquelles desgraçados a quem o demorado encerro de quatro annos havia quebrado as forças e entorpecido os movimentos.

Duas horas depois prolongavam-se os lanchões com a praia que lava os muros da cidadella. Os soldados formaram de novo alas, por entre as quaes caminharam os presos. N'aquelle prestito,

que desfilava vagarosamente pela praia em direcção á cidadella, viam-se homens illustres e cidadãos virtuosos, entre elles, o desembargador Lisboa, Manoel Duarte Leitão, honra da toga portugueza, o conselheiro Barradas, ministro da infanta regente, o general Caula, e Manoel Borges Carneiro, nome que aviva na nossa memoria o austero e franco patriotismo dos homens de 1820, a época virginal da liberdade portugueza.

Não era a cidadella menos sinistra que a torre, nem mais humanos os carcereiros. Do mesmo modo que em S. Julião, corriam prisões em diferentes pavimentos sobrepostos uns aos outros, a que davam serventia interior galerias de abobada, escadas estreitas e rampas tortuosas.

Nas masmorras mais fundas nunca penetra um raio de sol. Apesar d'isto, já não era pequeno alivio sentir-se, no novo carcere, a ausencia material de Telles Jordão, de cujo nome era impossivel aos presos o lembrarem-se, sem lhe associarem os crimes e os horrores que o cercava. Pela mais diabolica das metempsychoses, transmigrára o espirito malefico do carcereiro-mór, chamêmos-lhe assim, para outros zelosos imitadores do mestre nas pesquisas severas, na arrogancia dos modos, e nas devassas grosseiras, ácerca do facto mais incolor ou do accidente mais trivial do viver dos presos.

Testemunhas irrecusaveis affirmam porém, que

as copias, apesar de servis, jámais poderam competir com o original na energia feroz do colorido.

Borges Carneiro, meditativo, grave nas maneiras como os magistrados antigos, ao mesmo tempo serio e bondoso, concentrára-se n'um silencio melancolico.

A espaços, porém, a alegria desanuviava-lhe o rosto; então, o author do *Curso de direito civil* e do *Repertorio das leis extravagantes*, como que despertando d'um lethargo de tristeza, tornava-se deveras expansivo. A prisão transformava-se por instantes n'uma casa de palestra amena e jovial. Choviam as anedotas, os chistes e as citações. Borges Carneiro era inesgotavel n'ellas. A sua memoria, mais do que opulenta, rara, comprazia-se em recitar largos trechos da Biblia, satyras e epistolas de Horacio, cantos da *Eneida* e das *Georgicas*.

Não menos forte nas citações juridicas, Borges Carneiro arrancava do thesouro de sua retentiva prodigiosa textos sem conto do *Digesto*, repetindo seguidos ou salteados pela sua ordem directa ou inversa os titulos das *Ordenações*, com rapidez incrível e pasmo de quantos o escutavam.

Nas côrtes de 1820, onde discursára com proficiencia, já sobre assumptos politicos em que professava opiniões ardentemente democraticas, já em controversias de legislação nas quaes pesava

com a authoridade do seu nome, revelára Borges Carneiro maravilhas de memoria, na exacção chronologica das datas e na multiplicidade repentista das citações.

Nos intervallos que por esse tempo lhe concediam as triplices occupações de politico, de magistrado e de escriptor juridico, Borges Carneiro, rompendo o circulo de seus estudos especiaes, escreveu, entre obras de menor folego, um tratado de hygiene e differentes memorias sobre elevados interesses de ordem politica e social.

Sectario fervoroso das idéas então em voga, Borges Carneiro não professava a religião philosophica do espiritualismo moderno — não do espiritualismo transviado por especulações arbitrarías e envolvido em intellechias nebulosas —, mas do espiritualismo como nós o entendemos, accorde com a consciencia, com o senso commum, e com as verdades divinas da religião, alliada e irmã da philosophia.

Phantasmas d'um tempo que passou, fachos de uma philosophia agora decrepita, os sarcasmos demolidores de Voltaire, as inducções incredulas do encyclopedismo, as utopias paradoxaes e a eloquencia arrebatadora do *Contracto social* e do *Emilio*, coloridas pelo lyrismo impetuoso de Rousseau, seduziam n'aquelle tempo as mais bellas intelligencias.

A estas doutrinas não só rendeu culto ferven-

te Borges Carneiro, senão que as apostolou com ardor, crendo-as evangelho de verdades puras em religião e philosophia social.

Este varão, não menos eminente pelo engenho do que pelo patriotismo em que não o venciam os caracteres illustres da Roma de Scipião e de Paulo Emilio, descançava das antigas lutas da palavra (inutil e muda sob as mordanças do despotismo) no regaço da tranquillidade domestica. O antigo tribuno, cuja voz soára cheia de eloquencia no nosso primeiro congresso liberal, quando foi lançado nos carceres, vivia estranho ás conspirações preparadas (e ainda bem!) para derrubar um poder, que diante da Europa parecia condemnado a exhumar do tumulo do passado as demencias ensanguentadas de Tiberio, até que finalmente desapareceu sepultado na indignação universal.

Arrastado á torre, e depois á cidadella, como a rez ao matadouro, Borges Carneiro alquebrado de forças nos ultimos tempos do seu captiveiro, e como que prevendo o desenlace funesto da cadêa já longa de infortunios que o prendiam com seus elos de ferro, resolveu-se a dictar as suas ultimas disposições. Firmes, affectuosas, mas dignas de baixo do peso da desventura, attestavam ellas o alto e forte espirito que as inspirára. Escreveu-as o notario publico da villa de Cascaes, que foi chamado para este fim á cidadella; foram testemunhas alguns companheiros intimos de prisão, e as

sistiu ao acto solemne um destacamento do presídio. Seria necessario para os effeitos da fé publica, que um preso por motivos politicos dispozesse de seus bens, diante de uma companhia de soldados armados a manobrem ao toque de corneta? Este alardo de força, em momentos tão solemnes, seria a homenagem mais delicada que os poderes estribados na violencia poderiam prestar ás suas pobres victimas?

Seja o que fôr, o que parece certo é que a voz occulta dos presagios não illudia a Berges Carneiro, o qual, passados poucos dias, cahia enfermo no leito. Ferira-o a cholera, e d'esta vez mais profundamente do que a adversidade, cujos golpes haviam até então resvalado na serenidade do seu animo como em arnez impenetravel.

Foi rapida a sua agonia. Orando silenciosos ao pé do leito do moribundo, os amigos que haviam commungado com elle na confraternidade santa do martyrio e esgotado na mesma taça o fel dos vilipendios, contemplavam, anciosos e inconsolaveis, o crepusculo de uma vida amargurada, prestes a sumir-se nas sombras do sepulchro. Momentos depois rasgava os envoltorios terrenos o espirito impercível, alando-se, borboleta divina, ás alturas a que não alcança a mão dos tyranos, por mais formidavel que seja o seu poderio.

Por detraz d'aquelle tumulto aberto rompia o

sol da eterna justiça, que é também o da liberdade, a vingadora immortal de todas as iniquidades e de todos os despotismos.

Borges Carneiro, após as cruezas do martyrio que lhe arrancaram a vida, renascia em espirito para Deus, de que nunca descreu, e para a liberdade, que na terra lhe fôra sequestrada !

IV

N'um dos ultimos dias de outubro d'este anno vagueava eu pelo caminho solitario, que do cemiterio de Cascaes leva á Pombeira, d'onde se contempla o espectaculo grandioso do mar que investe irritado contra os alcantis abruptos, e brame com medonho estrepito, introduzindo-se pelo re-concavo das penedias onde referve em cachoeira espumante. Os cyprestes do cemiterio ¹ ondeavam á aragem da tarde. Imperava alli o silencio, alma

¹ A paisagem está hoje alterada. O cemiterio foi d'alli transferido e converteu-se em parque. Por fóra do muro, a que nos referimos, levantou-se uma praça de touros! Oh civilização!

da solidão, em toda a sua severidade melancolica, interrompido apenas pelo susurro das vagas, que quebravam nas rochas.

Costeando o muro do cemiterio e do convento da Piedade, sobre cujas arcadas esvoaçam os passaros nocturnos, dei com uma cruz traçada a cal na parede que segue ao longo do campo da Parada.

Santifica o ermo com a idéa de Deus, perfuma-o de aromas mysticos um cruzeiro de pedra em cima de um penedo tosco. Dir-se-ha um templo rude dos tempos primitivos, desordenado, sem tectos, aberto ás inclemencias da procella.

Encostado ao muro ha um banco de pedra, sombreado de alguns choupos, que de quando em quando gemem com os açoutes do vento.

Sentava-se no banco um veterano de physionomia insinuante e inspirativa de confiança por suas feições francas e rasgadas. Acompanhava-o um rafeiro ao qual afagava. O humilde animal pagava as caricias do dono, dando pulos, atirando-se-lhe aos joelhos, avançando, recuando, e no auge da alegria lambendo-lhe as mãos.

Interroguei o velho soldado ácerca d'aquella cruz branca, signal que nos descampados e atalhos da minha provincia quer dizer que alguem morreu de morte casual, ou ás mãos de outrem.

Respondeu-me o bom do veterano que aquella cruz designava o lugar aonde pouco tempo haviam sido encontrados os ossos de Borges Carnei-

ro, quasi á flôr da terra. E' difficil exprimir a impressão de surpresa estranha que em mim produziu revelação tão inesperada.

O meu espirito, o meu coração, principalmente, relutavam contra a supposição de que se pudesse ter atirado os ossos de homem tão illustre a um matagal, fóra de sagrado, para fossarem os cães vadios n'aquellas reliquias venerandas, como se fôra na immundicie dos monturos!

Na manhã seguinte não houve informação a que eu deixasse de pedir um rasto de luz para me alumiar com segurança na lavra da verdade.

O que era para mim absolutamente novo, sabiam-no todos na villa. Aparecia-me implacavel e em toda a sua hediondez a evidencia do que na vespera me fôra referido pelo veterano do campo da Parada.

Alli — n'aquelle ermo meio agreste, é que paravam os restos de Manoel Borges Carneiro, profanados pelos animaes vagabundos! Não poderiam ter sepultura menos honrada os miseraveis que Virgilio no seu inferno delatava á Nemesis Vingadora:

*Vendidit hic auro patriam, dominum que potentem
Imposuit...*

Patriota ardente como raros privou-o a indifferença, senão a ingratição publica, de um tumulto

modesto aonde todos, em piedosa romagem, podessem ajoelhar aos pés d'uma cruz, symbolo da religião em cuja fé expirou, e do martyrio que em vida padeceu ! Votaram-n'o ao desamparo, ainda depois da morte, no seio da propria patria. Que sacrilegio maior, do que insultar a religião dos mortos, privando-os da tranquillidade da sepultura !

NOTA

Borges Carneiro adoeceu a 30 de junho de 1833 e falleceu a 4 de julho do mesmo anno. O seu captiveiro durou quasi cinco annos, pois foi preso na torre a 15 d'agosto de 1828 onde permaneceu até 28 de maio de 1833, sendo d'alli transferido para a cidadella de Cascaes, em companhia de duzentos e quarenta presos politicos. D'estes falleceram em Cascaes dezeseis. Os restantes voltaram para a torre no dia 9 de julho, cinco dias depois de haver fallecido Borges Carneiro. No dia 24 de julho triumphava definitivamente a causa liberal, pela qual tantos centenares de homens haviam padecido com a constancia de martyres!

Decorridos oito annos depois do nosso humilde escripto, vimos com prazer, que se reparou tão feia e prolongada ingratição, como a que n'elle estigmatizámos. Hoje os ossos de tão prestante cidadão estão depositados na igreja matriz da villa de Cascaes. Bem merecem da liberdade e da patria todos quantos contribuíram para o começo do pagamento de

divida tão sagrada. O paiz de certo acabará o que deve á memoria de um dos seus filhos mais illustres.

Em seguida transcrevemos os autos da exumação e deposito, que confirmam plenamente a exactidão escrupulosa do nosso escripto de oito annos antes (1865), em tudo quanto se refere ao sitio em que jaziam os ossos de Borges Carneiro.

AUTO DE AVERIGUAÇÃO

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil oitocentos e setenta e tres, aos cinco dias do mez de fevereiro do dito anno, n'esta villa de Cascaes, e casas da administração do concelho, sendo presente o administrador do concelho Pedro Lourenço de Seixas Borges Barruncho, commigo escrivão de seu cargo abaixo assignado, para se averiguar o local onde se achava enterrado o desembargador Manoel Borges Carneiro, que havia fallecido n'esta villa de Cascaes, em julho de 1883, e sendo para este fim presentes os cidadãos João de Freitas Reis, Joaquim Antonio de Lima Raposo, José Candido de Lima Raposo, proprietarios e moradores n'esta villa, e Manoel Francisco Gaio, lavrador e morador no lugar da Torre d'este concelho, por elles foi dito: que sabem, por terem presenciado, achar-se enterrado no sitio da Parada, em uma terra de semeadura, junto ao muro da cerca do extincto convento da Piedade, os restos mortaes do desembargador Manoel Borges Carneiro, e de um soldado que se havia enterrado por desprezo, por cima do cadaver do dito desembargador, o que para divisa se achava no dito muro da cerca uma cruz da cal que servia de balize, e fôra posta já ha muitos annos, e por isso assim se affirmavam e ratificavam. E de tudo para constar mandou o dito administrador layrar o presente auto, que assigna com os ditos cidadãos, depois d'este a todos lhos ser lido, por mim Antonio Romão Pereira, escrivão da administra-

ção d'este concelho, que o subscrevi e assignei. — *Pedro Lourenço de Seixas Borges Barruncho, João de Freitas Reis, Joaquim Antonio de Lima Raposo, José Candido de Lima Raposo, Manoel Francisco Gaio e Antonio Romão Pereira*, escrivão da administração.

AUTO DE EXHUMAÇÃO

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil oitocentos e setenta e tres, aos sete dias do mez de fevereiro do dito anno, em esta villa de Cascaes, e no sitio da Parada, n'uma terra hoje cultivada, e que é limitada ao norte pelo caminho que conduz á Pombeira e ao sul pelo muro da cerca do extincto convento da Piedade, e ao nascente com carreira de choupos existentes na Parada, e pelo poente com o rio dos Mochos, e achando-se presente o administrador d'este concelho, Pedro Lourenço de Seixas Borges Barruncho, commigo escrivão do seu cargo abaixo nomeado e assignado, com os cidadãos João de Freitas Reis, Joaquim Antonio de Lima Raposo, José Candido de Lima Raposo, proprietarios e moradores n'esta villa de Cascaes, para que estes indicassem ao dito administrador o local onde fôra enterrado o cadaver do desembargador Manoel Borges Carneiro, que em julho de 1833 fallecera na cidadella da praça d'esta villa, para onde tinha sido removido da torre de S. Julião da Barra, e estando presente o sub-delegado de saude dr. José dos Passos Vella, e o bacharel formado em medicina João Simões Pedroso de Lima, facultativos da camara municipal d'este concelho, e mais pessoas d'esta villa abaixo assignadas, procedeu-se ás necessarias excavações no local designado pelos cidadãos acima mencionados, encontrando-se a metro e meio do muro da cêrca (na direcção normal a uma cruz existente no dito muro, como consta do auto de averiguação) e a um metro de profun-

*

didade, e em posição paralela ao muro, um esqueleto completo e em bom estado, debaixo do qual, e um pouco obliquamente se achava um outro esqueleto igualmente bem conservado, e sendo os dous esqueletos exhumados e examinados pelos dous facultativos, declararam estes, que elles pertenceram a individuos já adultos e do sexo masculino, indicando existirem alli ambos desde a mesma época, e sendo os ossos d'este esqueleto alli mesmo limpos e separados, foram introduzidos em dous caixões de madeira, que depois de convenientemente pregados, cintados, lacrados e rubricados, foram solemnemente conduzidos e depositados na igreja matriz d'esta villa ; não restando assim duvida alguma a todos os assistentes de que era alli o verdadeiro local onde fôra enterrado o cadaver do desembargador Manoel Borges Carneiro, e de que a este pertencia o esqueleto mais profundamente encontrado, o que está de accordo com a narração historica e tradicional d'esta villa, de que os encarregados do enterro do dito desembargador lhe haviam collocado em cima, como desprezo a tamanho vulto, o cadaver de um soldado, mas tambem com as declarações dos cidadãos Freitas e Raposos, e mais Manoel Francisco Gaio, lavrador e morador no lugar da Torre, d'este concelho, como consta do auto de averiguação junto, e foram testemunhas presentes a todos estes actos as pessoas abaixo assignadas.

(Seguem-se sessenta assignaturas).

O LEILÃO DE JOSÉ ESTEVAO

I

Quem está livre de ser perseguido em sonhos pelos *diabos azues* de Stello?

Eu tinha passado mal a noite. Apenas de madrugada, depois d'esforços laboriosos, podéra conciliar o somno.

Ás dez horas da manhã, a que acordei — manhã nevoenta e tristonha de março d'este anno — as golfadas de aguaceiro succediam-se frequentes, o vento gemia nas arvores e nuvens negras e densas corriam impellidas com extrema violencia. Dentro em pouco o vento augmentava, cahia sobre a cidade um temporal furioso, e o Tejo embravecido contra os caes de suas margens galgava

sobre elles fremente de cólera, alastrando-os d'es-puma.

Com a face collada aos vidros da minha janel-la, via-me reduzido ao papel de comparsa n'este drama de grande espectaculo da natureza, quando do meio d'este diluvio (chovia então a cantaros) emergia á minha porta, lavada das aguas do céo, um entregador de jornal, qual outro corvo sahido da Arca.

Passando de leve, como gato por brazas, pela parte doutrinal do periodico cujo publicista cerzia, pela vigesima vez, uns retalhos desbotados de Proudhon, entretive-me com o noticiario aonde o escandalo, a anedota, o boato, e, principalmente, a pêta creada e amamentada pelo celebre *Almo-creve* de mentirosa memoria se encontram em rui-doso ajuntamento.

N'este rapido relação não tardou que meus olhos topassem com o annuncio do leilão da mobi-lia e livros de José Estevão para aquella mesma manhã ás 11 horas.

Não perdi um instante. Dentro d'um quarto de hora, graças aos prodigios de uma parelha de magros rocins esporeados até ás entranhas por um batedor de praça, apeava-me á porta da casa, na qual ia em breve realizar-se o leilão annun-ciado.

Quem do largo da Patriarchal Queimada, hoje praça do Principe Real, desce pela rua Formosa,

a poucos passos andados encontra á direita, a meia ladeira, a frontaria escura de um mosteiro de monjas.

É verdadeiro sepulchro de gente viva este monumento consagrado á oração. A claridade escacêa n'elle por toda a parte, e o ar da saude, filtrado por umas frestas esguias, difficilmente poderá lavar os pulmões asceticos das esposas do Senhor.

Uma travessa estreita e sinuosa quebra a continuidade das edificações, interpondo-se entre o mosteiro, a cuja portaria se vê encostado um sacrista, esgoto ambulante das bentas galhetas, — e a casa pouco vasta e insolada que d'um lado entesta com a travessa e do outro diz para a rua. Contiguo a este predio de um andar com seis janelas de sacada, designado com o numero 125 pela arithmetica municipal, corre parallello á rua um muro de jardim ennegrecido exteriormente pelas inclemencias do tempo, por dentro vestido de trepadeiras floridas. Sobre a cimalha tosca d'esse muro alteando-se por detraz d'elle, encurvam seus braços verdejantes alguns arbustos do jardim, para onde dá outra fachada interior da modesta habitação.

II

Illic flevimus...

Ao penetrarmos aquelle limiar, apoderou-se de nós uma dôr profunda. Aquelle pateo d'entrada, que pisáramos, era o mesmo em que na noite de 3 de novembro, noite fatalmente dolorosa, estancaram durante horas muitos amigos do moribundo, arquejantes de anciedade, de dôr, e também de esperanças enganadoras.

Que noite aquella! Em vão se desvelavam tantos amigos sinceros em prolongar a luz d'aquella vida brilhante, que viam quasi extincta. Com a lampada da existencia acontece o mesmo que com todas. Nutre-a o espirito vital, como as outras se

alimentam do óleo, mas apenas aquelle começa de amortecer, debalde se procurará na sciencia e nos mais entranhados affectos o milagre de lhe esperar a chamma. Apagou-a Deus! Nunca mais ha-de brilhar o jorro de luz reflectido da vida como de um candelabro de ouro, que se condensaram para sempre sobre elle as sombras do aniquilamento, cercadas da mudez pavorosa das catacumbas.

Mais se nos contristava o animo, quando, ao passo que agitavamos n'elle lembranças piedosas, pois a amizade é uma religião, não viamos senão rostos indifferentes, ou exprimindo tão sómente a avidez de obter a rasto de barato o espolio do finado. Apenas tres ou quatro amigos se misturavam com a turba mercantil dos *cabeças de pau* — que nenhum sentimento suave embrandece — indo alli em romagem affectuosa a buscar um objecto, pelo menos, a que se associasse a lembrança querida do amigo defunto.

Oh! meu Deus! Aquella casa, templo de hospitalidade, aonde o grande orador acolhia amigos e inimigos com franqueza provinciana; aquellas paredes, testemunhas de tanta felicidade intima, de tanta alegria desaffectedada, vêl-as invadidas e profanadas pelo leilão! O que é elle, senão o extermínio judicial de tudo a que mais queremos no lar, depois das santas afeições do sangue? A que visa, senão a divorciar-nos do nosso leito, da nossa mesa d'estudo, de tantos outros companheiros

mudos e fieis de ventura ou infortunio? Que faz elle, com suas mãos brutaes, que não seja rasgar todos quantos commentarios eloquentes da nossa vida nos rodeiam, avivando-nos a lembrança de dôres profundas, e tambem de horas deliciosas, de tempos que nunca mais hão-de voltar?

Segredos, reminiscencias, saudades, sacrificios pecuniarios, pesquisas laboriosas para alcançar um vaso de jaspe, um quadro do Grão-Vasco, um asceta de Zurbaran, um aparelho de louça de Sevres, uma jarra immensa do Japão; desvelo em guardar um *écran* bordado pelas mãos de uma mulher querida, religião das saudades do passado, avivadas de continuo pela presença de objectos que o perfumam de poesia e como que nos rejuvenescem a alma com suas recordações, tudo aniquila de um golpe e sem piedade o mercador dos espolios dos mortos. Vejam como elle mira e remira aquella chavena finissima do Japão! Que lhe importa que seja da mais fina porcelana, a cinja na borda superior uma renda subtil, quasi invisivel, ou lhe esmaltem o bojo transparente flôres douradas, inveja e desespero da imitação europeã? Tudo lhe é agora indifferente e sem valor, preocupado, como está, com a idéa de ganhar alguma libra de commissão na compra d'um aparador colossal de madeira de carvalho, encommenda de um negociante de escravaria, recém-chegado da costa d'Africa.

Este chatim millionario, pelos modos, veio á côrte a negociar para si uma commenda de Christo, profanação sem nome, quando convertida em rotulo de negreiros, e até em premio concedido por nações, que se gloriam de philanthropicas e de christãs, aos ignobeis e desalmados traficantes de carne humana.

Sobre aquella mesa d'estudo está um livro aberto; abrindo-o lêem-se alguns trechos annotados pelo grande orador. São tratados philosophicos e orações de Cicero.

Quaes seriam as reflexões do orador portuguez ao versar as obras do seu irmão em eloquencia? E, todavia, o *cabeça de pau* folheia desdenhoso o livro, e atira-o para a extremidade da mesa, porque não lhe soffre o animo deixar de cobrir o lanço de duas cortinas de chita franceza, annunciadas em tres pregões successivos, sem com tudo haverem alcançado a sagração da hasta publica.

Irmão gemeo do coveiro, o *cabeça de pau* revolve impiamente os penhores da amizade, do amor, as lembranças da familia, como o primeiro remexe a gleba dos vallados e cava com a enxada sete palmos de terra no recinto dos cemiterios.

A symetria — não servil, tirada a cordel, vulgar, rotineira — mas a symetria livre, harmoniosa, distincta, artistica em seu apparente desalinho — com que o *amador*, deixem-me usar da palavra, o

homem de gosto, dispõe e ordena a collocação dos moveis, e principalmente das cousas de phantasia, dos objectos artisticos, quebram-na, mutilam-na as garras bestiaes do leilão. E' elle quem põe remate á antithese bem combinada das decorações e ornatos, á gradação calculada dos cambiantes, á disposição elegante, segredo das salas finamente adornadas.

Ao aproximar-se o leilão — hospede importuno, usurpador legal, inimigo jurado dos haveres herdados e dos commodos laboriosamente conquistados a preço de fadigas e vigílias — desprendem-se das paredes os quadros e os espelhos; apêam-se de seus pedestaes os bustos de bronze e de marmore; os lustres de crystal jazem, envoltos em suas capas de gaze, a par das serpentinas douradas, que lhes foram satellites submissos quando elles deslumbavam com suas luzes radiantes nos salões de baile; a baixella de prata, crespada de relevos e rendilhada de arabescos refulgentes, enfileira-se ao lado da bateria de cobre brunido da cozinha, n'uma palavra, misturam-se, confundem-se, baralham-se todos os moveis. Em minutos perdeu-se o trabalho de horas, de dias, e de annos. Ao bafô maldito do leilão, esvaiu-se n'um relance o perfume da imaginação creadora, e apagaram-se os vestigios do passado inteiro de quem ade-reçou a casa, em que vem agora cevar-se o abutre faminto dos que empobreceram ou morreram. Quanto

ha mais sublime e santo no lar fica exposto, se não prostituido, ás indecencias e aos descomedimentos do leilão.

Haveis de vêr o *prie-Dieu* de velludo carmezim — onde a esposa querida murmura de joelhos as orações de cada dia e pede ao Senhor ferventemente pela felicidade dos seus — haveis de vê-lo arrancado do oratorio e desterrado para a casa de banho entre um regador e uma tina de lata. Deixaram de scintillar alegremente os rubis do vinho do Porto — mais velho do que eu e do que tu, amigo leitor, — dentro das tuas garrafas de crystal. Arrancaram-lhes as rolhas de vidro ponteagudas; eil-as sobre aquella vasta mesa cobertas de pó, entre rumas encastelladas de pratos, de terrinas, de jarros e bilhas d'Extremoz, brazões da olaria nacional.

O cofre com marchetados de madre-perola onde guardavas, bem fechadas, as cartas de uma mulher, cuja leitura te fez estremecer de paixão, e onde escondias — leitor pacato que me estás lendo — a trança negra ou dourada dos cabellos de outra, ou de muitas — quem sabe? — penhor d'uma affeição fluctuante como elles, jaz, n'este momento, no chão, cavalgado por um selim que quasi o esconde entre suas abas de moscovia.

O barril da agua, com as tuas iniciaes em letra maiscula do qual, sentindo-o em cima do hombro, diriam de certo os teus serviçaes espa-

daudos de Tuy e de Redondella, se houvessem li-
do Camões :

Não sente quem e leva, e doce peso
De soberbo com carga tão formosa,

— tão franzino é o barril e tão possantes as costas
que com elle carregam — até esse comparece n'es-
te tremendo *juízo final*. Eil-o triumphante e gar-
rido com a sua gallega pintura de verde, encarna-
do, e amarello — um arco iris portatil de madeira
— sobre o teu forte piano d'Erard.

Dentro d'aquella caixa de rebeca, aberta, e
orphã da sua melodiosa inquilina, o que vejo, meu
Deus! um pequeno crucifixo de pau santo com a
imagem do Redemptor, toda de marfim, em cuja
physionomia o artista derramou toques de melan-
colia suave e de resignação divina que não ha
olhos enxutos de quem a contempla.

A gaiola dourada com zimborio mosqueado de
arabescos, parodia, em miniatura, de um kiosque
do Oriente, onde o teu pintasilgo trinava suas
canções matutinas, saudando a alvorada, os ver-
dugos do leilão desprenderam-na do vão da janel-
la do gabinete de tua filha d'onde se balouçava,
servindo-lhe de fundo as cortinas de cassa bran-
cas, transparentes, e arfando com a aragem, como
os seios pudicamente velados de uma virgem de
dezeseis annos palpitam a uma declaração de amor.

Olha bem, leitor amigo, para o palacio aereo do teu cantor emplumado. Eil-o alli, por terra, encostado á capoeira tosca, através de cujas grades já não se vê meneando sua crista vermelha o « vaidoso marido da gallinha » nem se ouvem carcarejar as favoritas do soberbo pachá dos gallinheiros. Isto faz o leilão em toda a parte, isto fez em casa de José Estevão.

III

Penetremos na sala verde, decorada com elegancia simples e artistica, tão differente do modêlo uniforme, e do estylo rotineiro dos estofadores vulgares. N'esta sala, reunia-se per noites d'inverno a familia do orador, ora em volta da mesa oval, coberta de um pano de *repps* de sêda, ora ao pé do fogão de marmore branco de Italia, coroado por um espelho grande moldurado de verde e ouro. Aos lados d'um relógio de bronze dourado posto ao meio do fogão, sobre a pedra de Carrara, descanzavam candelabros e grupos de bronze de engenhoso labor. Então, com inteira liberdade, e sem o menor receio, soltavam-se as azas á conversação espirituosa, á anecdota jovial, ao epigramma bem crea-

do, ao paradoxo imaginoso. Então esvoaçavam, scintillantes, as graças e as seducções da conversa animada, pittoresca, por vezes pathetica, deslumbrante sempre de José Estevão, conversa travada por aquelle talento graciosissimo com tantos espiritos brilhantes, com tantas intelligencias eminentes entre as quaes, Alexandre Herculano, visconde de Castilho e Marreca, o primeiro historiador, o primeiro poeta e o primeiro economista, as realidades litterarias e scientificas de Portugal. Alli affluam sem palavra de ordem, sem convite, sem saberem ás vezes uns dos outros, Lopes de Mendonça, o mais elegante folhetinista dos nossos tempos; Palmeirim, o conversador mordente, cujas replicas causticas aterravam seus interlocutores por mais argutos que fossem; Bulhão Pato, outro orador brilhante; Thomaz de Carvalho, a ironia fina e engatilhada; Andrade Corvo, um sabio fingendo sempre com excessiva modestia, que o não é, no meio da sociedade frivola; Julio Pimentel, a honra, a valentia e o saber personificados; Marcellino Craveiro, a graça e a bondade reunidas; José Horta, um calemburgo vivo; Arantes, Bocage e tantos outros homens de valia scientifica, collegas de José Estevão no professorado; Freitas Oliveira, o arrojado tribuno; marquez de Niza, o illustrado e aventureiro fidalgo; Rodrigues Sampaio, o poderoso athleta da *Revolução de Setembro*; Mendes Leite, o amigo fiel e inseparavel, em

fim, quanto havia mais luzido nas espheras da politica, das letras, e da sociedade.

Aquella é a vasta poltrona de velludo verde, do centro da qual se ergue airoosamente um castiçal dourado para alumiar as leituras dos poetas, dos dramaturgos, dos escriptores, ou já laureados na republica das letras, ou aspirando a inscreverem o nome obscuro no livro de ouro do patriciado litterario.

Tão perto de mim que lhe toco com a mão está a cadeira de espaldar alto, trabalhada em rendados de canelluras de pau santo, de estofo molle, ao mesmo tempo severa e airoza, onde José Estevão buscava um somno leve mas reparador após as lutas da tribuna.

Esta foi, dizem, a ultima cadeira em que se sentou, antes de cahir no leito da agonia. A mão de um amigo salvou esta reliquia a pique de resvalar na voragem do leilão.

Sobre aquellas floreiras pousavam vasos de flôres mimosas, tratadas pelas mãos de José Estevão. Nas paredes refulgiam pinturas e suspendiam-se *etagères* e, aos cantos da sala, livrariasinhas graciosas encerrando volumes dourados. D'este lado pendiam dous espelhos venezianos; d'aquelle, baixos-relevos e medalhões artisticos.

O leilão, Attila feroz, açoute do conchego e das commodidades, despoja todas as paredes e n'um sôpro as reduz á mais deploravel nudez.

*

Oh! como detesto este esmerilhador dos inventarios, este espia de todos os espolios, este profanador de todos os legados e codicillos, este assassino das memorias mais santas do coração!

N'aquella sala e na contigua, destinada a receber as pessoas de menos intimidade e adereçada com nobre singeleza, aonde espelhos dourados e frõteiros reflectem duplamente os vultos, ambas atapetadas d'alcatifas; n'aquelle recinto animado pelo espirito dos estadistas mais grados, dos oradores mais eloquentes, dos ministros mais poderosos, dos jornalistas de maior nomeada, debaixo d'aquelles tectos aonde tantos soberbos cá fóra, cobertos de honrarias e estrellados de condecorações se dobraram em reverencias turcas, solicitando para si ou para os parentes um lugar, uma mercê, esmolando uma pasta; n'aquelles quartos aonde o grande tribuno acordava, com a ante-camara entulhada de clientes que, para melhor lhe agradarem, ensaiavam sorrisos, estudavam cumprimentos e assucaravam phrases, sómente echoava ingrata e aspera, a voz do pregoeiro!

IV

Ao vêr desguarnecerem-se as salas, de tantos moveis e adereços, cada um dos quaes representava para a familia do illustre cidadão uma data, um lance da vida, uma historia intima talvez, tristes pensamentos me annuiaram o espirito. Por entre os negrumes adensados sobre elle, cá de dentro irromperam-me — como raios despedidos do embate das nuvens — brados de maldição ao talento e á gloria, dons funestos da Providencia, que não perdoam sequer a injuria cobarde e posthuma de um leilão para pagamento de dividas a um homem de genio, dedicado desde a adolescencia ao amor da liberdade e da patria, as quaes ajudára a conquistar e reaver nos campos de batalha, onde affrontára a morte com o valor heroico de soldado!

Indignei-me, a não poder mais, quando vi escarnejada a religião da familia pelo vozear irreverente dos phariseus do leilão, e profanados aquelles penetraes até então puros de qualquer irreverencia, por não sei que bruto com mascara de homem. O animal ria alvarmente de haver partido em pedaços com o volume de seus tecidos adiposos, com o peso de sua obesidade repellente, uma cadeira franzina de acajú, forrada de velludo!

Acabada que foi a devastação judicial no primeiro andar, desceu de tropel a turba-multa ao rez do chão. Á direita de quem desce pela escada interior é a casa de jantar, simples, modesta, alumiada por duas janellas que dão para o jardim que de continuo a está embalsamando com o aroma de seus jasmineiros e alecrins do norte. Difficilmente poderiam cumprir-se as leis da cortezia hospitaleira, e, digamos a palavra, da sinceridade portugueza do tempo velho, com urbanidade mais graciosa do que o eram na sala que vamos atravessando.

Um bello tanque de louça da India, onde uns poucos de peixes vermelhos ostentavam aos raios do sol suas escamas de ouro, foi adjudicado a um dono de bazares. Algumas jarras do Japão ainda bem que poderam escapar á voracidade dos leiloeiros: a mesma sorte coube á maior parte da mobilia d'esta sala, onde José Estevão e sua esposa, senhora não menos intelligente do que amavel, presidiam á mesa comprazendo-se em acolher os

seus convidados com affabilidade benevola e alegre.

Somos éntrados nos dous aposentos proximos, um dos quaes servia d'escriptorio e de livraria, e outro de quarto de vestir e casa de banho, com communicacão interior. Do primeiro dá serventia para o pateo d'entrada uma porta baixa e estreita. E com tudo, acanhada como era, por ella passavam folgadamente requerentes, amigos, correlligionarios, deputados e jornalistas, grã-cruzes e ministros, *dandys* e ociosos. A todos recebia José Estevão quando era procurado de manhã, com um sorriso de franca alegria que lhe brincava na bocca pequena e maliciosa, o corpo envolto n'um roupão de casimira franzido na cintura em largas pregas, os pés mettidos em chinellas marroquinas.

Em raros homens se encontrarão reunidas, como em José Estevão, uma mobilidade extraordinaria d'espírito, uma phantasia aventurosa alliadas com a superstição de todos os commodos da vida sedentaria. Assim é que, para não dar um só passo inutil no seu quarto, José Estevão mandára pendurar do tecto a distancias compassadas — perpendicularmente á sua poltrona e mesa d'escrever — não menos de tres cordões de campainhas que retiniam no andar superior, puxadas ao menor movimento de sua mão, sem para isso carecer de se levantar da grande cadeira de braços.

N'este quarto cheio de objectos tão intimamen-

te associados á lembrança do finado, bem como no que ficava proximo, em cujo leito dormiu o primeiro somno da morte, n'esse theatro recénte de uma agonia, que foi a dôr de toda uma cidade e de um paiz inteiro, ainda pôde a amizade salvar recordações preciosas.

Quadrosinhos, vasos, estatuetas, poucos livros, e miudezas que a saudade poetisava, foram arrancados ao pégo em que se subvertem as mais estimadas reliquias de amizade. Pôl-as a bom recado a grata memoria de amigos, enthesourando-as em escondrijos seguros aonde não póde alcançar a garrá sinistra dos abutres de bazar. Honra lhes seja por haverem salvado o que era demasiadamente puro para apodrecer nos monturos mercantis, ou adornar a morada d'algum fossil de sacristia, contemporaneo dos bons tempos do throno e do altar.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

(NOITES DE INSOMNIA ¹)

Camillo Castello Branco realisa na litteratura de imaginação o rejuvenescimento do doutor Fausto. Conhecemol-o nós e conhece-o Portugal inteiro ha um quarto de seculo, sempre fresco, juvenil, laborioso e fecundo; multiplicando romances, comedias, folhetins, prologos, commentarios; colligindo e publicando manuscriptos; coordenando, revendo e ampliando glossarios; ora a respirar nas campinas da phantasia, ora a rebuscar in-folios pelas livrarias, pelos alfarrabistas, ao mesmo tempo Balzac e bibliophico Jacob, poeta, erudito, critico e dramaturgo. Tarefa multipla, devastadora, prodigiosa, mas que este admiravel talento preenche, alcançando novas forças, á medida que ennegrece milhares de folhas brancas de papel com sua pen-

¹ Publicação mensal, editor Ernesto Chardron. Porto 1874.

na vertiginosa, com vigor igual ao do Anteo da fabula tocando a terra!

Ha nas artes e na litteratura duas categorias de talentos, que embora ligados por mysteriosas affinidades e aparentados entre si por origens communs, se distinguem profundamente por o traço caracteristico que os separa. Uns, nas obras que meditam e elaboram, parece que lançam apenas os alicerces espalhados de uma unica edificação em que se concentra a sua força e o seu poder inventivo. F'óra d'essa concepção dominante, todas as mais são meros accessorios. Do mesmo modo que no systema astronomico, o pensamento e a invenção d'essa ordem de escriptores gravitam exclusivamente em volta de uma obra, que é para as outras, o mesmo que um planeta para os satelites que giram na sua orbita.

Outros ha porém que derramam por cada criação da sua phantasia todas as riquezas do seu talento e que em cada uma imprimem o cunho de sua individualidade inteira, como se n'uma só obra tivessem de concentrar e resumir todo o seu ideal de artista, toda a sua seiva creadora, todos os seus germens productivos.

Camillo, na sua já immensa galeria de produções litterarias, deixou bem assignaladas, para os contemporaneos e para os vindouros, as feições do seu talento, que o entroncam n'esta familia de escriptores.

Cada um dos seus romances principaes, estudados de per si, e sem a menor referencia a outros igualmente importantes, reune os dotes variados e opulentos da sua individualidade.

Em cada um d'elles, se exploram veios riquissimos de imaginação fertil, de sensibilidade profunda, de ironia implacavel, de galhofa inexaurivel.

E' possivel, não o dissimulamos, que alguns dos seus personagens, por entre o emmaranhado labiryntho dos seus setenta romances, se reproduzam e se copiem; que nas suas novellas nem sempre as perspectivas geraes de umas se differencem notavelmente de outras; e que até na sua incessante força prolifica se observe o phenomeno da metempsychose, em virtude do qual as feições e os gestos de alguns dos filhos de sua imaginativa reapareçam a miudo estampados em outros embora debaixo de nomes differentes, animados exactamente dos sentimentos, das propensões, e dos vicios que haviamos notado nos primeiros.

Balzac, apesar da sua imaginação assombrosa, não pôde isentar-se de igual senão. Analysando-se a serie extensa dos personagens da sua *Comedia humana*, deparar-se-hão iguaes e não menos numerosos *pleonasmos* (permittam-nos a palavra) da sua imaginação, repetições dos mesmos moldes, retratos e physionomias copiadas de creaturas com quem anteriormente, em outros romances, já haviamos

travado largo conhecimento através da sua galeria interminavel. Aos que o accusam de um certo desfallecimento de imaginação pelo que respeita aos seus *brazileiros-minhotos*, cujas aventuras e amores venaes elle celebra, aos morgados idiotas cujas prosapias analphabetas flagella, aos *parvenus* de commenda ao peito e de chinellas nos pés, cujas caricaturas nos fazem chorar de riso, é facil responder que o talento de Camillo Castello Branco é essencialmente um talento de observação caustica, realçado por qualidades de primeira ordem, e que, para esta indole de talentos, a sociedade que se estuda, contribue necessariamente com os typos que n'ella avultam. Supprimam, se podem, da vida social do Porto e das provincias do norte, theatro habitual dos romances de Camillo, os argentarios com o cortejo das paixões que inspira a riqueza rapidamente alcançada; eliminem as ligações anti-canonicas, em que as ingenuas costureiras se deixam enredar, deslumbradas pelo ouro, que é tantas vezes a deshonra, a infamia, e a desgraça; subtráiam da vida contemporanea toda a ramificação de ardis, todos os meandros por onde circulam em ondas de libras esterlinas os casamentos, os raptos, as mancebias, as perfilhações; e terão mutilado todo o quadro da existencia hodierna na zona sujeita á analyse do romancista. O mesmo se póde dizer em quanto aos morgados rusticos, aos filhos naturaes dos solarengos, que pullulam nos

seus romances como ahi os vêmos fervilhar na vida real. Desgraçada seria a sua faculdade de observação, se o seu pincel, vendo-os, não se embebesse instinctivamente nas tintas do romance, e desaproveitasse a utilidade immensa que a exploração habil de tão ricos caudaes presta aos entrecchos da novella, não animando os seus quadros com tão comicas e picarescas figuras.

Querem uma prova concludente, irrefutavel, victoriosa, de que Camillo Castello Branco não possui um molde exclusivo para as ficções do romance, e que, conforme as épocas, e a diversidade do theatro em que se agitam, assim os seus personagens se accentuam, pensam, obram e apparecem, inteiramente differentes, e completamente outros dos que figuram nos seus romances da vida contemporanea?

Leiam os seus excellentes romances historicos, em que elle tão acertadamente exhuma dos jazigos da historia os homens e as cousas, alumiado sempre pela luz da sua phantasia, idealizando sem anachronismos flagrantos os lances e os personagens, dando-lhes vida e côr historica, com uma intuição delicada do tempo a que se transporta. Eis aqui bem provado, contra a asserção dos detractores, embora timidos, do nosso mais fecundo e original romancista, que Camillo Castello Branco, quando se lança na novella historica, interessa e subjuga a curiosidade do leitor, excitando-lhe no

coração os poderosos affectos da paixão, da piedade ou do terror.

Physionomia singular, viva, caracteristicamente accentuada tanto nas peripecias da sua vida laboriosa e romanesca, como nas paginas do romance, em que é o primeiro em Portugal, e um dos mais fecundos da Europa, a figura de Camillo Castello Branco para ser fielmente reproduzida, careceria de ser minuciosamente descripta. Não é na moldura d'um esboço fugitivo, que póde inquadrar-se este notavel vulto litterario, a quem a gloria já solidamente alcançada em vida promette, se não assegura, as perspectivas luminosas e serenas da immortalidade. As suas obras, com os defeitos inherentes ás improvisações dos artistas mais correctos e acabados no seu lavôr, hão-de ficar, como o repositorio abundantissimo, aonde os vindouros hão-de estudar os typos sociaes e as scenas de costumes do nosso tempo. Afiança-lhes a duração nas regiões da arte ainda mais outro merito de subido valor, a riqueza immensa de locuções e de phrases vernaculas e pitorescas que se encontram profusamente espalhadas pelos livros.

Com a inteira franqueza, que se deve aos nomes sagrados pelo applauso publico, gostaríamos de que no romance Camillo Castello Branco fosse muito mais sobrio do que o é, ás vezes, na ostentação dos seus primores de estylo e até da sua erudição de prosador. No romance a ficção deve

absorver a attenção do leitor tão exclusivamente, que nenhuns europeis vistosos convirá empregar de permeio, attrahindo-a, como a côr vermelha das capas nas touradas chama a attenção do touro.

A naturalidade tambem padece gravemente, quando, ou através dos dialogos dos personagens, ou nos trechos em que o romancista conversa com o leitor, as phrases são tão esmeradamente bruni-das, tão laboriosamente torneadas, e os termos tão desusados, que o romance chega a esquecer-nos por momentos para só nos lembrarmos dos archaismos e da affectação de palavras antiquadas, que assignalaram menos brilhantemente os ultimos annos do grande Francisco Manoel do Nascimento, mas que embutidas no estylo moderno, mais estranhamente contrastam com a linguagem corrente, despreten-ciosa, e facil da vida quotidiana.

Este nosso reparo, se bem que legitimo na es- phera do gosto litterario, não esfria no minimo pon- to a nossa admiração calorosa para tantissimas pa- ginas eloquentes, a que devemos largas horas de indizivel deleite, e que vezes sem conto nos teem feito chorar, pela sensibilidade profunda de que estão repassadas.

As *Noites de insomnia* são mais um novo trium- pho alcançado de mez em mez pelo grande roman- cista sobre os seus leitores. N'aquellas paginas re- ferve a cada linha a veia impetuosa do author. Em cada capitulo abundam as surpresas e as novi-

dades dos thesouros da sua imaginação inesgotavel, apesar de prodigamente derramados por quasi um cento de volumes n'um periodo de vinte e cinco annos. Aos labores de uma linguagem vernacula e scintillante das mais vistosas galas e louçanias, — linguagem manejada com raro primor pelo nosso primeiro e mais fecundo romancista, — Camillo Castello Branco acrescentou, nos ultimos doze annos, as riquezas solidas de uma variada erudição e os recursos valiosissimos de manuscriptos curiosos, de ineditos raros, de joias bibliographicas, que, lavradas pelo gosto e pelo talento do insigne romancista, se transformam em narrativas cheias de novidade palpitante e dramatica.

Reflectindo innumerous prismas variegados, as paginas das *Noites de insomnia* afiguram-se-nos as vistas diversissimas e sempre cambiantes de um kaledoscopo. Agora a malicia caustica, como na *Rehabilitação do snr. visconde de Margaride*, no *Subsidio para a historia de um futuro santo*, nas *Voluntas do mundo* e em outros muitos trechos; logo a satyra e a invectiva aceradas, voando rapidas e certeiras ao alvo de seus tiros; em seguida um romance apaixonado e commovente, como o que se intitula *Aquella casa triste*, sobre que paira a severa magestade da tragedia desde a cadêa de infortunios que açoutam o Africano e sua filha, até ao desfecho lugubre de tão sentida e forte narrativa.

Entre as qualidades brilhantes do nosso pri-

meiro romancista avulta a arte suprema das transições rápidas e felizes com que passa do sarcasmo cortante e implacavel, em que não tem rival, da graça, da pilheria, do chiste cheios de naturalidade, que fazem rir ás gargalhadas o leitor mais carrancudo, para o lance apaixonado, para os arrebatamentos poeticos, para as visões, para os extasis, para os delirios e para as lagrimas ardentes da compaixão ou do amor. Ha n'elle uma profusão de toques patheticos, que ás vezes actuam com todo o vigor de uma sensibilidade irresistivel mesmo nas organizações mais familiares com a litteratura sentimental, e que por isso parecem como que revestidas de um arnez refractario aos golpes feiticeros dos grandes escriptores. E todavia — condão dos talentos raros! — Camillo tem sempre arte de nos falsear o arnez, e de nos penetrar até ao coração pela sensibilidade verdadeira e profunda, e pelas lagrimas que nos obriga a derramar!

A' imitação dos quadros dos grandes mestres, cujo colorido privilegiado não perde nunca a viveza das tintas durando em admiraveis condições de frescura, a phantasia de Camillo resplandece com a exuberancia brilhante dos annos juvenis, sem desbotar do seu frescor primitivo. E' simplesmente assombroso este phenomeno n'um paiz como o nosso, em que tudo envelhece aos trinta annos, imaginação, graça, formosura!

O' Camillo, olha que é um teu amigo velho,

quem t'o diz; tu remoças muito mais poderosamente a alma de quem te lê, do que tantas paginas da litteratura de combate, em que desde o começo até o fim, não se vê senão uma selva impenetravel de imprecações e de pragas ao existente e ao possível. Nos teus romances e novellas ha a invenção fecunda, o interesse dramatico, a graça portuguezissima do dialogo, a nota comica dos personagens, em que parece brincarem os raios scintillantes da *Comedia humana* de Balzac, derrama-se a unção suavissima das lagrimas, e resôa a miudo a eloquencia incomparavel das almas que ou se afundam nas miserias tragicas do infortunio, ou estalam de dôr sob o peso brutal do amor trahido ou da infamia triumphante.

Se estou triste, meu Camillo, leio a já extensa galeria dos teus lôrpas endomingados, e fico alegre com as ineptias e brutezas de que os fazes editores responsaveis. Deslumbra-me sempre a cascata de ditos soêzes e de dislates ingenuos, que ás vezes não acaba de despenhar-se ruidosamente dos labios dos teus personagens ratões. Os jogos de agua em Versailles não encantam mais os olhos e os ouvidos dos viajantes do que me fascinam a mim os engenhosos sarilhos de ineptias que tu sabes armar no cerebro crasso e montezinho de alguns dos teus heroes picarescos.

E se quero alhear-me, por instantes, das prosaicas realidades da vida, então engolfo-me no

teu romance *Onde está a felicidade?* ou commovo-me, até me absorver nas allucinações do extase, palpitantes lances dramaticos e com os da *Sereia*, ou da *Douda do Candal*, paginas escriptas com o sangue do coração e com as lagrimas mais sentidas que nunca marejaram em olhos varonis. Só os grandes talentos podem escrever estes livros faiscentes, em que se vêem chispar ao mesmo tempo a critica, a invectiva, a erudição, o conto, a anecdotia, livros alumiados pelo fulgor encyclopedico de Voltaire, e aonde rebrilham as reverberações multiplas e prestigiosas de um talento facil, abundante e prodigo das proprias riquezas.

*

PINHEIRO CHAGAS

(A GUERRA PENINSULAR — AS CRUZADAS — O JURAMENTO
DA DUQUEZA — OS DRAMAS DO MAR ¹)

I

Acabamos de lêr com avidez o livro do snr. Pinheiro Chagas, intitulado *A guerra peninsular*, livro altamente interessante pelo assumpto, e pela fôrma lucida, animada, elegante e viril com que está traçado.

O historiador, nas paginas que escreveu, nunca deixa de ser o amigo da liberdade e o portuguez leal, cujo coração estala de dôr ou bate indignado diante dos vilipendios por que tivemos de passar em lances tão angustiosos como os de que abundam os annaes da invasão franceza. A expo-

¹ *Educação popular*, publicação mensal, editores Lucas & Filho. Lisboa 1874.

sição do estado geral do paiz n'aquella época, a pintura da ineptia dos ministros de D. Maria I e do principe regente D. João, e, como reverso consolador da medalha, o desenho vivo e caloroso da energia viril e desesperada que impelliu um povo inteiro a arrostar a vingança dos generaes de Napoleão, e a brutalidade dos exercitos invasores, nada deixam que desejar. Respirando patriotismo, essas paginas, aliás eloquentes, estão, com tudo, limpas da declamação assoprada e emphatica, em que teem naufragado, como em escolhos perigosos, alguns historiadores d'aquella época tão cheia de sacrificios e de lutas, de revezes e de heroismos individuaes e collectivos.

Pertence á categoria d'estes ultimos o glorioso movimento do Porto, quando uma voz fremente soltou em 6 de junho de 1808 o brado de salvação. Não houve quebrada nem serra de Portugal, em cujos reconcavos não penetrasse sonoro e formidavel o grito da insurreição contra um regimen odioso, que nos opprimia dentro da propria patria, aviltando-nos os brios, arruinando-nos os haveres, roubando-nos e saqueando-nos brutalmente, como poderiam fazel-o os mais ferozes e estupidos canibaes.

A pintura da rapidez, com que se repercutira pelo paiz inteiro o grito libertador do Porto, é de todo o ponto exacta, cheia de animação e de vida, e digna do pincel litterario do artista.

«Bastára — diz Pinheiro Chagas — este grito unico para despertar mil echos em todo o paiz; a 8 de junho pronuncia-se Braga, e logo em seguida Melgaço, Villa Pouca de Aguiar e Chaves; no dia 11 o governador das armas de Bragança, Manoel Jorge Gomes de Sepulveda, acclama o primeiro regente, e sem perda de tempo organisa a insurreiçãõ, chama ás armas Traz-os-Montes e entra em relações com os insurgentes hespanhoes; a 16 subleva-se Guimarães, a 17 Vianna, a 18 Torre de Moncorvo. Não lavra com mais rapidez o fogo n'um rastilho de polvora do que lavrou a insurreiçãõ pelo norte de Portugal.

«Presenciava o Porto com surpresa os resultados da sua iniciativa. Assustára-o o som da sua propria voz, vibrando no silencio do paiz opprimido. Ao impulso do enthusiasmo succedêra logo o desalento da reflexãõ, e era com espanto supremo que ouvia de todos os pontos da provincia do norte responderem mil brados sympathicos ao seu clamor isolado. Esse grito voltava a reboar nos seus muros, amplificado pelos echos das serranias de Traz-os-Montes. A 19 de junho se proclamou no Porto a independencia portugueza, organisando-se logo uma junta provisoria, de que foi presidente o bispo. Braga seguira em tudo os tramites do Porto; á revoluçãõ de 6 de junho logo respondêra no dia 8; como no Porto, viera a reacçãõ immediata; como no Porto tambem, de novo se insurgia Bra-

ga no dia 20 de junho; seguiam-se a Braga, Barcellos, Mirandella, Alfandega da Fé. O reino da Lusitania septentrional, como dizia o tratado de Fontainebleau, estava em plena insurreição.»

O estylo é, como se vê, rapido, claro e fluentissimo. Não ha nuvens que o escureçam, nem se lhe deparam tropeços que empecem o curso desaffrontado, limpido e veloz da narrativa.

E' dramatico e commovente o quadro da anciedade indizivel, suprema da cidade do Porto — quando se vê ameaçada pelo exercito do marechal Soult no dia 24 de março de 1809, bem como dos horrores causados pela catastrophe para sempre memoravel da ponte de barcas sobre o Douro, cinco dias depois.

As campanhas da guerra peninsular, que seguiram, cada vez mais renhidas, tão lugubres acontecimentos, estão resumidas nas 132 paginas d'este interessante livro por modo tal e tão substancialmente, que com a leitura d'elle ficarão sabedores do assumpto e conhecedores d'aquelle periodo de nossa existencia nacional nos principios d'este seculo, em seus traços mais salientes, os que menos tenham versado a historia moderna de Portugal.

Sem empallidecer nem afrouxar o interesse da descripção, esclarecido por uma critica justa, isento de declamações e de apostrophes sobre-posse, assim prosegue sempre animado o livro de Pinheiro

Chagas até o termo d'essa luta sublime, em que ainda as armas portuguezas se douraram com os lampejos da gloria em feitos memoraveis e em batalhas sanguinolentas, pouco antes de se haver firmado a paz, e de haverem regressado á sua patria portuguezes e hespanhoes.

Livros como estes curam até certo ponto nas almas os golpes das operas de Offenbach.

II

O mesmo laborioso escriptor acaba de resumir n'um volume editado pela empresa *Bibliotheca Universal a Historia das Cruzadas*. O assumpto é interessante não só pela moldura historica de que destaca, mas pelos importantes resultados que produziu para o progresso das cousas humanas, e para a civilisação. O author comprehendeu perfeitamente o alcance d'aquellas expedições inspiradas pela exaltação das paixões religiosas em relação ao abundante espolio de beneficios que a civilisação pôde a final recolher da immensa e ensanguen-

tada herança de devastações, de guerras, e de crimes que lhe foi legada pelas cruzadas.

« O espirito tolerante e sceptico das épocas modernas — diz o snr. Pinheiro Chagas — mal póde comprehender estas guerras emprehendidas em nome da religião de Christo, e com um fim estritamente devoto. Prestaram ellas com tudo um beneficio enorme á civilisação. Pondo em contacto os occidentaes com outros povos, com outras leis, com outros costumes, ampliaram as acanhadas idéas dos barbaros; fizeram-lhes conhecer em Constantinopla as maravilhas da arte e da sciencia do mundo romano; desenvolveram o commercio de um modo espantoso. A necessidade de se equiparem e armarem para a Terra Santa obrigou os senhores feudaes a venderem os seus feudos á corôa, a darem a troco de dinheiro a liberdade ás cidades; os privilegios concedidos aos cruzados emanciparam frequentemente os servos, aos quaes muitas vezes outorgavam espontaneamente a liberdade os seus proprios senhores. A emancipação das communas, germen das liberdades futuras, o fortalecimento do poder regio, elemento indispensavel de ordem n'esse tempo de confusão, tiveram nas cruzadas a sua origem. Estas expedições, que parecem filhas do obscurantismo, foram causa de uma transformação politica e social feita no sentido da luz e do bem. »

A critica do novo historiador das cruzadas é pois, como acabamos de mostrar, a mais sã, e a

que corresponde exactamente ás inducções e demonstrações das theorias da philosophia da historia, professadas pelos homens mais eminentes e authorisados.

Proseguindo na enumeração dos beneficios devidos ao influxo social e politico das cruzadas, conclue o seu livro o snr. Pinheiro Chagas por este periodo, em que se contém todo o seu pensamento a respeito das evoluções historicas, que, parecendo oppostas á lei do progresso, não são no fundo, senão lentas e laboriosas gestações d'essa lei incontrastavel e suprema a que obedecem, através da longa cadêa dos seculos, as sociedades humanas, impellidas muitas vezes por sentimentos e por forças que, á primeira vista, parecem encaminhados a enfraquecel-as, senão a destruil-as.

« O feudalismo — diz o snr. Chagas — recebeu então o seu golpe mais fundo; e, o que é mais notavel, o contacto ainda que muitas vezes hostile, dos christãos e dos musulmanos, trouxe comsigo habitos de tolerancia, que se tornam bem sensiveis por exemplo nas relações de Ricardo Coração de Leão com Saladino. De modo que uma guerra, prégada pelo fanatismo, produz a tolerancia; uma conquista, em que se applica na sua maior pureza o systema feudal, como o provam os *Costumes de Jerusalem*, traz comsigo a morte do feudalismo. Assim procede a historia nas suas leis providenciaes; e d'estas contradicções apparentes brota sempre,

por uma acção incomprehensivel, essa resultante luminosa — o progresso.»

O ponto de vista, em que em relação aos assumptos historicos, aos factos humanos, deve collocar-se o historiador desprevenido de espirito parcial é o ponto de vista relativo. O que fizeram as cruzadas, filhas da exaltação devota e do fanatismo, a favor da civilisação geral, sem seus primitivos iniciadores o haverem nunca suspeitado, fizeram-o igualmente outros factos sociaes, outros regimens, que, embora condemnados no seu espirito e nas leis fundamentaes em que estribaram, nem por isso deixaram de servir inconscientemente a causa da liberdade politica e do progresso humano. Bastará citar entre outros o feudalismo.

Enganam-se os que só vêem n'esse regime a esterilidade, a oppressão, a barbaria, a immobillidade. Pois não foi sob o seu dominio que começou de arruinar-se, até se esphacelar de todo a servidão? Não brotaram d'elle as emancipações communaes? Não foi no seu seio, embora tumultuoso e violento, que as universidades se tornaram em focos de energia intellectual, até raiarem ás vezes em verdadeiras potestades? Não é n'essa quadra tenebrosa e ensanguentada, que pullulam os scismas, que a razão individual e a liberdade de consciencia soltam os seus protestos vigorosos e affirmam os seus direitos imprescriptiveis? Não é do feudalismo que surgem essas legiões de mesteiraeas,

esses formigueiros de artifices, que edificam e povôam as cidades industriaes, principalmente na Allemanha, e que são os avós já remotos das classes trabalhadoras e livres de nossos dias?

Se a final o feudalismo decahiu e morreu, é porque estava consummada a evolução historica destinada a substituil-o, evolução enjos elementos se tinham aggregado e solidificado em seu seio pela acção constante e mysteriosa do progresso.

Essas correntes, que por vezes parecem contrariar o curso regular da civilisação, como a idade media, o feudalismo, as cruzadas, são infinitamente menos poderosas do que o alveo impetuoso em que estão destinadas a confundir-se, sumindo-se.

A sciencia da historia consiste exactamente em demonstrar, que a historia é o phenomeno natural da evolução social, conforme uma lei de filiação. Muitas vezes porém, bem sabemos quanto é difficil precisar bem o ponto de progresso através da rêde de acções e de reacções que o cercam e obscurcem, e quanto custa discriminar por entre as oscillações incertas da humanidade o movimento ideal e regular, que é o unico que pederá fazer entender á intelligencia subtil e attenta o movimento real que se tiver operado em relação ao progresso e á civilisação.

Fiel a estas altas theorias de historia, o snr.

Pinheiro Chagas reproduz com muito acertada critica as feições principaes da época das cruzadas, enumera as causas que as produziram, e indica as consequencias que d'ellas se derivaram.

O seu estylo animado, claro e imaginoso adapta-se excellentemente, sem o menor desfallecimento, á narrativa, cujo tecido é sempre solido, se bem que matizado de côres graciosas e vivazes.

Poderia reccar-se, que o snr. Pinheiro Chagas, estylista brilhante e phantasioso, carregasse com excessivas pompas poeticas de linguagem os seus quadros de historia. Ainda assim, lord Macaulay escreve, ás vezes, a sua historia da Inglaterra com as tintas mais opulentas da phantasia de poeta; e tambem Prescott, como poeta, pinta algumas scenas do reinado de Phillipe II.

O defeito de ser escriptor colorista é ordinariamente um feliz defeito, mas cruelmente encarecido, como tal, pelos escriptores que não teem colorido nenhum. Grave como é a musa da historia, vai-lhe de certo melhor a sobriedade do discurso do que a superabundancia dos epithetos e das graças poeticas. O snr. Pinheiro Chagas é caloroso, isso sim, interessa o leitor, vence-o e subjuga-o por vezes com a fluencia animada da narração, mas não sacrifica nunca a simplicidade austera do estylo, como deve ser o da historia, aos arrebiques e ás exuberancias pitorescas.

O seu livro revela cuidadoso esmero na escolha e deducção dos factos, apurada critica na investigação das causas e dos resultados, realçando-lhe o desenho, com que foi planeado, a linguagem graciosa e esmêro elegante com que está escripto.

III

Outro livro, recentemente publicado, de Pinheiro Chagas, *O juramento da duqueza*, pôde dizer-se uma larga pagina da historia portugueza, escripta com a penna vingadora de Tacito. Ás heroicidades, que engrandeceram no berço o renascimento da nossa independencia, seguem-se as torpezas sombrias e ensanguentadas das ambições, das delações e das vindictas. Na praça do Rocio, a poucos passos da porta do palacio onde se tramára a conjuração dos fidalgos para libertar a patria do jugo de Castella, e que, no momento de triumphar a causa nacional, estremecêra jubilosa com os gritos de acclamação e os applausos da victoria, erguia-se pouco tempo depois o cadafal-

*

so lugubre em que rolava a cabeça do filho do marquez de Villa Real. É sobre a vingança implacavel que a duqueza de Caminha, formosa e moça viuva do nobre decapitado, jurou tomar dos delatores e cumplices na execução judiciaria do marido idolatrado, que o snr. Pinheiro Chagas, architecta o seu romance. N'este, além de um bello quadro da organização militar do exercito n'aquella época, abundam excellentes apreciações historicas e capitulos primorosamente escriptos, merecendo lêr-se, pela exactidão investigadora e paciente com que foi traçado, o que se intitula *A justiça no seculo XVII*, capitulo que faz arripiar as carnes com a descripção vivissima dos instrumentos de tortura de que em suas pesquisas judiciaes, se serviam os clementes juizes do tempo velho.

IV

Ainda outro volumesinho, devido á penna incansavel do mesmo author, acaba de apparecer com o titulo *Os dramas do mar*.

É uma historia resumida de desastres maritimos, em que se descrevem sete naufragios portuguezes, um hollandez, um inglez e um francez.

A catastrophe do vapor *Porto*, que enlutou tão tragicamente ha 17 annos, no dia 27 de março, a nossa bella cidade, está desenhada com uma vivacidade de côres e uma exactidão de traços que satisfazem a um tempo as exigencias artisticas e a verdade historica escrupulosamente respeitada.

Lendo as paginas consagradas á descripção de

tão tremenda scena, parece-nos que assistimos de novo ao mais horrivel sinistro dos nossos dias. Resurge diante de nós o commovente espectaculo que tantos de nós, entre elles o chorado romancista Arnaldo Gama, nosso amigo e companheiro nos bancos das escolas e da universidade, contemplámos na Foz, ao clarão incerto dos archotes. Ouvimos de novo o vozear desesperado dos naufragos. Por entre as trevas da noite chegam até nós, dilacerando-nos o coração, os brados angustiados das familias e dos amigos dos que se debatem com as ondas. Vêmos mais uma vez estampada a desesperação nos rostos de milhares de espectadores juntos na praia, loucos de dôr por não poderem valer ás victimas do naufragio imminente. Revive em toda a sua sinistra magestade essa noite medonha, em que uma cidade inteira contemplou, a poucos passos do abysmo, o espectaculo supremo de tantas vidas, que, sem remedio e sem esperança, se sumiam umas após outras, na voragem, a cada momento mais tragadora, das vagas irritadas.

Se são grandes os perigos, de que tem sido theatro o mar, estrada immensa da humanidade, se infunde terror nas almas a leitura das aventuras dolorosas da vida maritima, ainda assim consola vêr que no meio das mais tremendas tragedias da natureza, com que pôde affrontar-se, ás vezes sem esperança de victoria, a energia da al-

ma humana, « aparece, profundamente gravada no espirito dos naufragos, a idéa luminosa de Deus. » É este o justo e reflectido ensinamento moral, que o snr. Pinheiro Chagas acertadamente indica que deve tirar-se do seu livro, em que á animação elegante e ás pompas eloquentes dos episodios e desastres maritimos que narra, o author junta uma doutrina sã, uma philosophia consoladora, que o tornam de molde para ser versado com mão nocturna e diurna pela mocidade estudiosa á qual são offerecidos os livros da encyclopedia instructiva e amena, de que *Os dramas do mar*, depois da *Historia da guerra peninsular*, e da *das Cruzadas*, são o volume mais recentemente publicado.

JULIO DINIZ

(POESIAS ¹)

Como acerta com o tom elegiaco da musa de Julio Diniz a côr melancolica do dia de hoje, coberto de um véo de tristeza, que só a espaços adelgaçam o ciciar das olaias com a briza d'abril e o pipitar dos passaros nos arvoredos!

Presentimentos de morte; sombras sinistras dos arvoredos, que gemem fustigados pelo vento do norte; cemiterios silenciosos alumiados frouxamente pela lua; esponsaes de adolescentes, em cuja fronte pallida se entretecem, na mesma grinalda de noivas, as flôres da laranjeira com os goivos dos tumulos; dobres de finados respondendo como echos funebres aos repiques festivos das nupcias; responsos murmurados á luz das tocheiras em templos forrados de crepe; e, a par de tão melancoli-

¹ Um volume. Porto 1874.

cas elegias, suspiradas por uma musa lutuosa, fugitivos cantos de alegria e de amor, que em breve se desfazem em lagrimas; eis o fundo sobre que campêa o bello e sympathico talento de Julio Diniz, nas suas *Poesias*, ha pouco publicadas. Na primeira parte brilham ainda as chammas da aurora. O vento do outono ainda não varreu as flôres das primeiras illusões, que inundam a alma do poeta com seus aromas:

Tal é o destino meu; entrei no mundo
E saudei-o com hymnos de alegria;
Nos extasis d'um jubilo profundo,
O dom da vida a Deus agradecia.

Bem depressa vê cahir, ceifados por morte precoce, sua terna mãe e o irmão que estremecia, e estas catastrophes de familia começam de ennoitar a alma e a musa do poeta, em que resplandeciam então os fulgores e as scintillações da alegria e da mocidade.

Em Julio Diniz a tristeza nunca é fingida. O poeta não procura as paisagens melancolicas, nem se embrenha na solidão dos cemiterios, com alarde, como tantas vezes o fizeram Chateaubriand e Lamartine, cuja melancolia, não raro sincera, pedia com tudo emprestadas muitas de suas tintas aos artificios premeditados, e ás ostentações theatraes.

Devorado de tristeza incuravel, a que servia sem duvida de alimento a doenca que o foi consumindo lentamente até o prostrar no tumulo, e, ao mesmo tempo expandindo-se sempre com a exuberancia de um coração rico de affectos nos mais ternos sentimentos de amizade e de familia, Julio Diniz (cuja gloria litteraria consiste principalmente no romance que elle soube illuminar com os fulgores de uma phantasia privilegiada e assignalar com os traços de sua vigorosa e original individualidade), Julio Diniz juntava á melancolia intima a bondade communicativa, e as dôces effusões da convivencia.

Julio Diniz, presentindo a morte, nunca se torna no mysanthropo sombrio, que encara a vida e a sociedade através do prisma egoista da enfermidade pertinaz que o mina. Pelo contrario, nas figuras creadas pela sua phantasia brilham as qualidades affectuosas e boas da alma, e sobredouram-nas a miudo as virtudes sociaes mais apreciaveis. A bondade do romancista é tão contagiosa que, não satisfeita de transmittir-se aos personagens que anima, passa para o leitor, que depois de fechar o livro sente-se melhor, e mais crente do que o estava antes, nos principios eternos do bom e do bello.

Com a malicia vulgar e a jovialidade comica de alguns dos personagens dos seus romances contrastam a peregrina elevação das suas heroínas, como nas *Pupillas do senhor reitor*, na *Morgadi-*

nha dos Canaviaes e n'uma *Familia ingleza*, fundindo-se todas as figuras do quadro n'uma harmonia suave e luminosa. Não é senão com muita propriedade que dous dos seus mais notaveis romances se intitulam *Chronicas da aldêa*. Respira-se alli a natureza campestre a peito cheio. Invademos e penetra-nos por todos os lados o aroma dos campos e da vida rustica com as suas malicias e simplezas. São aquellas as palestras aldeãs, aquellas as conversas e murmurações do soalheiro. Conhecemos de ha muito, vendo-os alli, os barbeiros que com a lingua e a navalha escanhoam conjuntamente as barbas dos freguezes, as novidades da terra e a vida alheia. Os juizes eleitos, os mestres de primeiras letras, os compadres e comadres do sitio, os cabos de policia, as tias velhas que deitam alfazema na roupa branca das arcas, fazem meia, vendem os ovos da creação e o azeite á bica do lagar da casa, e esbrugam á noite em terços interminaveis as contas do roزاری; os cirurgiões e os boticarios, os morgados e os fidalgos solarengos, todos os typos, em fim, que constituem a miniatura social que se chama aldêa, palpitam, nos romances de Julio Diniz, com verdade pasmosa de feições e de gestos. O romancista, no seu trabalho de imaginação e de analyse, parece que imitou fielmente um excellente photographo, cujo empenho principal é alcançar a reproducção exacta, e clara até nas mais pequenas particularidades, das vistas

dos lugares, ou das feições das pessoas para as quaes volta habilmente o fóco luminoso da sua camara escura.

A sua feição principal no romance é a analyse com as lentidões e as minucias dos romancistas inglezes, tão tenazes em sondar as regiões da alma humana, tão pacientes em perscrutar-lhe os escondrijos mais secretos. Em Julio Diniz, á maneira dos romancistas da escóla ingleza, nota-se a perseverança do mineiro que não esmorece no trabalho de seguir, através de todos os obstaculos, a ramificação subterranea e caprichosa dos veios em que ha-de afflorar o jazigo mineral, fito cubiçado das suas pesquisas.

Não busquemos em Julio Diniz a vivacidade febril do conto, a variedade dos episodios, os lances inesperados, as pompas de um colorido luxurriante como o que scintilla na plumagem dos passaros das florestas americanas. Procuremos antes nos seus romances a reproducção do idyllio animado dos campos, o viver e crêr da aldêa com suas lutas interiores e suas invejas pequenas, as suas paixões tranquillias, os seus amores innocentes, os seus contentamentos e devaneios. Procuremos n'elle o desdobrar paciente de uma têa já comprida de pequenas intrigas e de amores, que começaram de envencilhar-se, ás vezes, na sombra de uma deveza, por uma tarde de verão, ou na penumbra da lareira a espaços avermelhada pelas

chammas crepitantes dos tóros bem accesos em noite estirada de inverno.

Por baixo da superficie tranquilla do viver aldeão rugem de quando em quando tormentas moeraes, que dilaceram a alma, e desencadêam-se tuções violentos que abalam os corações nas suas fibras mais intimas. É exactamente na descripção d'essas tempestades occultas, que folgam as faculdades altamente psychologicas de Julio Diniz.

A sua penetração subtil leva a luz aos abysmos mais reconditos do coração, alumando-os com os clarões da analyse, e entremeando esta investigação, ora com as divagações de uma philosophia consoladora, ora com as facecias de uma jovialidade zombeteira, mas sempre serena e benevola.

Reunam-se a estes dotes do romancista os toques apaixonados, o sentimento enternecedor, os extasis e os enleios do poeta, e teremos o conjuncto das qualidades preciosas do talento primoroso e privilegiado de Gomes Coelho, que tão grande vacuo deixou nas letras portuguezas com a sua morte precoce, — morte que elle predizia e adivinhava, quando no seu alaúde melancolico desferia estas notas repassadas de funebres agouros, n'uma invocação sentida ás andorinhas :

Só eu, que vos sigo com vistas saudosas,
A vosso desterro, dos mares além,
Já quando no prado brotarem os rosas
Talvez não reviva co'as rosas tambem.

Ai, não, não revivo, que o vento do outomno,
 Gemendo angustiado nas brenhas do val,
 Convida-me ao leito do placido somno,
 E as nenias entôa do meu funeral.

Eu morro! Na chamma do sol que declina
 Bem sinto o presagio d'um proximo fim.
 Se um dia voltardes á vossa collina,
 Ó dôces amigas! lembrai-vos de mim.

Quem poderá nunca esquecer-te, delicado e adoravel talento, que com mão segura soubeste sondar as feridas do coração, e derramar sobre ellas o balsamo e conforto de tua tão meiga e affectuosa sensibilidade? Quem não irá, commovido e respeitoso, inclinar-se diante do teu tumulo e molhar um ramo de cypreste na urna das lagrimas, para aspergir com ellas a lagea da campa, que, se te encobre para sempre aos nossos olhos, não poderá nunca furtar-te á nossa admiração e ás nossas saudades?

THOMAZ RIBEIRO

(ESBOÇO BIOGRAPHICO ¹)

1863

I

Grassou, ha annos, entre nós uma doença de que enfermaram espiritos sinceros: a exaggeração da melancolia poetica. Tremeu-se pelos destinos da poesia, immortal como o sentimento. Viu-se quebrado o instrumento sublime que faz vibrar todas as cordas da alma humana. Exhausto o manancial, onde a inspiração se banha e fortalece. Destronada a realza imperecivel dos poetas, a cujo sceptro de ouro se acurvam as multidões absortas e escravas, quer delirem frementes de enthusiasmo, na fe-

¹ A primeira parte d'este esboço appareceu na *Revista contemporanea*. Lisboa 1863.

bre da victoria, quer empallideçam de terror ante a explosão tremenda dos revezes.

Quando a escuma e o limo das vinganças fluctuam á tona das sociedades; quando emancipados da escravidão humilhante de seculos os povos se precipitam da liberdade honesta e viril na licença hedionda e cynica, e o sceptecismo ergue petulante sua cabeça sobre as ruinas de todas as crenças; acaso não caminha quasi a passo igual o archanjo da poesia a dissipar os phantasmas sinistros, a alentar os animos, a evocar a bonança, do seio da tormenta? Providencia das nações allucinadas, alumia-lhes as profundezas obscuras do caminho a triilhar, e descerra-lhes as perspectivas encantadas, onde se recortam no céu azul, inundadas de luz, as cumiadas brilhantes da liberdade e da fé. Maná celeste, refrigera as almas devastadas. Balsamo divino de esperança e religião, sára as feridas gotejantes da impiedade e atheismo.

Sobre a *Encyclopedia* ergue-se o *Genio do christianismo*, na aurora d'este seculo. A's gargalhadas de Voltaire, á malícia incredula de Parny succedem os *Martyres*, monumento de paixão e eloquencia, orvalhado das lagrimas de Chateaubriand na mesma Jerusalem, onde havia dezoito seculos que chorára a Magdalena.

Na vizinha Hespanha, hesitante entre as visões sombrias do absolutismo decrepito e a claridade dos horisontes da liberdade politica avermelhados ain-

da pelos incendios da guerra civil, Martinez de la Rosa, e Angelo de Saavedra, mais tarde Duque de Rivas, lutavam nobremente pela alliança das crenças poeticas e religiosas com os sentimentos e instituições liberaes, tão oppostos ás abjecções do despotismo como ás saturnaes da anarchia.

Entre nós, após a victoria das idéas novas, quentes as boccas dos canhões, ennegrecidos do fumo das batalhas os rostos dos combatentes, pôde dizer-se, que os derradeiros brados de vingança, trovejados do alto dos pulpitos convertidos em tribuna politica por apóstolos fanaticos de retrocesso social, se cruzaram nos ares com as melodias austeras e eloquentes da *Voz do propheta* e da *Harpá do crente*.

Interpretes de uma musa inspirada e christã, tão sincera na crença como calorosa nas idéas, aquellas melodias, suaves como os sons do órgão, cantavam a pureza da religião, o restabelecimento dos altares abatidos no pó da metralha, as ceremonias poeticas do culto, proscriptas dos santuarios desertos, não as divorciando, antes associando-as á liberdade vencedora.

Ornavá-se a causa da verdadeira, da pura liberdade, com as flôres mais viçosas da litteratura e da poesia. Nos alaúdes românticos desferiam-se canções de amor, perfumadas do incenso mystico das aras sagradas.

Alexandre Herculano e Almeida Garrett, sol-

*

dados e poetas, bardos guerreiros das victorias da ilha da Praia e da Asseiceira, temperavam seus canticos triumphaes com os hymnos da fé. Armado como a Pallas mythologica, o genio poetico dos deus cantores da liberdade isenta de manchas e pura de crimes dava batalha, sem piedade, ás imprecações impias do bocagianismo, ás audacias blasphemias da *Pavorosa illusão* reluzentes de pompas metricas. Aos primeiros golpes cahiam no chão estatelados os velhos idolos. Como por milagre, estancavam os mananciaes empeçonhados do materialismo senil do seculo XVIII, espraindo-se limpa e caudal a corrente do lyrismo christão, liberal, philosophico e espiritualista.

Em 1848, n'essa França, que é ao mesmo tempo facto deslumbrante de luz e vulcão temeroso d'incendios, não foi um poeta tambem, liberal e christão, quem serenou as vagas irritadas da demagogia, honrando a liberdade honesta, e preservando as nações de se gladiarem n'uma guerra sanguinolenta, cujo theatro poderia dilatar-se de Lisboa a S. Petersburgo, de um a outro extremo do continente europeu? A Europa deveu então a paz a Lamartine. O grande poeta — e grande coração tambem — represára nos diques da sua assombrosa eloquencia a torrente ameaçadora. Mais uma vez a voz da familia, da propriedade, da religião sem fanatismo, e da democracia sem demencias criminosas prevalecia sobre o tumultuar revôlto dos li-

mos da demagogia communista, inimiga da fé, possessa do demonio das vinganças, ebria de sangue, especie de Megéra politica que em seu aspecto torvo e sinistro parece a reproducção das Furias do paganismo. Ainda bem que d'esta vez o genio da poesia triumphou da prosa sanguinolenta do populacho avido de rapina e de matança !

The first condition is that the
 second condition is that the
 third condition is that the
 fourth condition is that the
 fifth condition is that the

The sixth condition is that the

II

Apesar de assim haver affirmado, em épocas diversas, e sob fórmulas diferentes a sua propria existencia, litteraria e socialmente tão energica e vivaz, os criticos julgaram que se havia dispersado para sempre a nobre familia dos poetas.

Suppozeram-na errante e vagabunda como a raça d'Agamemnon. Começaram de suspirar elegias sobre a desventurada poesia. Viram-na condemnada a succumbir, como morre na haste o lirio dos campos, cortado pelo ferro da charrua. Assustou-os deveras aos criticos o invasor mercantilismo da época. No sentir d'elles, a vida complexa da civilisação actual, as preoccupações utilitarias haviam de suffocar quaesquer aspirações ao ideal. O

estridor das machinas industriaes, os echos confusos da orchestra immensa do trabalho humano haviam de abafar os gemidos poeticos da dôr, as canções festivas da esperança. Emmudeceriam as harmonias e murmurios do lyrismo susurrantes no mais secreto das almas como brizas no recesso de bosque frondoso e solitario. A tuba epica, quem ousaria embocal-a n'uma sociedade cujos ouvidos apenas se habituaram ao silvo agudo da machina de vapor, ao apito nocturno dos agentes de policia, e aos toques de alvorada e de recolher, dos corpos regimentaes? Como lamentar as traições do amor ou curtir as magoas da ausencia em notas elegiacas, em meio de uma atmospherá, caliginosa e opaca, de gazometros, de fabricas de moagem, de lanificios, de pelames, tão outra dos céos de Verona arroxeados pelos arreboes matinaes, testemunhas dos colloquios de Romeu e Julieta? Como vêr luzir a chamma da poesia em ambiente tão carregado de vapores, tão empestado de gazes deletorios, em que apenas bruxeleia, a espaços, o clarão fugitivo das locomotivas, olho flammejante de Cyclope, que mal alumia a beira das estradas que vai percorrendo, e deixa após si as sombras, a escuridão, e os terrores da noite?

Aos pios agoureiros dos mochos da critica, responderam então, como hoje, as vozes entusiastas e juvenis de um grupo de poetas opulentos de sentimento e de imaginação.

Na historia da arte moderna, o *Trovador* de Coimbra é mais que um marco milliario, é um monumento ornado de todas as graças do lyrismo moderno.

Castilho e Mendes Leal remontavam-se ás mais altas regiões do estro. Bulhão Pato inflammava o seu poema da *Paqueta* com os ardores voluptuosos da musa peninsular. Palmeirim vibrava a lyra patriótica e popular de Beranger, e os seus cantos eram repetidos pelos segadores e pelos pegueiros nos campos, pelos veteranos á lareira, pelos operarios nas officinas. Desde os pincares das serras do Minho e da Estremadura até ás planuras do Alemtejo e ás escarpas maritimas da costa do Algarve, serranos, camponios, mesteiraes e pescadores, a tecedeira ao tear, a costureira no seu lavor, todas as classes, todos os officios exultavam d'enthusiasmo e de alegria, entoando os cantares de Palmeirim, tão cheios de originalidade, tão repassados de poesia, tão possuidos do amor da terra natal, ora tristes pelo abatimento da patria, ora viris com as exaltações e as victorias da liberdade. Soares de Passos acordava os echos commerciaes do Porto com dôces elegias. João de Lemos, Rodrigues Cordeiro, Pereira da Cunha, em cujas composições ressumbra o mais elevado lyrismo, desferiam canticos apaixonados.

Que revelavam tantos fructos dourados a res-

plandecerem nos vergeis da poesia, senão que ella é imperecível como a consciencia nacional?

De feito, o theatro, o romance, a poesia são as manifestações d'essa consciencia, a qual se reflecte na litteratura d'imaginação como em espeelho fiel. A vida moral das nações affirma-a esta litteratura, orgão do pensamento geral, interprete do crêr e sentir dos povos onde se revela. D'entre a nova geração, honra e gloria das letras portuguezas, outro poeta surgia, ha pouco ¹, cingido da aureola luminosa da fama, e sagrado por applausos unanimes.

Era Thomaz Ribeiro.

¹ Em 1865.

III

É a região campezina de Parada de Gonta, aldêa encantadora da Beira, onde Thomaz Ribeiro nasceu em 1 de julho de 1831, verdadeiro berço de verdura e de flôres. A poucas leguas erguem-se as cordilheiras da serra da Estrella coroadas de neve, theatro dos feitos de Viriato. Foi n'aquelles cerros que o indomavel Mithridates do occidente deteve os impetos das legiões romanas e susteve em seus vãos audaciosos as aguias orgulhosas. Das entranhas d'aquella serra manam, como de uma amphora agigantada, quatro grossos rios : o Alve, o Zezere, o Ceira, e o Mondego.

Não se péde duvidar de quanto o aspecto da

natureza physica prepondera na imaginação e na sensibilidade.

Onde bebeu Theocrito as inspirações da musa rural senão nas reminiscencias do céu ameno e nas pingues pastagens da Sicilia?

Quem nos assegura, que o sentimento apaixonado da natureza transluziria nas descrições de Rousseau, se os caprichos da sua organização de poeta e as aventuras do destino o não houvessem subido aos pincaros nevados da Suissa, ás montanhas da Italia, e embrenhado pelas espessuras silvestres de Montmorency, regiões varias, céos differentes onde se lhe depararam tintas vivissimas para a sua palheta de colorista? Sobejariam exemplos para comprovar esta indução de critica litteraria.

Ora, se debaixo d'este céu transparente e azul, não menos bello que o de Napoles, a poesia desabrocha em estrophes espontaneas, imagine-se quão vigorosamente excitaria as faculdades poderosas de Thomaz Ribeiro a paisagem risonha que lhe foi berço!

Escoou-se-lhe a meninice e boa parte da adolescencia por entre os laranjaes da sua terra, carregados de pomos d'ouro, no meio dos vinhedos pendurados das collinas, em cujos declivios se entrelaçam os pampanos como em grinalda graciosa de bacchante.

Era alli, no silencio dos campos, deitado na relva macia dos prados, avelludada pela primave-

ra; debaixo dos cinzeiras quando sacodem, agitados pela briza, as franças ainda molhadas do orvalho matutino, ou á beira da corrente espelhada do Pavia onde se reflectem as sombras verdejantes do arvoredos; era no regaçõ da natureza campestre, idyllio animado e perenne, que Thomaz Ribeiro via rolar o regato murmurante de sua existencia tão crystallino como as aguas do Pavia, brincando com os seixos prateados das margens ensombradas de salgueiros, e rescendentes dos acres perfumes das fôres agrestes.

Forçoso porém lhe foi renunciar ao Eden de sua descuidosa infancia para gostar os fructos da sciencia. Dizendo adeus ás doçuras bucolicas e innocentes, partiu o moço imberbe para Vizeu onde se deixou ficar até concluir os estudos preparatorios. D'esta cidade seguiu para Coimbra a cursar a faculdade de direito.

Nos tres primeiros annos das disciplinas universitarias, votou-se com igual ardor o joven escolar á religião glacial do *Digesto* e ao culto amavel das Camenas, que tão complacentes sorriem aos seus devotos nas margens do Mondego. Agradava então ao nosso poeta divagar por noites de lua cheia entre os choupaes, ou vêr o horisonte arroxeadado pelos arreboes matutinos quando o astro do dia, em manhã de primavera, começa de empoar de ouro a crista dos outeiros. Através da ramaria dos salgueiros, quantas vezes a phantasia

lhe não povoou a solidão, que o cercava, de criações deliciosas, de formosuras ideaes, de virgens de belleza peregrina, de extasis paradisiacos, de sonhos feiticieiros que deslumbram a alma com seus fulgores!

Não estava ainda assim escripto no horoscopo do poeta que houvesse de concluir as disciplinas austeras de Justiniano e encerrar as *Pandectas*, com a remansada serenidade da lympha do Mondego e do seu patrio Pavia derivando em meandros de crystal por entre as esmeraldas dos campos.

IV

A insurreição escolastica, que sobreveio no anno de 1854, penultimo da formatura de Thomaz Ribeiro, recrutou-o entre os mais intrepidos legionarios.

Descahiram n'umas quasi *Vesperas Sicilianas* as folias carnavalescas d'aquelle anno. A causa originaria da famosa revolta foi uma verdadeira tempestade n'um copo d'agua.

Coimbra inteira doudejava de alegria. Folgavam academicos e habitantes em distracções genuinamente primitivas. Respirava-se com difficuldade uma atmospherá suffocante de pós. Amiuda-

vam-se tão repetidamente os borrifos d'agua, que ao cabo d'algumas horas estava apaúlado o largo da Feira, circo dos gladiadores d'entrudo.

Quando o delirio tocava o apogeu, um projectil culinario, germen de futura gallinha e materia prima de gemadas, foi vibrado por mão d'estudantinho garraio, para uma janella onde se espanejava, repleto e contente, um roliço habitante. Nas faces nedeas luziam-lhe as rosas da digestão com um escarlata mais do que vivo, assanhado.

Mal o ovo, arrebetando em cheio no nariz do espectador obeso e estupefacto pelo tiro inesperado, lhe salpica de laivos amarellos o carmesim das faces luzidas, assoma á janella fatal uma cozinheira, hirsuta, desgrenhada, que qualquer poeta da Arcadia chamaria uma irmã de Plutão, uma Gorgona infernal.

Ardendo em furor, a Megera dos fricassés precipita, impellindo-a com o vigor de dous braços nedosos, uma panella monstruosa sobre um grupo d'estudantes, ferindo a um d'elles gravemente.

O sangue espadanou da ferida, deixando um rasto vermelho pelo largo da Feira, onde mais acaloradamente ferviam os folguedos. Os estudantes vozeavam com estupendo clamor: *Morram, morram os futricas!* A cada momento engrossava a torrente da academia furiosa. *Jam proximus ardet Ucalegon.* Coimbra, a romantica, a cidade poe-

tica e galanteadora de Sisnando, começava de abraçar-se nas labaredas da guerra civil!

Pintando o quadro com as tintas mais vivas do estylo official, o magistrado administrativo de Coimbra escrevia ao ministro n'uma metaphora impetuosa, que « uma panella fôra a faisca de um grande incendio! » O codigo administrativo nunca previu de certo que do tinteiro de um governador civil podesse sahir a energia colorida d'esta phrase cheia de audacia e de novidade!

Com as trevas da noite, condensadas de terrores, longe de apaziguar-se, cresceu a revolta escolastica.

D'algumas janellas disparavam-se tiros sobre os estudantes que não cessavam de percorrer as ruas, aos magotes, bramindo vozes de vingança.

Cada porta, ao abrir-se, golfava futricas rai-vosos, que na ferocidade do aspecto e dos gestos pareciam tigres fugidos de suas jaulas. A final os Gracchos de capa e batina acabaram por abandonar a cidade baixa e recolheram ao bairro alto, seu Aventino tradicional. Ahi encastellados e reunidos durante alguns dias resolveram sahir as portas da cidade e atravessar o rio, dando treguas á estaferma milicia dos archeiros. Estes, havia dias, que passavam insomnias de medo, em pé de guerra, encostados ás alabardas incruentas e virginaes.

Imagine-se a chusma buliçosa de mais de

quatrocentos estudantes a desfilarem pelo O da ponte em nobre desordem, precedidos de quasi nenhuma bagagem, indice caracteristico da modestia e da simpleza escolasticas.

Eil-os que trepam ás alturas ingremes de Santa Clara, em demanda das ferteis ribas do Nabão, aquecidos principalmente pelo enthusiasmo da mocidade, o mais creador de todos os soes sublunares.

Foi esta uma odyssêa entretecida de commoções e de lances galhofeiros á Gil Braz, como tantas outras de que os rapazes de todos os tempos teem sido heroes.

Se a ucharia dos mancebos insurgidos era mingoadá, podemos crêr que o appetite seria devorador, a saude invulneravel, a alegria, a unica verdadeira que ha no mundo, a dos vinte annos. Que abençoada quadra aquella, toda riso e festas, devaneios e cantares! Dizem d'ella que é um sonho; será; mas sonho leve como a mesma felicidade, sonho de que ninguem deseja despertar.

Com um bocado de pão alvo, outro de queijo fresco, e um gole de vinho espumoso a sorrir no copo transparente, — vinho ligeiro como as juras d'amor de uma mulher leviana — que de gentilezas se não obram, que de perigos se não affrontam com o valor d'Achilles e a boa estrella de Cesar!

Acampadas as hostes em Thomar, Thomaz Ri-

beiro, um dos Tyrteos da insurreição, desvelou-se em manter bem acceso o fogo do entusiasmo no animo de seus ardentes companheiros.

Em seguida, os emissarios, vindos a Lisboa a tratar com o governo as condições d'uma paz honrosa, regressaram ao campo nabantino e persuadiram o grosso do exercito a recolher á lusa Athenas, onde já os bons burguezes e bonitas burguezinhas suspiravam pelos sublevados, uns animados da prosa utilitaria do lucro, as outras pungidas dos espinhos da saudade nem sempre casta.

No anno seguinte Thomaz Ribeiro completava os seus estudos juridicos, deixando nas anlas memoria honrosa, no palco do theatro academico o vestigio de vivos triumphos, e nos jornaes litterarios de Coimbra composições formosissimas, que, mais do que prediziam, asseguravam as glorias futuras do seu notavel engenho poetico.

De volta á sua aldêa, pouco tardou que o não chamassem a exercer n'um concelho visinho o cargo de administrador, inspirando-se, n'estas funcções, de espirito tolerante e conciliador.

Em 1861, recebia o baptismo politico do suffragio popular, conferido pelos eleitores de Tondella, cujas sympathias e confiança careára, desde a adolescencia, para merecer honra tão subida, em tão verdes annos.

Penetrando no terreno agitado e ardente da politica, Thomaz Ribeiro ficou o mesmo homem

*

que era d'antes, bondoso, insinuante e expansivo, estimado dos amigos e dos adversarios.

Modesto como o verdadeiro talento Thomaz Ribeiro é sobrio da palavra nas lutas diarias da tribuna, ao envez de tantos garrulos que a toda a hora se empoleiram nos caniços da sua fragil eloquencia, maltrapilhos da grammatica, lesos do senso commum, desvalidos das boas letras, e que estão bradando por um asylo de mendicidade intellectual aonde se alberguem.

Orador correcto, facil, imaginoso, dotado de physionomia attrahente, que dous olhos rasgados e expressivos animam da vida meridional, com um timbre de voz sonora mas suave, varonil d'aspecto, sem arrogancias de mata-mouros demagogico nem fumos de Traga Dynastas ribombante como os trovões do antigo salitre—Thomaz Ribeiro é sempre escutado com vivo interesse pela camara e pelas galerias. O silencio, com que todos o ouvem, é somente cortado de murmurios lisonjeiros, e, quando a phantasia o aquece, de applausos ruidosos.

Thomaz Ribeiro, que poderia ser arrebatado e impetuoso como a sua imaginação encandescente, é sempre na tribuna a razão serena que convence, a chamma branda que alumia, o espirito illustrado e consciencioso que discute sem acrimonia, que raciocina com lucidez e firmeza, quando a questão é de molde para ser controvertida pela agudeza

do engenho, e que commove o auditorio, nos momentos em que o bafeja a inspiração, em que o toca com o seu condão a fada da phantasia, que é n'elle graciosa e rica, adornando-lhe a eloquencia, ora com flôres singelas, ora com joias opulentas.

Uma oração sobre as congregações religiosas e outra exclusivamente politica, pronunciada na legislatura de 1863 por occasião da resposta ao discurso da corôa, além de outros discursos cuja fórma litteraria nunca perde o character ameno que os distingue, são manifestações tão elevadas quanto felizes da sua vocação para os certames da palavra.

V

De 1862, no intervallo da sessão legislativa, data o acontecimento culminante da vida litteraria de Thomaz Ribeiro com a publicação do poema *D. Jayme*. O mancebo poeta subira d'um salto ás alturas escarpadas da fama. *D. Jayme* não era apenas o preludio esperançoso de uma lyra juvenil; era a revelação de um talento poetico da primeira plana.

Pouco nos commoveram então, como fracamente nos lembram agora, as dissertações e tratados com que se quiz sentenciar á pena ultima, no tribunal de Aristoteles, o poema *D. Jayme*.

Não indagamos n'esta occasião, se, medida pelas craveiras aristotelicas, a obra de Thomaz Ribeiro poderá conservar como titulos de posse legitima os fóros e preeminencias epicas de que gozou, logo ao despontar no horisonte da poesia nacional.

É possível que o desenho geral do poema não se ajuste servilmente aos moldes consagrados, que por vezes o heroe do poema renuncie á grandeza epica da epopêa para assumir as proporções romanticas dos personagens byronnianos. Não levamos a mal aos Serenos da arte poetica a sua solitudine — se é que não chega a ser zelo pharisaico — pela manutenção severa dos preceitos classicos. Tal missão, se bem honrosa, não nos pertence cumpril-a n'este esboço biographico. Basta-nos enunciar como theoria geral de arte, que para nós valem muito mais as irregularidades bellas do talento do que a correcção, pautada e aprumada, da vulgaridade rasa, e dos poemas mediocres, cujo principal titulo de gloria consiste em serem somnolentos e secantes, embora fielmente adscriptos á gleba d'Aristoteles e de Boileau!

Pelo poema inteiro de Thomaz Ribeiro ha chammas e fulgores de uma imaginação opulenta e de um talento poetico de primeira ordem, já quando esboça os quadros da vida campestre com as tintas mais suaves da sua palheta — quadros de uma frescura adoravel e d'uma naturalidade inexcedivel — já quando se remonta ás altúras do ly-

rismo mais poetico, fulmina os raios do sarcasmo, ou desce ás mais tenebrosas regiões da alma humana. Os trechos em que se cantam as usanças aldeãs, as romarias, e em que se descrevem os costumes provincianos são tão acabados e de tal primor, exhalam um aroma tão fino de innocencia rural e de verdade, que se vê bem quão de perto estudou as scenas, que pinta, o author do *D. Jayme*.

Aqui e alli, percorrendo o poema, parece-nos escutar d'envolta com os devaneios levianos e ardentes de Musset as gargalhadas satanicas e as juras scepticas de Espronceda. Sobre as paginas do poema esvoaçam os arrojões da phantasia dramatica e as graças do lyrismo pomposo de Zorriha, modêlo que parece haver namorado as predilecções do nosso poeta, principalmente na indole do dialogo cortado, rapido, vivo, sempre revestido de galas e donaires portuguezes de lei.

Em outros lanços (que de todos os generos ha abundantes especimens n'este formoso poema) refulgem os relampagos sinistros do cantor de Manfred e do Chil-Harold através do crepusculo melancolico da poesia scismadora de Lamartine.

Não é de certo um curto esboço biographico, tocado de traços ligeiros, o thema mais opportuno para dissertações criticas. Abstemo-nos por isso mui deliberadamente d'explanar considerações que, se por um lado haviam de pôr em condigna evi-

dencia o talento inventivo do poeta, por outro lado teriam de demonstrar, que, em quanto á verossimilhança do entrecho e á logica humana dos personagens não faltam as lacunas e contradicções, leves maculas que não empanam o brilho fulgurante do poema.

O pensamento viril que o dictou, a independencia patriotica que respira cada um de seus cantos, as innumerables bellezas que encerra, deslumbram tão feiticemente o leitor que nem lhe dão tempo a reparar nas tenues sombras do quadro cheio de luz, de côres brilhantes, de grupos, de perspectivas, onde se lhe quedam os olhos, de namorados.

Supponde um palacio de fadas todo d'esmeraldas, recortando-se no chão azul do céu com suas grimpas e coruchéos; mas imaginai, que as pedras, que o compõem, não acertam exactamente entre si nos mesmos tons verdes, umas por vivas de mais, outras por excessivamente desmaiadas. Illuminai-lhe porém as linhas architectonicas, estrellai de luzes as columnatas de crystal que o cingem, bordai de lumes as curvas phantasiosas das janellas e porticos rasgados na vasta frontaria; e dizei-me depois, se por entre os cardumes de tantos fogos palpitantes, e os jorros innumeraveis de luz podem resaltar aos olhos deslumbrados os cambiantes imperceptiveis das esmeraldas, de que é feita a imaginaria mansão.

Enunciamos sómente o conceito geral, affirmando, que o *D. Jayme* encerra valiosas riquezas de concepção e de arte; que sahe das veredas convencionaes; que tem arrosos felizes, lances arrebatadores; que é um poema de nacionalidade, respirando isenção e altivez; que ha n'elle o idyllio, o drama, e a tragedia, idealisados por uma imaginação poderosa e interpretados por um rythmo facil, melodioso, ora suave, ora energico, opulento de notas, de matizes, de gradações, que traduz as alegrias ou as dôres do sentimento, chora em threnos commoventes as magoas ou os vilipendios da patria, e exalta-se com os nobres affectos da independencia e da liberdade.

VI

Á estreia poetica tão auspiciosamente encetada estão de certo reservadas novas e assignaladas victorias.

Thomaz Ribeiro não é lutador que adormeça indolente no seio perfido dos triumphos.

Hercules, o symbolo poetico da perseverança e da força, não depôz a clava ás primeiras façanhas, e mais era um semi-deus!

Diversas composições lyricas e dramaticas hão-de brevemente vêr a luz publica, inspiradas pela phantasia inesgotavel do author do *D. Jayme*. Ácerca d'ellas não queremos arriscar encarecimentos antecipados. Preferimos investil-as na facil missão de justificarem as nossas previsões.

Ainda recentemente vibravam os echos do theatro de D. Maria com applausos frementes a uma poesia deliciosa, *A Judia*, onde avultam primores de fórma por entre perolas de sentimento, não falsas, senão perolas purissimas, arrancadas do fundo da alma, a Ceylão abundantissima dos poetas.

Em conclusão : é uma lyra graciosa e sonora, entre as que mais se gloriam de o ser, a de Thomaz Ribeiro.

Enfloram-na rosas d'abril, é meiga, é sonhadora, é ardente, é enthusiasta, tem os arrojões e as seducções da mocidade a nova musa, que saudamos. Rescendem aos aromas mais subtis as corôas e as grinaldas, tecidas das flôres de Virgilio e de Theocrito, que lhe cingem a fronte. Nas mãos do poeta, como as cordas da sua lyra, electricas, inflammadas, semeiam vida, fogo e paixão ! Mas a primavera, felizmente para talento tão precoce, não é ainda a quadra da fructificação plena. O que não auguram, por isso mesmo, primicias tão brilhantes ?

Aguardai que o estio creador lhe loureje as messes poeticas e empunhai então, ceifeiros do bom e do bello, as vossas fouces de prata. Como haveis de vergar ao peso das espigas d'ouro da musa de Thomaz Ribeiro, já hoje tão scintillante e prodiga de seus encantos ! Pois que ? Ha-de a terra desentranhar-se em culturas, em plantas, em fru-

ctos, e sómente, pela mais fatal de todas as anti-theses, a phantasia, esse mundo interior de creações ideaes, alternadamente nosso tormento e confôrto, é que estará condemnada a converter-se n'um maninho safaro e esteril? Quem poderá nunca acreditar-o?

VII

Poucos mezes haviam decorrido desde o apparecimento de *D. Jayme*, quando uma notavel composição, rescendente do mais fresco perfume do lyrismo moderno — *A festa e a caridade* — arrebatára o publico de Lisboa no palco de *D. Maria*. É sem duvida este um dos mais inspirados trechos da nossa poesia contemporanea.

Ao pensamento christão, que o dictou, allia-se na mente do poeta, sem esforço calculado, sem reticencias hypocritas, a apologia da sociedade rica, feliz, elegante, que tumultua nas festas para en-

xugar as lagrimas dos que choram no seio da propria miseria. Quem dá aos pobres empresta a Deus, disse-o Victor Hugo no rythmo sublime de seus versos. O mesmo crê Thomaz Ribeiro no bello cantico de caridade entoado pela sua lyra harmoniosa e privilegiada. Quem poderá deixar de amar aos pobres e, ao mesmo tempo, de bem querer aos felizes da sorte, que, na religião santa da caridade, acham o segredo de transformar em alegria de desvalidos e amparo de orphãos os saraus em que folgam, recordando-se da figura veneranda e dôce do bom bispo que vem ás salas a esmolar para os seus necessitados por entre as seducções do luxo e da formosura? Quem poderá esquecer esse vulto evangelico a passar sereno como a propria virtude, alegre como a consciencia do justo, santo como a religião, amavel, verdadeiramente sublime, firmado no baculo, com a cabeça veneranda inclinada ao peso da mitra, e pedindo esmola para os que tiritam de frio, e teem fome e sêde?

Thomaz Ribeiro intercala a miudo um episodio, e borda um enredo qualquer no tecido das suas poesias soltas. Ha não sei que vislumbre de faculdades dramaticas no seu talento. Ora estas precisam d'expandir-se, e por isso surgem dialogos, incidentes, personagens. Quem nos assegura que debaixo do poeta, não se esconde o dramaturgo?

A Judia é um cantico de tolerancia religiosa,

e nenhuma voz d'entre os poetas modernos se ergueu mais vibrante do que a de Thomaz Ribeiro para fulminar as iniquidades e as tyrannias, que, em nome do antagonismo dos cultos, pesam sobre o coração humano. Porque não ha-de amar o christão a *Judia*, e a *Judia* ao christão, sem que entre as duas almas que se sentem attrahidas pelo iman irresistivel da paixão, se levantem a separal-a, todos os preconceitos da intolerancia, todos os rancores do fanatismo?

O mesmo sentimento nobre, civilizador, generoso, ressumbra na *Indiana*, poemeto recente, em que brilham os lucidos arreboes do Oriente. Cassi, a joven viuva indiana, sente-se trespassada dos golpes do amor, com que a feriu silenciosamente até o intimo do coração o ardente Raul, apaixonado como um filho de Florença, a patria do Dante, intrepido como um maritimo da Italia, da nação aventureosa que deu ao mundo os Colonnas, os Dorias de Veneza, e os Colombos de Genova! Interpõe-se porém fatalmente entre elles o preceito cruel da religião dos brahmanes, que manda lançar viva na fogueira a viuva que teve a desdita de sobreviver ao seu marido. Ramá, pai de Cassi, é a voz austera, despiedosa, homicida no seu cego fanatismo pela observancia dos velhos ritos, que a casta dos brahmanes, a que pertence, é incumbida de zelar.

*

Ramá, echo da religião que o escravisa, diz á filha depois de a examinar bem :

Cassi, vejo com tristeza
que não definhas, querida ;
não sabes que a tua vida
deve ser curta ?

É a ferocidade hieratica do brahmane, filha do culto supersticioso da lei de seus maiores. E' a selvageria gentilica a endurecer o coração do pai, a romper os vinculos do sangue, a suffocar a piedade paternal para exigir a morte da filha como expiação religiosa. Cassi não renega por ora as crenças paternas, promete ser-lhes fiel, mas na sua mesma sinceridade exhala-se o calor da paixão que a devora :

Morrer ! casam-se ao teu rogo
minhas esp'ranças formosas ;
oh ! descança, eu sinto a morte
que ha seis annos busco em vão ;
se nos meus olhos ha fogo,
se nos meus labios ha rosas
e n'essas rosas perfume,
é da extrema febre o lume
acceso em meu coração.

Ramá interroga a filha ácerca de suas noites mal dormidas, porque lhe pareceu na vespera tel-a ouvido fallar exaltada, e até distinguido a voz de um homem, o que o fez tremer.

Cassi, para socegar o pai, affiança-lhe que a

voz, que escutou, a era de um jogue ou feiticeiro que lhe estivera adivinhando a ella o segredo do seu ultimo dia de existencia.

N'este indicio vê Ramá gostosamente a idéa de que a filha, fiel aos antigos ritos tão severamente punidos na India pelas nações europêas que alli dominam, pensa em morrer como convém a uma virtuosa viuva do Indostão, á mingoa d'alimento, encerrada na casa sombria, que lhe é ergastulo e sepultura. Como o velho fanatico agradece do coração á filha o pensamento de se immolar em holocausto á lei de Brahma!

RAMÁ

Que Deus t'o pague, Cassi!
e que te disse o agoureiro?

CASSI

Que hei-de morrer como as aves
batendo as azas, cantando;
que hei-de cahir como as flôres
que morrem da briza aos beijos
e os seus aromas suaves
sobem voando, voando,
inda respirando amores,
inda accendendo desejos.

A estes presentimentos sinistros, mas que a formosa indiana parece revestir com as côres voluptuosas do cantico dos canticos, tão differentes da sombria gravidade e do aspecto torvo de Khi-

va, a deusa da morte, responde o pai com a concisão profunda do fanatico endurecido :

Do meu coração no espelho
só morta, serás formosa.

O lance é tremendo. Vamos assistir a uma dolorosa tragedia moral. O velho brahmane exige da filha, em nome dos preconceitos de casta, o suicidio lento, a morte pela extenuação e pelo encêrro, e isto quando? Quando a joven viuva sente morderem-lhe o coração as viboras do amor e do ciume, e consumirem-na as chammas da paixão accesas pelo bello Raul, o poetico e arrojado italiano que transporta para a velha patria de Sacountala as exaltações loucas do seu compatriota Romeo. Ouvindo os dous amantes, parece que o luar de Verona alumia os palmares indianos, pratêa com sua claridade a copa dos cajueiros, e ouvimos por entre os vonvoeiros em flôr e os tamarindos, caçar seus cantos com os do terno muruoní (o rouxinol da India) a calhandra matinal.

Ao mesmo tempo que entre o velho brahmane e a filha apaixonada a esconder-lhe o fogo que a queima, se representa um drama agitado, commovente, mas invisivel, entre os dous amantes trava-se a luta tempestuosa dos transportes e das allucinações do amor.

Antes porém de os ouvirmos percorrer, em dia-

logos de fogo, a escala dos delirios aquecidos pelo sol do Oriente, escutemos o que diz Cassi n'um monologo em que ella desafoga as angustias do espirito e, encarando nas perspectivas lugubres, afa- ga a idéa da morte, que, se lhe trespassa o coração, tambem lhe sorri como a egide do seu dever e da sua pureza. O tufão do amor já sopra furioso, mas sem poder ainda apagar a luz viva da crença, que a alumia. E' por isso que a morte lhe sorri como um sonho deleitoso :

Hoje devo morrer ! Meu sonho encantador !
 E' culpa minha, oh ! Deus ! que no paiz das lavas
 O sol me queime o sangue e me dê febre e amor ?

Morro amando, é meu destino,
 pois que é decreto da sorte
 amar nas ancias da morte,
 morrer nas chammas do amor.

Cassi, ao mesmo tempo que chama desvairada pelo tumulo como pelo porto amigo que lhe ha-de abrigar a vida contra as tormentas que a açoutam, corre apressada, á janella, para agitar uma luz, signal ajustado para os furtivos colloquios com Raul. E' uma luta furiosa, a que se travou n'aquella alma duplamente escrava da religião e do amor, mas de que não é difficil adivinhar o termo desgraçado.

CASSI

Ai como é bom amar ! elle é formoso e candido !

.....
 Nos olhos d'elle ha tudo ; ha mar, e terra, e céos.

Julieta não tem palavras mais meigas para pintar os encantos de Romeo que o enfeitiçaram. Adivinha-se na heroina do poema a allucinação ardente das paixões mysteriosas e fataes que ou hão-de saciar-se na posse do que amam, ou matarem os desventurados que as alimentarem. Mas a mulher, que acabamos de vêr enlevada n'estes extasis, ao avistar o homem, que a enlouquece, rompe logo n'uma rude imprecação :

CASSI (*apontando o tolossi*)

Vês aquella arvore ? é Deus !
 vês o meu traje ? é de luto !
 lá dentro é feliz meu pai !!
 tu... és um covarde astuto
 que vens deshonrar os meus !
 Sahe !!

Eis a mulher da India, rude, primitiva, fanatica, apaixonada, suspensa entre a superstição gentilica e o amor criminoso, desejando comancia, repellindo com fereza, e n'este embate, que a definha e acaba por despedaçal-a, cada vez mais amante e desventurosa !

Não é já a mulher meiga, terna, affectuosa que

ha pouco murmurava phrases de amor; mais parece a hyena raivosa, que ruge, ferida nos palmares, tão brutal é o grito que solta, ao encarar no ente querido por quem suspirava impaciente.

Em Raul a submissão é completa, como illimitado é tambem o affecto que o domina. Que suavidade, que doçura na sua resposta! Dir-se-hia a paixão delicada d'um pagem da idade media, tímido, por uma nobre castellã, a não serem os dous ultimos versos, em que rompe o amor energico e profundo do homem que tem provado as delicias e as amarguras da paixão.

Que mal te fiz? chamaste-me, querida,
 Vim, como o crente aos pés da divindade;
 Calcas-me, fico; apontas-me a sahida,
 Vou, como o escravo que não tem vontade.

Se choras, páro; se sorris, espero,
 escuro enigma d'um capricho eterno!
 para quem te ama como eu te amo e quero
 não tens distancias entre o céo e o inferno.

O dialogo prosegue, esmaltado de todas as flôres da poesia. Respira-se, como dissemos, a atmosphera abrazada dos amantes de Verona. Thomaz Ribeiro faz luzir as scintellas dos ardores apaixonados da musa de Shakspeare por entre a espessura das solidões do Indostão, e de lhes acordar os echos com os soluços e os gritos do amor, sacudindo-as da immobildade em que parecem petrificar-se alli as castas, as leis, os cultos e os corações.

Eis a narração de seus amores feita pelo infeliz Raul :

Cassi, quando a vez primeira
d'aqui, d'onde estás me viste
á porta do teu cerrado,
eu, absorto e namorado,
tu, desanimada e triste ;
e quando, ao vêr-me, fugiste
como rôla espavorida,
senti que entranhas paixões
se levantavam com vida
no teu duro, esquivo seio ;
era a orchidia parasita
viva, 'splendente, bonita,
florindo n'um tronco alheio.

Passaram noites e dias
e eu sempre em torno aos teus lares,
mas sempre os ermos palmares
e a casa sem um clarão.
« Espera ! ella ouve os teus passos
e da escuridão cerrada,
espreita e sente-se amada »,
me dizia o coração.
Emfim uma noite, alli (*aponta a janella*)
o que eu disse e o que disseste
era um concerto celeste !
De tudo o que disse e ouvi
Recordo apenas, querida,
que te dei a minha vida,
e que me disseste : — espera ! —
Deus, se ha Deus, ouviu da esphera
Os teus protestos, Cassi.

Em quanto aquelle recinto é testemunha silenciosa dos protestos ardentes e lutas da paixão, que pretende ás vezes experimentar contratempos e obstaculos para se fortalecer, como as arvores

que quanto mais vergam ao sopro da tormenta mais profundam suas raizes, celebram-se perto as nupcias de Sundorem, a innocente criança de seis annos que segundo o costume indiano aguardará a idade pubere para viver conjugalmente. Cassi não crê na ardencia dos corações do occidente, dúvida que Raul procura dissipar com toda a eloquencia da paixão, e é então que ouvindo o côro das bailadeiras, a formosa viuva diz ao seu amante :

A noiva é minha irmã, o amor divino e santo é esse ; á tua voz responde aquelle canto.
 Amor que não se esconde e todos podem vêr,
 amor que se abençôa ! O amor que Deus não quer é este que me dás e que te eu dou ! E' triste amar c'o inferno aqui, e sempre amar !

Ao que Raul responde, não obstante ser homem do mar, « rude mas leal », com a logica irresistivel de um consummado escolar e versado até nas agudezas da argumentação :

Mentiste !

Perdôa ! eu sou do mar ! sou rude mas leal ;
 o amor que alli se canta é sempre o amor brutal !
 Seis annos tem amor ? a noiva tem seis annos !
 da noiva brota a esposa e n'elle os desenganos !
 A esposa é sempre escrava, o esposo é sempre rei !
 o abysmo entre esses dous ! — Diz isto a tua lei ?
 Póde haver calmaria... e póde haver procella ;
 a nupcia prende, sim, mas só o amor nivela.
 A tua irmã vendeu por gemmas do Pegú
 a mocidade, a vida, a liberdade. E tu ?
 amaste quando noiva ? amaste quando esposa ?
 Acarinhou-te um beijo os labios teus de rosa ?

lembra-te uma palavra ? um riso ? um gesto só
d'enternecido amor ? de carinhoso dó ?
nem isso ? e porque a sorte os laços teus quebrára
has-de seguir na morte a alma sombria e avára !

Cassi não acha uma razão para lhe oppôr, e,
enleada, apenas lhe diz : « Cala-te ! » Soou a hora
da victoria para Raul, que se despede de Cassi com
um adeus, exprobrando-lhe a ella o ser de bron-
ze, e annunciando-lhe que vai partir no seu na-
vio que o espera.

E' então que n'aquella creatura forte sim, mas
que verga como um vime diante das prescripções
severas da lei indostanica, rebenta o delirio do
amor louco, febricitante, pelo homem que de ha
muito lhe tomou o coração, os sentidos, e a vida
inteira.

Dos tigres d'essas collinas
tenho a febre, o amor, o anceoio !

clama a allucinada Cassi, e mais adiante :

Vaes se eu fôr ! se fico é certo
que ficas junto commigo !
mortos, no mesmo jazigo !
Vivos, no mesmo deserto.

Não sabias, infeliz,
que tudo aqui tem veneno ?
o sol, o orvalho sereno,
homens, paixões e reptis ?

Nas palavras de Raul brilha o ent'usiasmo, quan-
do elle entremostra á amante as bellezas da sua Ita-

lia, e lhe exalta as maravilhas do navio que ha-de transportal-os. E' ao mesmo tempo um canto de amor e de marinheiro em que não entra o terror da procella; que provoca os perigos confiado na sua estrella e na sua embarcação; que os arrosta impavido como quem folga de vêr dilatar-se o abysmo das ondas debaixo da quilha do seu navio veleiro. Este trecho das canções é deveras bello, independente, viril. Ha n'elle a audacia, e o cunho maritimo dos corsarios de Byron; pena é ser tão curto.

Aos arrebatamentos da ode, e aos antegostos das nupcias vão succeder de prompto os episodios lugubres, precursores da tragedia que começa de ennovelar-se tão subitamente como um tufão do mar das Indias.

Continuam entretanto os cantos das bailadeiras. Brilham as luzes e os globos de côres, que resplandecem nas folhas largas das bananeiras. As danças enchem com seus rumores alegres os aposentos do velho brahmane. Estão prestes a celebrar-se as nupcias de Sundorem, a irmã de Cassi, que furtivamente corre a adereçar-se com suas mais refulgentes joias para fugir com o seu amante christão, e que, antes de consummar a fuga, hesita momentaneamente entre o amor e o remorso de deshonnar a casa paterna:

Seis annos só, e os jubilos
da sua festa, em luto!

fujo, e transformo em tumulo
 a casa de meus pacs!
 entre a vergonha, o escandalo
 no lar sempre impoluto!
 foge o cortejo e a musica,
 tudo se abysma em ais.

Uma negra nubiana, sem ser vista, espreita os dous amantes, certifica-se dos seus planos d'evasão, e corre a delatal-os ao velho Ramá, que não perde um instante em surprehendel-os e que, á frente de todos os convidados que o seguem, lança a sua maldição sobre a filha que lhe profanou o lar e lhe conspurcou a honra, vilipendiando a nobre casta de que procede, e foge para sempre da habitação maldita.

Cassi fica como petrificada de vergonha e de dôr, sente os primeiros assomos da loucura, e delirante, louca, corre de noite pelas florestas, acompanhada do desventurado noivo. O albôr da manhã começa de avermelhar o horisonte. A pobre louca afigura-se ser aquelle o clarão do fogo atea-do por ella nos ramos seccos das arvores da floresta, despoja-se das joias que a adornam, e sentindo um clamor de muitas vozes que a aterram, cahe morta de repente nos braços de Raul, o qual vendo-a exanime, diz, fitando um raio de sol que bate no rosto da defunta estremecida:

Sol que a vês do céu profundo,
 dize a Deus que em todo o mundo
 se mata gente em seu nome!

Este entre-acto em verso, que como metrificacão é de uma harmonia suavissima, tem para nós o merito de apostolar uma nobre causa, a da tolerancia religiosa. E' preciso que de uma vez para sempre desapareçam essas tyrannias odiosas, que, sob color de honrarem a divindade, agrilhôam, escravizam, quando não despedaçam, os mais puros affectos da alma humana. Como entrecho dramatico falta-lhe a vivacidade d'acção, o inesperado dos episodios que são o iman poderoso dos espectadores. Os personagens não se movem, o jogo de scena é bastante inerte.

Como prenuncio porém de novos poemas indianos saudamol-o com sincero enthusiasmo. Tivemos os cantores epicos e os chronistas bellicosos das façanhas da India. Tenhamos hoje os poemas do sentimento, as tragedias intimas, as crenças vivas, e as ingenuas abusões d'aquelles povos que alumiamos com a luz da nossa civilisação. A palheta riquissima de Thomaz Ribeiro assegura-nos que os paineis da vida e da natureza indiana por elle promettidos no seu annunciado volume *Entre palmeiras*, hão-de ter o encanto, a frescura, e a magia pitoresca de que são fiadores as *Jornadas* e a *Indiana*.

A India para as faculdades descriptivas do author de *D. Jayme* não é felizmente como para muitos outros um nome, uma abstracção. Como a sua phantasia fervida nos ha-de reproduzir com

o colorido mais vivo e brilhante as vegetações colossaes d'aquellas florestas, por onde vagueiam os tigres e os elephantes, e se arrastam os reptis monstruosos! Que verdadeiros quadros vivos, aquelles em que o poeta nos pintar os templos e os tumulos de Benares, a cidade santa, o formigueiro dos bazares, a desnudez dos indigenas que na espessura dos bosques mais antigos do que muitos imperios seculares, e á sombra dos tectos de colmo que os cobrem, reverenceiam o brahmane, que os fanatiza, e olham estranhos para os que os ave-xam!

Como hão-de resaltar nas suas telas as paisagens dos grandes rios e das ruinas severas, epigraphios grandiosos das cidades que o poder dos se-culos destruiu, ou o raio da guerra fulminou!

Que paginas deleitosas não nos promete a sua phantasia soberana, sempre que respirando a peito cheio n'aquella atmospherá calida e diaphana do Oriente, se detiver a contemplar a gota d'orvalho pousada nos arbustos dos jardins de Delhi ou a descrever o rugir do tufão no golfo de Bengala!

Ficamos em que a India inteira ha-de respi-rar nos seus poemas com as pompas da natureza oriental.

THOMAZ RIBEIRO

(JORNADAS)

Em quanto a Hespanha vibra de commoção de baixo do golpe de estado do general Pavia, Lisboa inteira espreguiça-se indolente ao sol do Tejo, e, tomada da nostalgia devastadora da musica italiana, vai matar saudades de S. Carlos no theatro da Trindade, ouvindo a musica graciosa e ligeira da *Cruz de ouro*.

Nem ao menos a abertura do parlamento conseguiu ser tonico á anemia politica de que ha muito padece esta sociedade! D'antes começava com o mez de janeiro a excitação da curiosidade publica. Pelos porticos de S. Bento enxameava uma povoação inteira, faminta da eloquencia, ora academica, ora apaixonada, de Garrett, de Fonseca Magalhães,

de José Estevão, de Passos Manoel. Travavam-se então as pelepas mais accesas da palavra parlamentar. Os alfagemes da eloquencia politica poliam e «corregiam» (na phrase do chronista) suas espadas da mais fina tempera. A musa da liberdade adejava sobre aquellas cabeças privilegiadas, em que tumultuava um oceano de idéas largas e generosas, e inspirava-lhes rasgos oratorios que electrizavam de paixão e de enthusiasmo fremente as multidões. A tribuna politica despedia chammas, fulgores, incendios. As lavas por ella arrojadas nas grandes crises não eram menos encandescentes do que as dos maiores vulcões. Que tempos e que homens aquelles!

Cercava-os o prestigio dos grandes combates que haviam ferido para fundarem as instituições livres que nos legaram. Imprimia-se-lhes na palavra a unção e a magestade dos antigos prophetas. A tribuna, a que subiam, abrazava-se de raios de luz e trovejava eloquencia, semelhante a um novo Sinaï, em cujos pincaros se entreviam as figuras collosaes dos Moysés da lei nova da liberdade.

N'aquella arena da palavra não lutavam senão pelepasadores com as proporções epicas dos heroes de Homero. Um dia era Garrett respondendo a uma invectiva inflammada de José Estevão com uma oração pautada pelos preceitos classicos da eloquencia grega e em que revivia o mais fino atticismo de Demosthenes. Outro dia era José Estevão, o orador incomparavel, desgrenhando as nobres fu-

rias da Nemesis popular, e reptando em objurgatorias, dignas dos Gracchos, o cortejo insolente das audacias reaccionarias. Vinha depois Passos Manoel, caloroso, abundante, fluentissimo, trasbordando de entusiasmo e de crenças, sublime de abnegação e de patriotismo. O seu verbo dourava-se de reflexos prismaticos, em que se accendiam fogos deslumbradores. Seabra, Fonseca Magalhães, versados nos segredos das linguas mortas, familiares com os melhores modêlos, transportavam para a tribuna o periodo cheio e sonoro da prosa academica, erudita, enriquecida de citações opportunas, umas vezes apimentada de epigrammas finissimos, outras entretecida de aneddotas joviaes, em que borboleteava a facecia portugueza de lei.

Acabadas aquellas sessões memoraveis, verdadeiros combates de Titães, apoderava-se das galerias e de Lisboa inteira um demorado estremecimento, uma prolongada commoção. Sentia-se, pensava-se fortemente, poderosamente. Os grandes vultos projectam grande sombra; da mesma fórma que esses navios, pasmo e assombro dos mares, ainda depois de haverem passado e rasgado as ondas com a sua helice poderosa, parece deixarem no mar como que um sulco profundo de vida, uma longa esteira de ruido e de bulicio das suas machinas, assim acontecia com aquelles oradores.

Hoje, meu Deus, as faculdades dos homens são de certo grandes, notaveis, mas que importa? se é

*

pequeno, acanhado o quadro dentro de que se movem!... Vão lá ser eloquentes, arrebatadores, irresistíveis os proprios Ciceros e Demosthenes, se, em vez de terem para assumpto de suas orações a ambição de Philippe de Macedonia ou as machinações de Catilina, acharem para unico thema da sua oratoria a extincção dos julgados de Castro Verde e de Alvito.

Valha-nos, no meio d'este torpor da eloquencia politica, a apparição consoladora e amiga do ultimo volume, em prosa, de Thomaz Ribeiro, intitulado *Jornadas*, livro admiravelmente escripto, alternadamente descriptivo e humoristico; devaneador e romantico por vezes, eloquente sempre, cheio de nobres conceitos, respirando os sentimentos mais viris e patrioticos, como não podem deixar de subsistir na alma do author de *D. Jayme*.

Independente e até ás vezes inflexivel em suas opiniões ácerca do paiz visinho, sobre que está soprando furioso o tufão da demagogia, praga e ignominia das sociedades por onde lavra, Thomaz Ribeiro, longe de folgar com as aventuras que açoutam a patria de Cervantes e de Castellar, exhala os seus votos generosos, diante do palacio real de Madrid, n'esta apostrophe, em que se retrata a largueza nativa do seu grande e bem formado coração:

«Lá fica sobranceiro agora o nobre palacio real, o rejuvenescido alcaçar dos antigos reis de

Castella, com as suas ameias e torreões, com os seus terraços e varandas. Como se levanta galhardamente no topo de uma enorme escadaria de jardins! Praza a Deus que o pallido céo nevoento, que pesa sobre a tua Hespanha, se azule bem depressa, e alvoreça ao pleno sol da gloria e da ventura. »

Enthusiasta diante das telas de Vellasquez, de Murillo, de Ribera, e dos quadros de Giordano, de Veroneso e de Tintoretto, que abundam no museu de Madrid, finamente observador das scenas de costumes, do bulicio elegante do Prado e da Fonte Castellana, dos episodios pitorescos dos cafés e dos theatros, liberal de convicções profundas quando evoca as memorias sombrias de Philippe II, o fanatico sanguinario, e os annaes lutosos da intolerancia estúpida de Philippe III, o proscriptor de duzentos mil mouros convertidos, nervo da industria e da agricultura hespanhola, Thomaz Ribeiro revela ao mesmo tempo as suas altas faculdades de phantasista e os seus dotes eminentes de pensador, communicando ás suas paginas o encanto da lanterna magica, em cujos vidros se alternam os aspectos e as visões mais inesperadas. Este é o requisito indispensavel de um livro de viagens.

Com inteira franqueza, que é sempre a melhor homenagem aos talentos provados e seguros das proprias forças, devemos confessar, que nas apreciações a respeito da Inglaterra, que se pinta nas

Jornadas como possuida de um egoismo feroz, de uma avidez de Turcareto ou de Schylok, devorada exclusivamente pelo demonio do lucro, possessa do genio mau da cubiça, divergimos de opinião e sentimos diversamente.

Implantadora do systema de garantias politicas que desfrutamos, tendo arrostado lutas sanguinosas para as firmar no seu proprio territorio, professando sinceramente o culto da independencia e da liberdade do pensamento, conferindo ao cidadão a soberania da dignidade e da isenção humana, a Inglaterra, cujos annos estão assignalados pela extincção da escravidão, pelo triumpho da tolerancia religiosa, não é, não póde ser apenas uma agencia sordidamente mercantil de uns poucos milhões de aventureiros disseminados pelo globo para abrirem mercados aos seus productos, e levantarem feitorias para os seus mercadores.

Foi ella, entre todas as nações, quem mais desveladamente, através das épocas mais sombrias e revoltas, conservou bem acceso nas cinzas da sua lareira o brazido da liberdade. Honra lhe seja por tanta solitudine, por tão nobre perseverança! Se não fôra esta vestal incansavel, quem sabe se a chama divina da liberdade não estaria bem mais amortecida no mundo inteiro pelos tempos que correm, se não já de todo extincta?

A decadencia, que ao author das *Jornadas* se afigura fatal, ainda nos não parece ter desponta-

do no horisonte da Inglaterra, cujos filhos são verdadeiros cidadãos, amantes da patria que lhes foi berço, professando o culto sincero da liberdade e da lei, e para os quaes o trabalho é o mais valioso brazão de quantos possam ser conferidos ao homem, na carreira dos gozos e das vaidades, pelos mais difficeis reis de armas de Inglaterra e do mundo inteiro. Com estas qualidades solidas podem entrar sim os desalentos, os revezes, os maus dias, as temporadas sinistras, os eclipses tenebrosos, mas não é de crêr que ao mal e á desventura caibam as primicias da victoria. Felizes os povos que poderem, como a Inglaterra, apresentar diques tão formidaveis ao furor das ondas dos novos barbaros, que ameaçam alagar de todo as sociedades do nosso tempo!

Entrando em França e em Paris, não desfallece em seus vôos reluzentes a borboleta caprichosa das divagações do poeta, antes se illumina com o iris d'aquella cidade sempre magica e refulgente, mesmo nas épocas de maior abatimento. Borda-se na tela das narrações, tão interessantemente tramada, um episodio romantico dos amores de uma franceza, destinada para noiva de um pobre inglez — James se chama o pobre diabo, aliás excellente, — de quem ella, ouvindo os versos de um irmão da sua amiga intima, que a endoudecem, foge, como o demonio fôge da cruz. Para tudo o quer a caprichosa Laura, menos para o amar, se

bem que, para attenuar a força do golpe, diz áquelle que lhe tomou para sempre o coração, que a deixe, que o amará sempre, mas que nunca ha-de ser sua mulher. As cartas são apaixonadas e res-cendem a mais suave fragrancia de amor, cartas como sabe escrevel-as um poeta com a imaginação e o sentimento de Thomaz Ribeiro.

Deixando a França, o escriptor transporta-se ao Cairo, a Alexandria, atravessa o mar Vermelho, desembarca em Bombaim, cuja descripção elle illumina com os duplos raios da sua phantasia e do sol do Oriente, embarca de novo, e sobe o Mandovy, o rio das margens amenissimas e das recordações gloriosas, até pôr pé em terra, no caes dos Camotins, na companhia do governador geral da India portugueza, de cujo governo foi secretario geral, com a distincção que promettiam os seus altos dotes, o author de *D. Jayme*.

Em presença dos monumentos da velha Gôa, inflamma-se o estro do poeta interrogando as ruinas, que alli estão diante d'elle, como esqueletos do passado:

Memorias! Nada mais, sombrios monumentos?
Saudades? Oh! não basta, homericos vestigios!
Remorsos? mas são vis e estereis os lamentos!
Esp'rança! eis o segredo, a vara dos prodigios!

Este volume, que acabamos de lêr de um folego, demonstra victoriosamente o poder do enge-

inho, a delicadeza do gosto, a exuberancia da phantasia de Thomaz Ribeiro, que não precisava de ser acariciada pelo sol da Asia que já inflammou o estro de Camões e de Bocage, para despedir clarões scintillantes. Saudemos, pois, o volume das *Jornadas*, e façamos votos pela apparição da segunda e terceira parte, que se intitulam *Entre palmeiras* e *Entre primores*.

A paisagem é de molde para realçar o talento do poeta. Que quadros e que perspectivas não se desenrolam diante d'elle! Os recortes phantasticos dos pagodes; os troncos nodosos das arvores banyanes, as cryptas cravadas nas entranhas da terra; os templos rasgados nas rochas; os elephantes colossaes, e, á entrada dos palacios, aquelles monstros mythologicos a que Mery chama sonhos petrificados; os amores e canções das *bailadeiras*; o espectaculo estranho de tantos ritos e de tantas superstições, velhas como o mundo, em que se rende culto ao sol na religião de Zoroastro, á lua em Ceylão, na ilha das perolas; em que a vida universal se contém no Brahma; em que a deusa Kali, a deusa da destruição e da morte, é tambem adorada; o luxo esplendoroso dos rajás, as riquezas dos parses; os encantos lascivos dos palmares; as moles titanicas dos templos de Lahore, de Delhi, e dos palacios mogolicos, tudo isto ha-de resaltar na tela luminosa dos poemas indianos de Thomaz Ribeiro.

Elle é, como Bulhão Pato, o filho dilecto da

poesia, a quem a musa peninsular bafejou na adolescencia, e em plena virilidade, na quadra da fructificação, e a quem a fada da poesia oriental beija n'um osculo de fogo, communicando-lhe o segredo dos amores, dos transportes, dos arrebatamentos, dos delirios apaixonados, das melancolias intensas, dos ardores ineffaveis, que alimentam ou devastam a existencia nos paizes do sol, nas regiões da aurora.

BULHÃO PATO

(CANTOS E SATYRAS ¹)

N'um esboço tocado de traços fugitivos não cabe de certo a minucia demorada, mas indispensavel no retrato para a semelhança perfeita das feições e das physionomias. Por mais sobrio de divagações que seja o escriptor, torna-se-lhe muito difficil, senão impossivel, contrahir na tela acanhada de um capitulo as magestosas ondulações de uma corrente de poesia que ha vinte e quatro annos ² despraia pelas margens da nossa litteratura depondo n'ellas o nateiro abundante e riquissimo de suas creações poeticas.

¹ Um volume. Editores, Rolland e Semiond, 1873. Lisboa.

² Data de 1850 a apparição das primeiras poesias de Bulhão Pato. Seguem-se-lhe em 1857: *Amor virgem n'uma peccadora*, comedia-drama em um acto, prosa e verso. —

De feito, a indole primordial e as evoluções subsequentes do talento de um escriptor ou de um poeta qualquer, teem mais do que afinidade remota com as nascenças de um rio. Como este, o talento tambem brota modesto de suas origens, e engrossa depois a sua corrente, já derivando sereno, já correndo agitado, ora apertando-se em voltas caprichosas, ora alargando seu alveo e rolando magestoso até se metter no oceano ordinariamente tempestuoso da fama litteraria.

Porque é que, aos 19 annos, apaixonado e terno como um trovador, com a bocca ainda humida do ultimo beijo, a mente escandecida por visões encantadas e por sonhos voluptuosos que — sómente a aurora desfaz arroxendo o horisonte, para voltarem na noite immediata, — canta os amores juvenis, com seus enleios e suas malicias tambem?

Porque scisma dôcemente Bulhão Pato vendo os lirios e as boninas em que pousa o orvalho das manhãs de abril? Porque aspira com embriaguez o aroma dos campos? Porque escuta os mil rumores mysteriosos do bosque? Porque se fica esque-

1862: *Versos*, 1 vol. — 1864: *Digressões e novellas*, 1 vol., e *Graziella*, versão de Lamartine. — 1866: *Paqueta* (pocma). — 1867: *Canções da tarde*, 1 vol. — 1869: *Flôres agrestes*, 1 vol. — 1871: *Paisagens* (prosa), 1 vol. — 1873: *Cantos e satyras*, 1 vol. — 1873: *Renan e os sabios da academia* (satyra). — *O cemiterio de Pisa*, e a *Vendetta*, versões de Emilio Castellar, e de Balzac.

cido a contemplar as nuvensinhas do poente e as sombras melancolicas do crepusculo da tarde?

E porque é tambem, que passados vinte annos, vêmos o mesmo poeta, outr'ora rescendente das essencias mais fragrantas do lyrismo, despedir-se, pelo menos momentaneamente, das canções amorosas, arrancar as cordas do seu alaúde romantico para pulsar a lyra fremente da indignação vingadora de Juvenal, de Augusto Barbier e de Victor Hugo?

E' facil conciliar esta contradicção apparente, pois não é senão uma phase natural de sua indole poetica, lembrando-nos de que Bulhão Pato é um poeta essencialmente espontaneo; que a sua poesia é o reflexo fiel da sua alma. Suas canções risosinhas como uma alvorada de maio quando as illuminava o sol da primeira mocidade, assumiram nas satyras já a gravidade das paisagens severas, já o aspecto tragico das cataratas que se despenham no inverno com medonho estrepito, ou o das noites de procella cuja escuridão é apenas alumiada pelo fulgor livido dos relampagos.

E' que a doçura das illusões juvenis cortou-lh'a o travo das decepções; é que aos idyllios descuidados da manhã da vida seguiu-se, no poeta, o drama viril da existencia com o seu cortejo de lutas, e de paixões acerbas.

Foi este pendor natural por onde o poeta foi levado das regiões tranquilladas da poesia individual e

lyrica aos espaços tempestuosos da poesia social e da satyra politica, aonde as coleras, os resentimentos e até as proprias aspirações do poeta, ou antes do partidario, é inevitavel que tumultuem com o fragor e a espuma das ondas irritadas. Se a Nemesis politica pôde ser, como é sempre nas satyras de Bulhão Pato, elevada, decorosa e eloquente, nem por isso está isenta, em outros poetas contemporaneos, das allucinações do furor, e dos rebates rancorosos.

Poeta de verdade, fiel ás vozes interiores da consciencia que o chamam a combater por uma causa em que vê o triumpho da justiça, ou a fulminar os que se lhe afiguram vicios e hypocrisias sociaes com os seus terriveis alexandrinos, verdadeiros raios despedidos pela mão de Juvenal, Bulhão Pato é tão espontaneo e sincero hoje na explosão das paixões, que o abraçam, como o era d'antes nas effusões do seu adoravel lyrismo.

A sua musa, agora como sempre, não se envolve em roupagens theatraes, nem carece de lentes para nos seduzir com os seus encantos. E' essencialmente singela, desaffecteda, natural. O seu culto é o do bello, idealizado pela arte. Se algumas superstições alimentar, como todos os cultos, serão as da sinceridade dos sentimentos, da espontaneidade das impressões.

Será esta a ultima e definitiva phase do seu talento poetico, affirmado por tantos monumentos,

em que a sua phantasia ao mesmo tempo vigorosa e delicada gravou as suas creações como os esculptores mais afamados gravaram com o cinzel as suas no marmore antigo mais puro? Não o acreditamos. A natureza com as suas vozes mysteriosas; o coração humano com os seus ênleios, esperanças e amarguras; os mil dramas commoventes da existencia; as subtilezas e os arcanos psychologicos da alma; as tragedias moraes da paixão, em que gemem e succumbem, duramente suppliciados, os affectos mais intimos; eis a tela larga e permanente em que hão-de voltar a embeber-se as côres da palheta opulenta e admiravel do nosso eminente poeta. Ainda bem, que as apostrophes e as coleras partidarias são apenas na vida social, e na litteraria tambem, um ephemero accidente.

Especie de relampagos que atravessam a atmospheria, sua claridade é momentanea, como momentaneo é tambem o ribombo do trovão que os acompanha.

Afastados os negrumes da procella, o céu recobra a antiga transparencia etherea, semelhante á superficie azul de um lago immenso que nenhuma aragem encrespa.

Quaes são as feições salientes do genio poetico de Bulhão Pato? a imaginação, a sensibilidade, a perfeição inimitavel da fórmula, e o gosto sem igual.

Em todo o poeta, que o é deveras, ha forçosamente a coexistencia da imaginação, que cria as

ficções, as scenas, os personagens, com a sensibilidade que o domina, antes de nos commover, e com a melodia do rythmo cujas cadencia, sonoridade ou valentia formam a linguagem sublime da linguagem da poesia. A todo este conjuncto feliz de qualidades devem presidir as leis soberanas do gosto que lhe dão relevo, vigor, graça e harmonia.

Quando o poeta melodioso da *Harpa do crente* e da *Voz do propheta* escreveu no prologo da *Paqueta* que « Bulhão Pato é sobre tudo um homem de gosto e que o homem de gosto é sobre tudo singelo », resumiu n'um traço a physionomia inteira do author dos *Cantos e satyras*.

Adivinha-se n'elle a sua predilecção pela singularidade de Garrett, desespero de tantos que inutilmente a teem procurado na poesia e na prosa. Nas *Digressões e novellas*, bem como nas *Paisagens*, digamos, ha contos e episodios narrados e descriptos com tal suavidade de linguagem e tal frescura de tintas, o colorido é ao mesmo tempo tão sobrio e acertado, a trama da prosa tão finamente tecida, e dizer tão caloroso e casto, que acabando de lêr aquellas paginas, nos sentimos consolados, não só com a certeza de não haver desaparecido com o visconde d'Almeida Garrett o estylo elegante, singelo e sobrio das *Viagens na minha terra*, mas até de o vêrmos luzir na simplicidade das suas roupagens, tão animado como d'antes, flexivel, eloquente.

Voltando á sua poesia, podemos dizer que Bu-

lhão Pato canta suavemente, ternamente, quer o enlevem as scenas da natureza, quer o commovam as dôres profundas ou as miserias dilacerantes dos supremos infortunios. Nas cordas da sua lyra resôam-lhe espontaneos os canticos, como o vento na harpa eolia, desferindo por si mesma as notas e as estrophes. A melodia, a tristeza e o amor divagam pelas cordas do seu alaúde como o luar de uma noite de outono pelas campinas, aveludando-as com sua dôce e pallida claridade.

O seu ideal poetico nem é o naturalismo exagerado de Gœthe, nem a ironia desesperada de Byron. Respira-se nos seus poemas o perfume do lyrismo de Garrett e de Lamartine, interrompido a espaços pela toada doudejante de Musset, mas illuminado e aquecido pelas chammas do sol da peninsula que lhe dourou o berço.

Abundam na harpa do poeta as notas sentidas da elegia, e alguns dos seus poemetos, entre elles a *Rosa do monte* e os *Noivos*, são deliciosos pelo interesse dramatico que os anima, pela paixão intensa que respiram e pela perfeição dos moldes poeticos.

Em ambas estas composições, admiraveis de fórma, o poeta elevou-se á mais alta sensibilidade, orvalhando-as de lagrimas e commovendo-nos.

Que sobriedade de traços na pintura da aldêa, nos *Noivos*, e que sympathia contagiosa pela vida aspera dos pobres pescadores !

A aldêa é de pescadores.
Por essas costas do mar,
Quando as tormentas começam,
Aquillo é que é labutar !

Às vezes um mez a fio,
O vento sem acalmar,
E os vagalhões dia e noite
Nas rochas a rebentar !

Algum remedio, o bem pouco,
Que tanto custa a juntar,
Pois basta um mez de invernia,
Nem tanto, para o levar !

Que vida a da pobre gente,
Quando começa a lutar
O vento bravo co'as ondas,
Por essas costas do mar !

Ha quatro casas e a ermida
De pedra e cal, o demais
Choças de colmo que ás vezes
Destroem os vendavaes.

Mas quando chega o bom tempo,
E a pesca não escaccia,
Respira toda alegria,
Apesar de pobre, a aldêa.

A pintura da noiva de Daniel, o arrojado pescador, é um modêlo de poesia, e de naturalidade, em que se reproduzem as altas faculdades do poeta, a imaginação viva, a singeleza graciosa, a ternura tocante e o atticismo da fôrma :

Amparo tinha no rosto
Uma expressão de ternura,
Que lhe dava mais encantos
Do que a propria formosura !

Os olhos azues puríssimos,
E de transparencia tal,
Que deixavam lêr no fundo
Da sua alma virginal!

O cabelo louro-escuro,
Tão basto, tão anelado,
Que era um primor, posto em tranças,
E um enlevo, desatado!

No tempo em que era criança
E de genio folgazão,
Com as outras raparigas,
Pelas tardes de verão,

Andava a brincar na praia,
E a espreitar de quando em quando
Os hombros nús, mais que os hombros...
Em fim co'as ondas folgando.

N'isto vinham os rapazes —
Mas o cabelo era tanto,
Que sacudia a cabeça,
E servia-lhe de manto!

E que vêa dramatica lateja na rapida scena do
temporal que de repente se levanta!

O céu estava sereno ;
Era propicia a estação :
Logo em entradas de outono,
Dias como de verão.

Porém o vento levanta-se
E quando menos se espera,
Seja verão, seja outono,
Seja inverno ou primavera.

*

Daniel, deixando os outros,
Com a companhia a seu cargo,
Fez-se ao mar, largando as artes
A duas leguas de largo.

O peixe dava em cardumes ;
Lidando não attentaram
No aspecto de certas nuvens
Que no céo se agglomeraram.

Dentro de pouco os relampagos
Nos ares a fuzilar,
E o vento a picar as ondas,
E as ondas a rebentar !

Podiam correr á pôpa
Mas não sem todo o cuidado
Que á pôpa, em cahindo tempo,
E' navegar arriscado.

A véla posta nos rizes —
O vendaval carregava —
Como um falcão corta os ares,
O barco as ondas cortava !

Amparo, sobre um penhasco,
De mãos postas a rezar :
A morte no arfar do seio,
Ancias de morté no olhar.

Elles já perto da costa,
E o povo junto a dizer :
« Se o barco vem aos cachopos
Só Deus lhes póde valer ! »

Tentaram fazer-se ao largo,
Lutando co'a morte a braços ;
Mas deram sobre os rochedos,
E o barco fez-se em pedaços !

Com que saudade nos apartamos dos vergeis

amenos, das solidões melancolicas ou das campinas risonhas por onde divagam alternadamente os folgares e as tristezas do seu lyrismo, lagrima crystallina em que por instante brinca um raio de sol!

Com que pena dizemos adeus aos lagos transparentes em que o vêmos espanejar suas azas brancas de cysne, para seguirmos embora por poucos instantes o poeta ás regiões tempestuosas da satyra, onde os jambos de Archilochos fuzilam como raios por entre as nuvens negras de procella e os alexandrinos esplendidos do nosso poeta ullulam, encapellando-se, como vagas enfurecidas, e possessas do demonio da tormenta!

Ouçam esse brado, em que renascem as mofas e o desprezo de Juvenal:

Lá vai correndo as ruas da cidade,
A quatro, um titular da grande sociedade.
Que apparatuso trem, que fardas d'espavento!
Pasma o futil vulgacho em face do portento!
Quem é? sabem quem é: conhece-o todo o mundo:
Um nobre, um par do reino, um sapo nauseabundo,
Que á plena luz do sol, viscoso e repellente,
Ou na praça ou na rua enoja a toda a gente!

Este illustre varão, poço de iniquidades,
Tem — faculta-lhe a lei — varias immunidades:
Póde até legislar! ó povo desgraçado,
Decide-te da sorte o voto d'um forçado,
Que, se houvesse moral, já não seria estranho
Vê-lo com a braga ao pé a trabalhar no banho!

A satyra que tem por titulo *Dalila* reúne, a

meu vêr, quantos predicados se exigem da satyra, para que ella nem na grandeza, nem na magestade, nem na eloquencia, nem na indignação, nem na ironia, desça das alturas em que deve pairar, sob pena de deixar de ser a musa terrivel do sarcasmo e transformar-se na collareja desbragada e plebêa dos mercados.

Este é o perigo supremo, a catastrophe séria que ameaça a maior parte das imprecções poeticas da actualidade. A satyra ha-de ser mais do que um aggregado de epithetos deprimentes e de injurias villãs, embora ligados n'um feixe poetico pelo laço prestigioso de um rythmo sonoro e opulento.

E' preciso sobre tudo que a satyra não perca nunca a elevação da idéa, a finura subtil da analyse, o cambiante feliz e inesperado nos traços incisivos e rapidos das suas ironias e que a colera, que a domina, não a afunde no charco das obscenidades grosseiras nem a rebaixe ás indecencias avinhadas de uma bacchante meio despida.

Eis um trecho da satyra a que nos referimos :

Que singular mulher ! que estranha formosura !
 Tem tudo — o andar, o gesto, a graça da figura !
 No purissimo azul dos olhos crystallinos
 A luz que nos transporta aos extasis divinos.
 Casando-lhe a altivez co'a tímida innocencia,
 Deu-lhe ao rosto o ideal a mão da Providencia.
 O devoto dirá, vendo-a rezar no templo :
 « Não póde ser do mundo aquella que eu contemplo ;
 Se és anjo implora a Deus o bem da humanidade ! »
 Tal assombro produz a magica beldade !

Pois bem, esta mulher — mulher unicamente —
 Enreda, calumnía, infama a toda a gente.
 No livro de orações á margem tem marcado
 O dia da entrevista, o ponto combinado.
 Uma vez escondeu, por ser o caso instante,
 No berço d'uma filha as cartas d'um amante.
 Profanando, sem alma, o coração do lar,
 Profana tudo mais: a prol', o templo, o altar;
 Mas como entra no mundo apparatusa e rica,
 Co'as virtudes da santa o mundo se edifica!

Esta magnifica satyra, recheada, como vêem, de contrastes felizes, de antitheses de hypocrisia e de devassidão, de perfidia e de cynismo, prosegue sempre variada nos tons, acertada nos cambiantes e nas gradações. Na ultima parte d'ella, o poeta figura uma infeliz trahida nos seus amores pelo homem de quem teve uma filha. A sociedade mostra-se indifferente a tão grande infortunio.

Perante este egoismo revoltante do corpo social o poeta exclama:

O mundo que applaudiu as galas deslumbrantes
 Da perfida ao marido e perfida aos amantes
 Co'a implacavel moral que inflamma a gente séria
 Desampara a infeliz prostrada na miseria.

Bemdito seja Deus! — os que mais fazem d'isto
 Andam sempre a invocar teu santo nome, ó Christo.

A moralidade que respira esta composição, o character impessoal com que fecham estes versos esplendidos, irreprehensíveis, aonde, além do artista que inventa, ha o lapidario paciente que pule os prismas do diamante, o Benvenuto Cellini que

lavra com um buril privilegiado e unico os primores da phantasia, tornam admiravel a satyra de *Dalila*; e provam a elevação artistica a que póde attingir, nas mãos de um poeta eminente e sabedor da arte, um genero aliás tão perigoso e cercado de precipicios.

As suas satyras, até hoje publicadas, respiram pela maior parte a punição das apostasias e a audacia generosa das aspirações da liberdade, sem os doestos e as represalias sanguinolentas que geralmente, seja qual fôr o paiz e o talento do escriptor, salpicam a satyra, e por vezes a fazem rojar pelos tremedaes, desgrenhada, odienta, plebêa.

Quando nos lembra que Barbier, o notavel e fogoso poeta, que em plena monarchia de julho fez lampejar em todo o seu fulgor os raios da satyra antiga, descrevia a liberdade como uma mulher robusta,

*Qui ne prends ses amants que dans la populace
 Qui ne prête ses larges flancs
 Qu'a des gens forts comme elle, et qui veut qu'on l'embrasse
 Avec des mains rouges de sang,*

e se extasiava com o fanatismo servil de um liberto de Claudio diante das escorias sociaes, animadas de odios profundos ás quaes elle chama

La grande populace et la sainte canaille

é facil prever a quantas aberrações, a quantos

desregramentos póde arrastar, quando manejada por mãos imprudentes ou inhabeis, esta arma litteraria em que, se por um lado, respiram as paixões nobres e viris, por outro fermentam, não raro, os sentimentos baixos, as vinganças biliosas, e a licença deshonesta das maximas torpezas.

Ainda bem que a satyra de Bulhão Pato é sempre elevada. Que outros não a prostituam aos convicios das encruzilhadas e não a manchem com o lodo das infamias partidarias, é o nosso voto mais sincero.

Oxalá que não se vulgarize um genero litterario que, pela sua mesma natureza, não póde ser na arte senão uma manifestação excepcional, tendo-se em conta a exaltação febril e as paixões acerbas, necessarias para a sua gestação, e de que ella vive infelizmente como da sua vida natural e permanente.

Sente-se porém admiração espontanea, irresistivel, bem diz-se até o jambo de Archilocho e o latego de Juvenal, quando n'elles trôa a eloquencia vingadora de *Victor Hugo no Calvario*, e da *Velhice do Seculo*. E' que então a arte reveste-se, deslumbrando-nos, de todos os esplendores das auroras boreaes.

Quando a musa sobe tão alto na indignação e na eloquencia, e dos seus pincaros de luz e de chammas, ao mesmo tempo magestosa é terrivel, dardeja raios ardentes, que alumiam e abraçam

quanto tocam, a grandeza solemne da scena assoberba o espectador, e subjuga-lhe por tal fórma as faculdades da analyse e da critica, que estas como que se paralyssam, para só viverem as do enthusiasmo e as da admiração.

Ouçamos o poeta :

Já um dia em Paris a honrada burguezia ¹
 Fraternalizou tambem co'a santa clerezia,
 Protegeu a matança, e depois d'esse horror
 Assentou sobre o throno um certo imperador.
 Veio a paz, engordou — embora amordaçada, —
 O clero a dominar a plebe fascinada ;
 Nos campos a nudez, nas côrtes a opulencia ;
 Os excessos do luxo a darem na demencia ;
 Censura ao pensador, licença ao imbecil,
 Ao zombeteiro estulto, ao escriptor mais vil.
 Que succedeu depois ? — o tronco derrancado
 O fructo que produz é fructo desgraçado.

O direito era a força, e julgando-a tamanha
 Claudio ousou provocar os brios da Allemanha.
 O clero abençoava o protector de Roma :
 Rugia o seu leão e sacudia a coma.
 De repente a panthera atira-se ao leão,
 Mas encontra na garra um Cesar charlatão.

Não podem apagar-se versos como estes. Fundidos em bronze, teem a solidez e hão-de ter a duração e o relevo das moedas e das estatuas d'aquelle metal. A posteridade ha-de sentir para estas composições a mesma admiração que sente para as satyras de Persio e de Juvenal, de Barthelemy e

¹ Victor Hugo no Calvario (*Cantos e Satyras*), pag. 160.

de Augusto Barbier; porque nas satyras de Bulhão Pato fundem-se com primor igual a grandeza e a elevação da invectiva na pureza inexcedível, perfeitissima do rythmo, — nos mais sonoros e valentes alexandrinos, em que póde esculpir-se a linguagem de um poeta portuguez.

Troveje elle muito embora na satyra e folgue, por momentos, de se nos revelar por entre os fulgores do raio e o granizo de fogo dos coriscos dos seus alexandrinos; mas, por Deus lh'o pedimos, não se despeça das regiões do seu lyrismo encantador. Não diga para sempre adeus á musa travêssa e devaneadora da *Paqueta*,—d'esse poema que lhe conquistou os fóros de eminente poeta, — d'esse poema, que é um monumento indestructivel como já é tambem o tormento dos seus detractores; porque bem sabe elle que a corôa da gloria litteraria é desgraçadamente cravada, por dentro, dos espinhos da inveja, que, por baixo das folhas de louro estão de continuo ensanguentando a fronte dos infelizes que a cingem!

Em resumo: eloquente, magestoso, por vezes terrivel, vibrando o sarcasmo, manejando a ironia, nunca descahindo nas vulgaridades grosseiras, nem se atolando nos paúes da injuria torpe (escolho dos talentos pouco delicados que confundem o vozear das feiras com as imprecações nobres), Bulhão Pato sabe dar ás suas satyras ás mais altas con-

dições de decoro, de pudor, e de grandeza, de que é susceptível esta fôrma de poesia.

As suas invectivas teem a magestade classica. Assumem proporções epicas, os sacrificios, as hecatombes, em que supplicia as suas victimas. Inspiram-no porém, sem nunca o desamparar, sentimentos nobres, propositos generosos, amor ardente da justiça, da liberdade, do progresso humano e social.

E' por isso que, percebendo as intenções puras do poeta, sem desconhecemos as exagerações a que aliás pôde levar tal genero de poesia, o applaudimos por esta brilhantissima manifestação do seu talento, onde alcançou victoria não menos assignalada e decisiva do que nos canticos da poesia lyrica, nos carmes da elegia, e principalmente nas ficções graciosas da *Paquita*, em que com felicidade summa seguiu entre nós as pisadas do Ariosto e de Casti, affirmando sempre a sua individualidade.

D'essa *Paquita*, de quem o snr. Alexandre Herculano escreveu « que a amou desde o berço porque representa na litteratura actual uma restauração, e nega um progresso: restauração santa e progresso mentido », esperamos com avidéz que não se demore a contar-nos o seguimento das aventuras que correu com o seu Pepé. Está a publicar-nos na memoria a lembrança d'aquella ermida, em que ao repontar do sol nos outeiros, Angelita

se encontra com Pepe, enleados de se verem áquella hora da manhã. E o pasmo de Pepe quando em sitiaes ouve que Angelita pretende casal-o? E a ingleza que n'esse momento se aproxima dos dous? E as questões acaloradas entre o marido de Herminia e o da consuleza? E o desafio dos dous apaziguado pelo mofino do Pepe, cujos amores esvoaçam sobré as tres adoraveis creaturas que o cercam, como borboletas sobre flôres? E aquella walsa do baile, cuja descripção tem a vivacidade calorosa da do Amaury? E a viagem da despeitada Herminia para Athenas? a febre mortal de Pepe quando se vê abandonado por ella? a solicitude de Angelita correndo de noite a visitar o joven andaluz moribundo? e o encontro d'ella com a formosa Adelina, a ingleza dos olhos azues, junto do leito do enfermo?

Quando nos ha-de elle desenvencilhar toda esta meada intrincadissima?

Os lances enredam-se alli n'um tal labyrintho vertiginoso de aventuras, de malicias, d'enganos, de paixões, que só poderemos alcançar o fio de Ariadna na continuação do poema, de que o author (esperamol-o) não abrirá mão, sem primeiro satisfazer a nossa curiosidade, rematando ao mesmo tempo o monumento da sua gloria de póeta, monumento que ha-de avultar para o futuro entre os mais bellos e originaes da nossa poosia contemporanea.

D. THOMAZ DE MELLO

(SCENAS DE LISBOA ¹)

Ha, por vezes, nas paginas d'este livro a exactidão dolorosa de uma photographia implacavel. O author, poeta de sentimento e experiente da vida, sondou, parece, muitas das feridas moraes que sangram a cada pagina do seu livro. E' mau—quem o duvida?—o circulo dos personagens desentranhados, pelo author, do vivo da sociedade a que adherem, como a tunica adheria á arcada do peito do Centauro. Vêem-se formigar em cada pagina a mulher dissoluta, o filho rebellão, o aba-direita callejado na embriaguez e no jogo. Sobem ao de cima, revolvendo-se aquellas paginas, todas as impurezas nauseabundas que fermentam nos lupanares, nos *retiros* avinhados, nas casas de penhores, e das tabolagens.

¹ Um volume, 1.ª parte, 1874. Lisboa.

Essa parte da sociedade portugueza, que adormece nos vicios da ociosidade, se é que não apodrece nos esterquilinios da degradação moral, está allí fielmente retratada. Insensível a todos os bríos, só desperta aos clamores da orgia. Surda ás commoções generosas do bom e do bello, sómente se compraz nas lutas grosseiras, estimulando-se com os ardores alcoolicos. Podia ser louca, devaneadora, poetica, entusiasta, mas não o é; porque não tem nem crenças, nem ambições, nem ideal. Dêem-lhe um cavallo, por magro que seja, uma amante devastada, uma cêa bem grosseira na *Tia Joanna* ou na *Perna de Pau*, uma guitarra para tocar um *fado corrido*, e tel-a-heis contente. Que tristeza profunda, meu Deus! vêr envelhecer no vinho e na orgia tantas creaturas que, honrando-se a si mesmas pelo estudo e pelo trabalho, podiam honrar a patria! Vêr por essas ruas arrastando-se como sombras, gastos, aborrecidos, materializados, estupidos tantos moços, em que podia brilhar a chamma do talento, se seus paes não os houvessem desde os mais verdes annos condemnado á ignominia de uma adolescencia analphabeta, vadia e dissipadora!

Por entre as nuvens carregadas da atmosphera das tabolagens e dos lupanares luzem uns ephemeros clarões de bondade, na physionomia suave de Rosinha, a costureira cruelmente enganada nos seus affectos por D. Francisco de Noronha, que a

abandona, e ao filho dos seus amores secretos. Inspira-nos sympathia o generoso animo de Manoel de Abreu, o laborioso e honrado logista da cidade baixa, que, condoído da desgraça de Rosinha, e mais tarde apaixonado por ella, lhe pede a mão de esposa, adoptando por seu o filho d'ella e de D. Francisco de Noronha. Ha unção de sentimento e despretenciosa naturalidade nas paginas que teem por titulo *Historia da Rosinha*.

Georgina e Leonor, mulheres dadas aos artificios dos amores venaes, pertencem á numerosa categoria de creaturas que vivem no peccado, com o peccado e pelo peccado. Ignora-se, nas grandes cidades, a sua procedencia e o seu destino. Apparecem e desaparecem, sem se dar por isso. A sua historia é de ante-mão sabida, porque a de uma é a de todas. Ha, talvez por isso mesmo, traços seguros no esboço d'estas physionomias, que nos mostram que o author estudou attentamente os typos que reproduz.

A apologia de Rosinha, que é sem duvida a figura mais sympathica, com Manoel de Abreu, da extensa galeria das *Scenas de Lisboa*, transporta-nos pela memoria áquelle tempo de douda phantasia, em que Alfredo de Musset pintava com as tintas mais opulentas da sua imaginação risonha e juvenil as Mimi Pinsons e as Bernerettes.

«Digo e sustento, assim se exprimia o Marcello da Mimi Pinson, que se deve e póde fazer o elo-

gio das costureiras, e que o uso moderado d'ellas é bom.» O que o author pensará a este respeito, ignoramol-o profundamente.

Rosinha, mal casa com Abreu, não tarda a morrer do amor tão ingratamente retribuido por D. Francisco de Noronha. Estes typos sentimentaes de creaturas, que cahiram no abysmo da desgraça, e que, salvas depois por mão generosa e protectora, não sobrevivem ás feridas profundas e mortaes do primeiro amor, — embora este tenha sido para ellas o desprezo, o vilipendio e a ingratição suprema, — estes typos, diziamos, são a continuação da familia das mulheres arrependidas e regeneradas dos dramas de Alexandre Dumas, filho, e glorificadas por alguns romancistas francezes. Não nos extasiamos perante esses typos, confessamol-o, nem acreditamos na verdade d'esta criação litteraria. O que apenas constitue mero accidente e solitaria excepção, só por ousado esforço de paradoxo póde ser levantado ás alturas e preeminencias de regra geral.

Não é vulgar depararem-se-nos essas mulheres, que vivem admiravelmente em quanto penam as torturas dilacerantes da fome e da miseria, e que se definham e morrem, logo que algum bom e soffredor Manoel de Abreu as submete ao sadio regimen da sopa, vacca e arroz, e lhes dá algumas libras para alfinetes. Por mim receio sómente, que taes mulheres se eternisem, quando encontrarem

n'este valle de lagrimas tão farta ucharia e tão inesperada fonte de prosperidades. Essa escóla, que ha mais de vinte annos, anda a fazer exposição, através da litteratura, de mulheres tísicas e minadas pela febre da paixão, essa escóla que faz escarrar sangue a todas as suas heroínas, e que transforma a enfermaria dos hospitaes e os leitos das moribundas em tragedias permanentes de amor, não póde prolongar-se por muito tempo. Oppõem-se-lhe a verdade constante dos factos e as aspirações da sociedade para uma litteratura mais sã, mais vigorosa, que respire longe da atmosphera doentia do vicio e do amor mercenario.

São ellas que lhe exigem que deixe de poetisar os typos das suas heroínas esguias, enfermas, tísicas, as quaes no franzino do corpo, na pallidez do rosto, e no encovado dos olhos febris parecem a imitação dos vultos angulosos, gastos, macerados, cadavericos dos monges da meia idade.

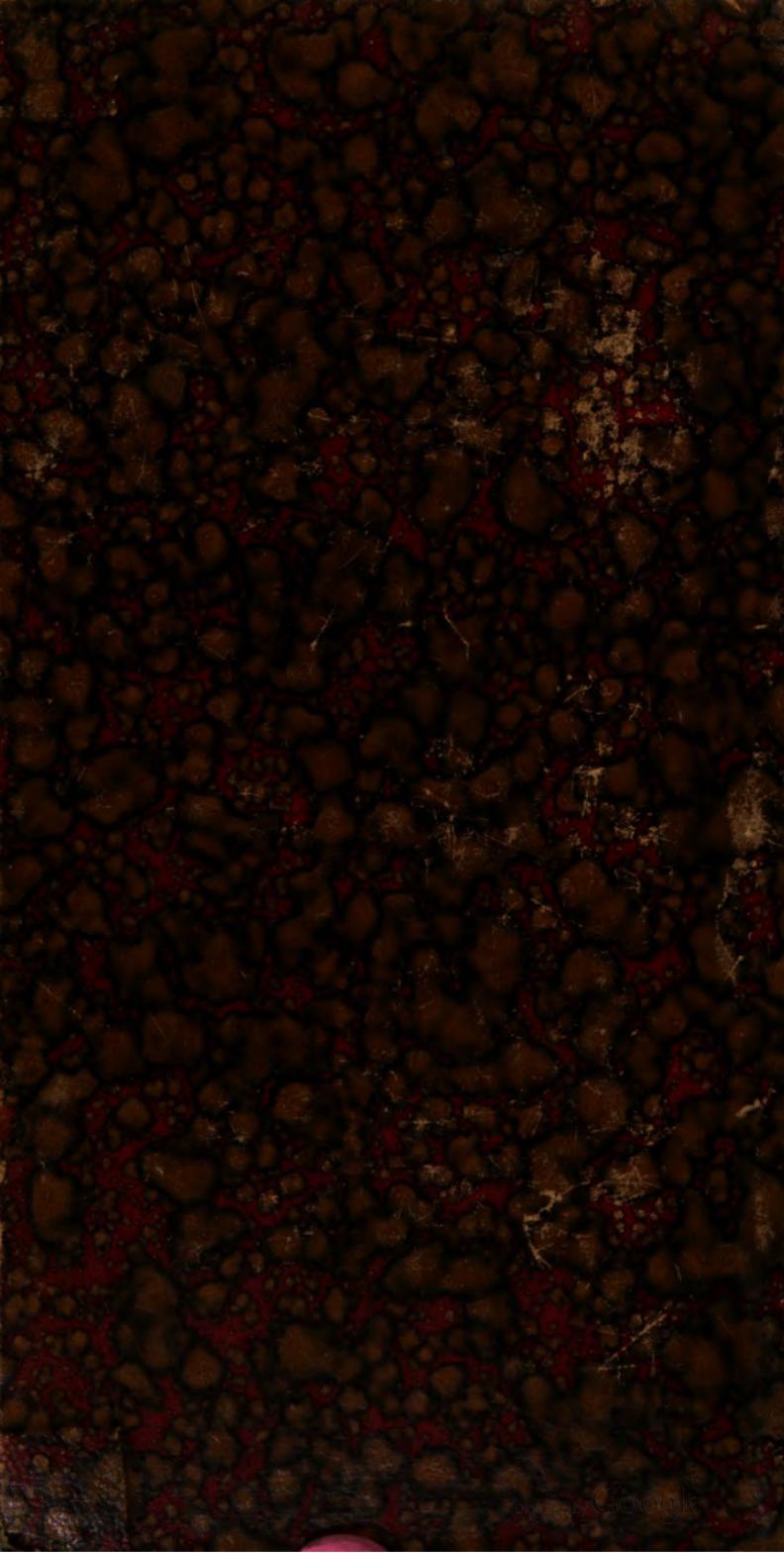
E' verdade que os extremos tocam-se. A summa abstinencia enfraquece e mata, tanto como os abusos da devassidão, ou as sensualidades grosseiras da orgia. D'aqui procede, que partindo de épocas e de aspectos distantes e até oppostos, parece que a litteratura da escóla de Dumas filho, na galeria numerosa das suas variadas *Damas das camelias*, imita as artes plasticas, anteriores á Renascença. Os escriptores, idealizando os seus typos de romance, imprimem ás suas figuras de hoje as mes-

mas fórmas debeis, as mesmas feições devastadas, o mesmo olhar amortecido, que os pintores da vida ascetica davam outr'ora ás virgens dos cenobios e ás doutoras da igreja.

E todavia, se as heroínas da escóla a que nos referimos, nos apparecem tão extenuadas, a culpa não é de certo nem dos cilicios, nem dos jejuns rigorosos. Nos tempos do ascetismo feroz, a carne era a vencida; ao passo que agora não só é a vencedora, mas até alardêa seus triumphos, cercada de novo, em pleno seculo dezenove, pelo cortejo das concupiscencias e das depravações da Roma dos imperadores.



FIM



1
2
CONTU